



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS E AMBIENTAIS
CAMPUS II – LAGOA SECA
ESPECIALIZAÇÃO EM AGROECOLOGIA**

JOSEFA FRANCISCA DA SILVA VIEIRA

**ANÁLISE DO PROCESSO DE FORMAÇÃO DA FEIRA AGROECOLÓGICA DOS
BANCÁRIOS: Características dos feirantes e consumidores da feira localizada no
Bairro dos Bancários - João Pessoa-PB**

LAGOA SECA-PB

2016

JOSEFA FRANCISCA DA SILVA VIEIRA

**ANÁLISE DO PROCESSO DE FORMAÇÃO DA FEIRA AGROECOLÓGICA DOS
BANCÁRIOS: Características dos feirantes e consumidores da feira localizada no
Bairro dos Bancários - João Pessoa-PB**

Trabalho de Conclusão do Curso apresentado à Coordenação do Curso de Especialização em Agroecologia-Residência Agrária, realizado pelo convênio PEC/MSC/PRONERA/INCRA/MST/UEPB no Centro de Ciências Agrárias e Ambientais da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de especialista em Agroecologia-Residência Agrária.

Área de concentração: Agroecologia e Extensão Rural

Orientadora: Shirleyde Alves dos Santos

LAGOA SECA-PB

2016

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

V658a Vieira, Josefa Francisca da Silva
Análise do processo de formação da feira agroecológica dos bancários [manuscrito] : Características dos feirantes e consumidores da feira localizada no bairro dos Bancários, João Pessoa-PB / Josefa Francisca da Silva Vieira. - 2016.
123 p. : il.

Digitado.
Monografia (Especialização em Agroecologia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Agrárias e Ambientais, 2016.
"Orientação: Prof. Ma. Shirleyde Alves dos Santos, Departamento de Agroecologia e Agropecuária".

1. Agroecologia. 2. Movimentos sociais do campo. 3. Feira Agroecológica. I. Título.

21. ed. CDD 630

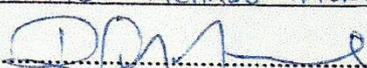
UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa
Coordenação Geral dos Programas de Pós-Graduação *Lato Sensu*

ATA DE DEFESA DE MONOGRAFIA

Aos 04 do mês de 03 do ano de às 10 horas, local ^{Camp II} UEPB - Campina Grande - PB, reuniu-se, na forma e termos do Art. 26 do Regulamento Geral dos Programas de Pós-Graduação "Lato Sensu" da UEPB, a banca examinadora, composta pelos professores Shirleyde Alves dos Santos na qualidade de Presidente/orientador, Prof. Fabio Agra de Medeiros Nápoles - UEPB, Profa Maria do Socorro Xavier Batista (..... UEPB), na qualidade de membros titulares, para julgamento da monografia do(a) aluno(a) Josefa Francisca da Silva Vieira Intitulada "Análise do Processo de Formação da Feita". A sessão pública foi aberta pelo Presidente Prof. SHIRLEYDE ALVES DOS SANTOS, convidou o Prof. MARIA DO SOCORRO XAVIER para iniciar a arguição, dando continuidade, o Prof. FABIO AGRA MEDEIROS NAPOLES prosseguiu com a arguição, o Prof. SHIRLEYDE ALVES DOS SANTOS fez os comentários finais. Posteriormente, o presidente da banca examinadora solicitou a retirada da Assembleia para, em sessão secreta, avaliar o(a) candidato(a). Após a análise da banca examinadora foi atribuído o conceito **APROVADO(A)**, com a nota 9,2 (na escala de 0 a 10) o qual foi proclamado pela presidência perante o público presente. Face à aprovação, declarou o presidente achar-se o(a) candidato(a) legalmente habilitado a receber o certificado de Especialista em AGROECOLOGIA, cabendo à Universidade Estadual da Paraíba providenciar a expedição do certificado ao qual o mesmo faz jus. Nada mais havendo a tratar eu, Shirleyde Alves dos Santos, lavrei a presente Ata, que lida e aprovada, assino juntamente com os demais membros da Banca Examinadora.

Campina Grande, 04 de Março de 2016.

Campina Grande, 04 de março de 2016.

RODRIGO MACHADO MOREIRA

Secretário(a)

Shirleyde Alves dos Santos
Prof. Shirleyde Alves dos Santos
Orientador(a)

MARIA DO SOCORRO XAVIER BATISTA
Prof. Maria do Socorro Xavier Batista
Membro Titular

FABIO AGRA DE MEDEIROS NAPOLES
Prof. Fabio Agra de Medeiros Nápoles
Membro Titular

* Agroecológica:

JOSEFA FRANCISCA DA SILVA VIEIRA

**ANÁLISE DO PROCESSO DE FORMAÇÃO DA FEIRA AGROECOLÓGICA DOS
BANCÁRIOS: Características dos feirantes e consumidores da feira localizada no
Bairro dos Bancários - João Pessoa-PB**

Trabalho de Conclusão do Curso apresentado à
Coordenação do Curso de Especialização em
Agroecologia-Residência Agrária, realizado
pelo convênio
PEC/MSC/PRONERA/INCRA/MST/UEPB
no Centro de Ciências Agrárias e Ambientais
da Universidade Estadual da Paraíba, como
requisito parcial à obtenção do título de
especialista em Agroecologia-Residência
Agrária.

Área de concentração: Agroecologia e
Extensão Rural

Aprovada em: ___/___/_____.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Shirleyde Alves dos Santos (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Profa. Dra. Maria do Socorro Xavier Batista (Examinadora)
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

Prof. Dr. Fabio Agra de Medeiro (Examinador)
Universidade Estadual da Paraíba(UEPB)

Dedico este trabalho ao meu querido esposo e
minha família, pelo carinho e apoio nessa
trajetória e caminhada da Residência Agrária.

AGRADECIMENTOS

É com imensa gratidão que escrevo os agradecimentos na fase final deste curso de especialização em Agroecologia que me orgulho ter conseguido concluir. Posso afirmar que o meu estágio de vivência em residência agrária se iniciou logo após meu nascimento, pois sou filha de agricultor, ou melhor, de camponeses assentados pela a Reforma Agrária. Reafirmo que agricultura familiar camponesa faz parte de minha história de vida. Ser camponês para mim é amanhecer no campo ouvindo o cantar dos pássaros, o batido da inchada, tomar um café bem quentinho no pé do fogão de lenha ouvindo um forró de pé de serra no rádio, tudo isso é parte da minha história.

Agradeço a Deus por toda essa história de vida e por ter terminado esse curso, foi uma caminhada árdua, mas com um objetivo: ser especialista em agroecologia para poder contribuir com o desenvolvimento sustentável e com uma agricultura familiar camponesa.

À minha família, meus pais e meu irmão Iranildo e familiares pelo apoio e compreensão pelos momentos difíceis.

À minha irmã querida e companheira de todas as horas Geralda, pelo apoio em todos os momentos desde curso. Sua companhia foi fundamental nesta caminhada; graças a Deus chegamos ao termo do curso. Deus é fiel!!!

Ao meu querido esposo José Vieira agradeço por tudo, você foi minha inspiração para continuar lutando pelos meus objetivos como estudante!!! Portanto, sou muito grata por você ser meu amigo, esposo, companheiro de todas as horas. Obrigada, Senhor, por ter colocado uma pessoa tão maravilhosa no meu caminho, te amo meu amor!!!

Aos amigos que conquistei ao longo do curso, pelos momentos compartilhados, com pessoas especiais que não posso esquecer jamais como: Alessandro, Julyanner Leite, Erinaldo, Jânio, Márcia, Dalva e José Carlos, secretário de agricultura de Lagoa Seca, este último que desistiu no meio da caminhada e minha amigas Joelma Farias, Lenice.

Agradeço a Washington Santos por ter contribuído muito com esta pesquisa, seu apoio foi fundamental para realizar a pesquisa de conclusão do curso. Muito obrigada, amigo, sou muito grata.

Agradeço a todos os agricultores pelo apoio e carinho comigo durante toda essa caminhada: Ao senhor Nildo, Rosimere, Lucélia, Luciana, José Fábio e sua esposa Lidiane, Cristiano, Antônio, José Carlos, Marcos, esses são os guerreiros da feira desde o seu início,

que estão presentes na feira, enfim, a todos que fazem parte da feira e que não foram citados aqui.

Agradeço à professora da Universidade Federal da Paraíba Maria do Socorro Xavier Batista e o professor da Universidade Federal do Ceará, Valdermarim Coelho Gomes pelo apoio durante toda a minha trajetória acadêmica. Pela nossa vida acadêmica passam muitos professores, cada um diferente do outro, mas para o bem ou para o mal todos deixam uma marca. Hoje eu posso dizer que nenhum deixou marca tão positiva e permanente quanto vocês, querida professora e querido professor. Sou muito grata por tudo que aprendi com vocês não apenas sobre o material, mas também sobre a vida e como ser uma pessoa melhor, eu lhe agradeço! Vocês é um exemplo de pessoas e soube motivar para aprender e despertar minha curiosidade; um agradecimento do fundo do meu humilde coração.

Agradeço a todos os professores mestres que se dedicaram com esse curso.

Agradeço à minha orientadora pela dedicação e companheirismo com este trabalho.

Agradeço à comissão da feira na pessoa de Washington, Iolanda, Aldemir e Anselmo; sou muito grata todos vocês.

Agradeço a Gentil do INCRA pelo convite e incentivo a participar do processo seletivo desta especialização.

Agradeço ao professor Rodrigo, por me ter acolhido tão bem nessa caminhada cheia de desafios, mas sempre estava ali para apoiar como coordenador e como amigo.

Agradeço à CPT do Sertão, pelo apoio e à CPT de João Pessoa pelo acolhimento nesta pesquisa.

“Deus nos deu a vida, resta nós lutarmos pelos nossos objetivos, traçar as metas para percorrer o caminho que leva à conquista dos sonhos.” (VIEIRA, 2016)

RESUMO

O presente trabalho tem como objeto de pesquisa analisar o processo de formação da Feira Agroecológica, localizada no bairro dos Bancários no município de João Pessoa - PB. O objetivo geral é analisar o processo de formação da Feira Agroecológica do Bairro dos Bancários João Pessoa-PB. Nos específicos: a) conhecer o processo de organização a partir da produção até a comercialização; b) identificar as principais características dos feirantes que atuam na feira; c) conhecer o perfil dos consumidores dos produtos da feira; e) divulgar a feira agroecológica a partir da produção de folhetos informativos, incentivo à criação de um grupo nas redes sociais. Metodologicamente, caracteriza-se como pesquisa participante. Para atingir o objetivo proposto, desenvolveu-se por meio de diferentes instrumentos, entre eles: observação participante, caderno de campo, diálogo, visitas, registro fotográfico. Outro instrumento utilizado foi o questionário, este foi aplicado com os feirantes e consumidores. O questionário foi aplicado com onze (11) feirantes com perguntas fechadas e abertas e com 29 (vinte e nove) consumidores, sendo que neste caso foram perguntas fechadas. Utilizamos como leitura bibliográfica para o embasamento do referencial teórico Altieri (2012, 2004), Machado e Machado Filho (2014), Silva (2009) e outros como instrumento de coleta de dados. O trabalho monográfico se encontra estruturado em quadro capítulos: no primeiro, descrevemos o caminho do desenvolvimento do trabalho. No segundo o referencial teórico sobre agroecologia. O terceiro traz um apanhado da história de luta dos movimentos sociais na luta pela terra e o quarto os resultados da pesquisa na Feira Agroecológica do Bairro dos Bancários-João Pessoa. Os resultados foram obtidos por meio da realização de gráficos e tabelas dinâmicas com o auxílio da ferramenta Excel do Microsoft Office. Através da pesquisa é possível afirmar que o processo de organização da feira começou a partir de um convite, de um funcionário da Clínica “Equilíbrio do Ser” à CPT para organizar uma feira agroecológica; em agosto de 2013 foi realizada a primeira Feira. Traz o resultado do perfil dos feirantes com também dos consumidores: no perfil dos feirantes naturalidade, tamanho do lote, a faixa etária de idade e tem alguns deles que já participar de outras feiras. Enquanto o dos consumidores mostra naturalidade, renda, como também traz um resultado muito importante dos consumidores da feira, 75,90% são mulheres conforme o gráfico 10. A pesquisa possibilitou a divulgação da feira através de panfleto, redes sociais e banner.

Palavras-chave: Agroecologia. Movimentos Sociais do Campo. Feira Agroecológica.

ABSTRACT

This work has as an object of research to analyze the process of formation of Agroecology Fair, located in the Bank neighborhood in the city of Joao Pessoa - PB. The general objective is to analyze the process of formation of Agroecology Fair Quarter Banking João Pessoa-PB. In particular: a) know the organization process from production to marketing; b) identify the main features of the merchants who work at the fair; c) know the profile of consumers of fair products; e) disclose the fair agroecological from the production of leaflets, encouraging the creation of a group on the social networks. Methodologically, is characterized as participatory research. To achieve this purpose, it has developed through different instruments, including: participant observation, field notes, dialogue, visits, photographic record. Another instrument used was the questionnaire, this was applied to the merchants and consumers. The questionnaire was applied with eleven (11) merchants with open and closed questions and 29 (twenty nine) consumers, in which case were closed questions. Use literature as reading for the foundation of theoretical Altieri (2012, 2004), and Machado Machado Filho (2014), Silva (2009) and others as data collection instrument. The monograph is structured in four chapters: the first, described the path of development work. In accordance with the theoretical framework of agroecology. The third provides an overview of the history of struggle of the social movements in the struggle for land and the fourth survey results at the Fair Agroecological the neighborhood of Bank-João Pessoa. The results were obtained through the completion of charts and pivot tables with the help of the Excel tool for Microsoft Office. Through research we can say that the process of organizing the fair started from an invitation, an employee of the Clinic "Balance of Being" the CPT to arrange a agroecological fair; in August 2013 the first Fair was held. Brings the result of the profile of the fairground with also consumers: the profile of the fairground naturally, lot size, age old and have some of them already participate in other fairs. While the consumer shows naturally income, but also brings a very important result of the fair consumers, 75.90% are women as graphic 10. The survey allowed the wandering of the fair through pamphlet, social networks and banner.

Keywords: Agroecology.Rural Social Movements. Agroecological Fair.

LISTA DE SIGLAS

ABA	Associação Brasileira de Agroecologia
ANVISA	Agência Nacional de Vigilância Sanitária
ATER	Assistência Técnica e Extensão Rural
ATES	Assessoria Técnica, Social e Ambiental
CAAASP	Central das Associações dos Assentamentos do Alto Sertão Paraibano
CEBS	Comunidades Eclesiais de Base
COOASP	Cooperativa da Agricultura e Serviço Técnico do Litoral Sul Paraibano
COONAP	Cooperativa de Trabalho Múltiplo de Apoio às Organizações de Autopromoções
COOPTERA	Cooperativa de Prestação de Serviços Técnicos de Reforma Agrária
CONSPLAN	Consultoria e Planejamento de Projetos Agropecuários
CPT	Comissão Pastoral da Terra
ECOVARZEA	Associação dos Agricultores e Agricultoras Agroecológicos da Várzea Paraibana
EMBRAPA	Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
IAP	Investigação Ação Participativa
IDAC	Instituto de Ação Cultural
INCRA	Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
MCP	Movimento de Cultura Popular
MDA	Mistério de Desenvolvimento Agrário
MMC	Movimento de Mulheres Camponesas
MMTNs	Movimento da Mulher Trabalhadora do Nordeste
MST	Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra
NEPPAS	Núcleo de Estudos, Pesquisas e Práticas Agroecológicas do Semiárido
PAs	Projetos de Assentamento
PCB	Partido Comunista Brasileiro
PNRA	Plano Nacional da Reforma Agrária
PNSAN	Política Nacional de Segurança Alimentar Nutricional

PRONERA	Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária
SAN	Segurança Alimentar Nutricional
SAPPP	Sociedade Agrícola de Plantadores e Pecuáristas de Pernambuco
UAST	Unidade Acadêmica de Serra Talhada
UEPB	Universidade Estadual da Paraíba
UFRPE	Universidade Federal Rural de Pernambuco
UNIPÊ	Centro Universitário de João Pessoa
UFPB	Universidade Federal da Paraíba

LISTA DE FIGURAS

Figura 01	Mapa de localização do município de João Pessoa-PB	56
Figura 02	Mapa de localização do bairro dos Bancários – João Pessoa	56
Figura 03	Mapa de localização da Feira Agroecológica no Bairro dos Bancários- João Pessoa	57
Figura 04	Feira Agroecológica do Bairro dos Bancários - João Pessoa-PB	58
Figura 05	Alguns produtos comercializados na Feira Agroecológica	59
Figura 06	Reunião dos feirantes e organização que acompanha a Feira Agroecológica	60
Figura 07	Demonstração da variedade de produtos que tem na Feira Agroecológica	65
Figura 08	Servindo o café da manhã na feira	92
Figura 09	O grupo Los Iranzi.....	93
Figura 10	Apresentação do grupo Los Iranzi.....	93
Figura 11	Grupo da terceira idade.....	93
Figura 12	Apresentação humorista.....	93
Figura 13	Os dois feirantes entregando o balaio à contemplada	94
Figura 14	Oficina de compostagem.....	95
Figura 15	Durante a oficina de compostagem.....	95
Figura 16	Reunião dos feirantes e organização na praça do Equilíbrio do Ser.....	96
Figura 17	Viajando para o P.A: Capim de Cheiro.....	97
Figura 18	O aniversário de Lucélia.....	97
Figura 19	Área de produção de Luciana.....	98
Figura 20	Plantio de maracujá de Marcos.....	98
Figura 21	Os consumidores na área de produção.....	98
Figura 22	Venda dos produtos no intercâmbio.....	98
Figura 23	Poesia construída pelas consumidoras Fátima e Beth durante o intercâmbio.....	99

LISTA DE QUADROS

Quadro 01	Demonstração dos produtos e valores de venda na feira em 2015	61
Quadro 02	Diferenças entre os territórios do agronegócio e da agricultura camponesa	63
Quadro 03	Uso de defensivos naturais na plantação dos feirantes	73
Quadro 04	Diferencia entre está feira das feiras tradicionais.....	74
Quadro 05	Participação de outra feira agroecológica.....	75

LISTA DE TABELAS

Tabela 01	Naturalidade dos feirantes que participaram da pesquisa	65
Tabela 02	Distribuição da idade dos feirantes	66
Tabela 03	Recebe algum benefício do governo federal	67
Tabela 04	Nível de escolaridade dos pesquisados	69
Tabela 05	Número de filhos dos pesquisados por cada família	70
Tabela 06	A titulação da terra	71
Tabela 07	Tamanho do lote	72
Tabela 08	Naturalidade dos consumidores da feira	78
Tabela 09	Bairros onde os consumidores moram em João Pessoa	80
Tabela 10	Sobre o sexo dos consumidores	81
Tabela 11	Faixa etária de idade dos consumidores	82
Tabela 12	Renda dos consumidores pesquisados	83
Tabela 13	Escolaridade dos consumidores da feira	84
Tabela 14	Razões que levaram você a consumir os produtos orgânicos	85
Tabela 15	Consome produtos só desta feira.....	86
Tabela 16	A principal dificuldade para consumir os produtos orgânicos	87

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01	Percentual da origem dos feirantes	66
Gráfico 02	Demonstração da faixa etária de idade dos feirantes	67
Gráfico 03	Renda familiar dos feirantes	68
Gráfico 04	Nível de escolaridade dos feirantes	69
Gráfico 05	Quantidade de filhos por família	70
Gráfico 06	Titular da terra	71
Gráfico 07	Tamanho do lote	73
Gráfico 08	Naturalidade dos consumidores da feira	79
Gráfico 09	Bairros onde os consumidores moram em João Pessoa	80
Gráfico 10	O sexo dos consumidores	81
Gráfico 11	Faixa etária de idade dos consumidores	82
Gráfico 12	Renda dos consumidores pesquisados	83
Gráfico 13	Escolaridade dos consumidores da feira	84
Gráfico 14	Incentiva a consumir os produtos orgânicos.....	86
Gráfico 15	Consome produtos só desta feira.....	87
Gráfico 16	A principal dificuldade para consumir os produtos orgânicos	88

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	18
1.2	Objetivos.....	20
1.2.1	Objetivo geral.....	20
1.2.2	Objetivos específicos.....	20
1.3	Metodologia.....	20
2	APROXIMAÇÕES ENTRE AGROECOLOGIA MOVIMENTOS, SOCIAIS DO CAMPO E EDUCAÇÃO POPULAR	22
2.1	A agroecologia e suas bases epistemológicas e metodológicas	22
2.2	Segurança alimentar e soberania alimentar	28
2.3	A educação popular e a extensão rural na agroecologia	32
2.4	A participação da mulher na luta pela terra e no processo da transição agroecológica	35
3	OS MOVIMENTOS SOCIAIS E AS LIGAS CAMPONESAS NA LUTA PELA REFORMA AGRÁRIA	38
3.1	Alguns apontamentos sobre o surgimento dos movimentos sociais	38
3.2	Breve histórico da questão agrária na região Nordeste.....	41
3.3	A participação das Ligas Camponesas na luta pela terra na região Nordeste	43
3.4	Um breve histórico da fundação das Ligas Camponesas na Paraíba	45
3.5	A luta dos movimentos sociais pela Reforma Agrária no estado da Paraíba	46
4	A FEIRA AGROECOLÓGICA DO BAIRRO DOS BANCÁRIOS: SUA ORGANICIDADE E PRODUÇÃO NA PERSPECTIVA DA SUSTENTABILIDADE	49
4.1	A participação do Programa de Assessoria Técnica, Social e Ambiental nas áreas de assentamentos	49
4.2	Mapeamento das Feiras Agroecológicas na Paraíba	51
4.3	A organização política e a economia solidária	53
4.4	Processo de criação da Feira Agroecológica do Bairro dos Bancários.....	55
4.5	Os resultados da pesquisa	61
4.5.1	Levantamento do perfil dos feirantes da feira do bairro dos Bancários que	

participaram da pesquisa	65
4.5.2 Caracterização do perfil dos consumidores da feira agroecológica do bairro dos Bancários	76
4.5.3 Encontro de avaliação da feira agroecológica após 1 ano de existência	88
4.5.4 Divulgação da feira agroecológica através das redes sociais com apoio do CPT	89
4.5.5 A Feira Agroecológica do bairro dos Bancários: festa comemorando o 1º ano de funcionamento	91
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	100
REFERÊNCIAS	103
APÊNDICES.....	108
ANEXOS	117

1 INTRODUÇÃO

No contexto atual da sociedade em que vivemos a produção da agricultura familiar camponesa ganha espaço na conjuntura política dos movimentos sociais, das universidades, nas redes agroecológicas. São congressos, simpósios, seminários, fóruns realizados pelos protagonistas dos processos de produção, das experiências que são os agentes principais que lutam por uma qualidade de vida e uma sustentabilidade do planeta em que vivemos. Ao longo da história da agricultura camponesa não houve uma valorização na produção orgânica como atualmente o povo está se preocupando com a qualidade dos alimentos que são colocados na mesa para se alimentar.

O presente trabalho tem como objeto de pesquisa a análise do processo de formação da Feira Agroecológica, localizada no bairro dos Bancários no Município de João Pessoa (PB). Essa questão nos sensibilizou, especialmente a partir do Curso de Especialização em Agroecologia, através do Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (PRONERA), ofertado pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), Campus II - Lagoa Seca – Paraíba (PB) que nos despertou para definir como objeto de pesquisa a Feira Agroecológica situada no bairro dos Bancários em João Pessoa-PB que passamos a conhecer quando realizamos o Terceiro Estágio de Vivência, motivo pelo qual decidimos desenvolver esta pesquisa nessa feira.

A agricultura agroecológica e a comercialização dos produtos produzidos pelos camponeses, comercializados diretamente aos consumidores pelos produtores através, de feiras têm sido bem evidenciadas e têm se proliferado no Brasil milhares de experiências.

A agricultura orgânica ou agroecológica e as feiras têm sido muito utilizadas pelos camponeses das áreas de reforma agrária como uma estratégia de melhoria da renda familiar. Na Paraíba os camponeses e agricultores familiares vêm desenvolvendo experiências de agricultura agroecológica e de comercialização de seus produtos em 39 (trinta e nove) feiras de produtos orgânicos ou agroecológicos. Como ressaltam Rodrigues et al.

Os assentamentos rurais vêm se destacando na Paraíba pela dinamização da economia interna e pela geração de emprego para um elevado número de famílias, pois mesmo com a imensa pobreza que permeia quase sempre a etapa posterior à conquista da terra, conseguem reaver laços familiares e interferir na dinâmica local, sendo fundamentais na compreensão do quadro agrário brasileiro atual. Para auferir tal destaque os atores sociais envolvidos, adotaram a produção agroecológica e a organização de feiras livres, onde através desta seria possível comercializar a produção diretamente aos consumidores, além de ser uma alternativa para melhoria da qualidade de vida de suas famílias, e em contrapartida das famílias que consomem os produtos agroecológicos (RODRIGUES et al., 2009, p. 2).

Além disso, evidencia-se nas feiras agroecológicas espaços de conscientização de desenvolvimento socioambiental e de práticas de consumo responsável, como salientam Ramalho e Ferreira:

Desse modo, evidencia-se que nas feiras agroecológicas as práticas de consumo são respostas individuais e coletivas, resultante de reflexões e manifestações dos movimentos sociais de agricultura agroecológica que organizam as feiras a partir de uma perspectiva política na busca do desenvolvimento socioambiental sustentável. Vislumbrando o consumo como uma prática política que incorpora a preocupação e a responsabilidade em prol do meio ambiente (RAMALHO; FERREIRA, 2013, p. 4).

Agricultura sustentável, sob o ponto de vista agroecológico, é aquela que, tendo como base compreensão holística dos agroecossistemas, seja capaz de atender, de maneira integrada e permanente, os critérios dos sistemas produtivos (GLIESSMAN, 2000 *apud* CAPORAL 2013, p. 290).

O trabalho traz uma discussão sobre o surgimento das feiras agroecológicas na Paraíba, especificamente a Feira Agroecológica dos Produtos Orgânicos da Agricultura Familiar localizada na praça do Centro das Práticas Integradas “Equilíbrio do Ser”, no bairro dos Bancários em João Pessoa-PB. Essa feira recebe assessoria técnica da Comissão Pastoral da Terra (CPT) e do Coletivo de Permacultura¹, a CPT acompanham o trabalho de produção dos assentados que dela participam e o Coletivo de Permacultura na feira.

Para introduzir a agroecologia neste estudo ressaltamos vários aspectos importantes: a participação da mulher como peça fundamental a formação de bases, os princípios agroecológico no papel de mudança do modelo de agricultura convencional para o modelo sustentável tendo a feira agroecológica com base de processo sustentável.

O referido trabalho propõe um estudo sobre o papel da agroecologia em rede nos dias atuais. Pois essas redes têm uma dimensão muito importante para as transformações no meio de produção especificamente na agricultura camponesa. Só assim podemos contrapor o modelo do capital que só tem a natureza como uma fonte de exploração e acúmulo de riqueza.

A pesquisa permitiu conhecer a realidade das famílias que produzem e comercializam seus produtos das áreas de assentamentos que participam da referida feira.

¹ É uma cultura que engloba métodos holísticos para planejar, atualizar e manter sistemas de escala humana, (jardins, aldeia e comunidades) ambientalmente sustentável socialmente justo e financeiramente viável. Disponível em: <www.gloole.com.br/#q=permacultura>. Acesso em: 07 set. 2015.

1.2 Objetivos:

1.2.1 Objetivo geral:

Mapear e analisar o processo de produção, comercialização e organização dos agricultores da Feira Agroecológica do Bairro dos Bancários João Pessoa-PB.

1.2.2 Objetivos específicos

- a) Conhecer o processo de organização a partir da produção até a comercialização;
- b) Identificar as principais características dos feirantes que atuam na feira;
- c) conhecer o perfil dos consumidores dos produtos da feira;
- e) divulgar a feira agroecológica a partir (produção de folhetos informativos, incentivo à criação de um grupo nas redes sociais).

1.3 Metodologia

A pesquisa priorizou dados de tipo qualitativo e usou como estratégia na coleta de dados no processo metodológico a pesquisa participante a qual segundo Brandão (1999 *apud* VIEIRA, 2015, p. 18), é “aquela na qual o pesquisador e os pesquisados são sujeitos que constroem sua própria história”. Também Severino (2012, p. 220) diz que a pesquisa participante é aquela em que o pesquisador se coloca numa postura de identificação com os pesquisados. Passa a interagir com eles em todas as situações, acompanhando todas as ações praticadas pelos sujeitos. Enquanto os dados utilizados para formatação de documento, em modelo de monografia, foram extraídos a partir da pesquisa de observação. A observação possibilitou um contato mais estreito com o fenômeno pesquisado. Esse instrumento permitiu que dados fossem coletados de uma maneira que outros instrumentos de pesquisa não atenderiam ao objetivo da pesquisa ((LÜDKE; ANDRI, 1986, p. 26). Como elementos do roteiro para observação foram estabelecidos os produtos comercializados na feira agroecológica do bairro dos Bancários.

Outro método de pesquisa utilizado na pesquisa foi a pesquisa bibliográfica. Esse método para Severino (2012, p.122) é aquela realizada a partir do registro disponível, decorrente de pesquisa anteriores, em documentos imprimidos, como livros, artigos, revistas, monografias, dissertações, teses e etc. Nesse pensamento da pesquisa bibliográfica trabalhei leituras bibliográficas para o embasamento do referencial teórico Altieri (2012, 2004) Machado e Machado Filho (2014) Silva (2009) e outros como instrumento de coleta de dados.

O caderno de campo também nos oportunizou que fizéssemos observações particulares a respeito do processo, com o registro fotográfico.

Para iniciar a pesquisa foi preciso um diálogo com representantes da feira. Sequencialmente, foram feitas visitas periódicas à feira, e visitas às áreas de produção dos agricultores para conhecer as práticas adotadas pelos assentados na organização dos produtos e também trabalhar na perspectiva de divulgação da feira.

Também outro instrumento utilizado foi o questionário, para Severino (2012, p.124) o questionário é um conjunto de questões, sistematicamente articuladas, que se destinam a levantar informações escritas por parte dos sujeitos pesquisados, com vista a conhecer a opiniões dos mesmos sobre os assuntos em estudo. As questões devem ser pertinentes ao objeto e claramente formuladas, de modo a serem bem compreendidas pelos sujeitos. Este questionário foi aplicado com os feirantes e consumidores os dados coletados foram analisados com auxílio de tabelas e gráficos. O questionário foi aplicado com 11 (onze) feirantes com perguntas fechadas e abertas conforme Severino(2012) o questionário fechado as resposta serão escolhidas dentre as opções predefinidas pelo o pesquisado enquanto que o questionário aberto os sujeitos pesquisados pode elaborar as resposta, com suas próprias palavras, a partir de sua própria elaboração pessoal. O questionário fechado foi aplicado com 29 (vinte e nove) consumidores, sendo que neste caso foram perguntas fechadas sobre os produtos comercializados na feira, objetivando a coleta de informações sobre todas as etapas do trabalho que realizamos junto às suas respectivas famílias, desde a produção, até o entendimento de como é o nível de aceitabilidade dos produtos pelo consumidor. O trabalho de pesquisa começou em 2014.

Este trabalho monográfico se encontra estruturado em quadro capítulos: no primeiro capítulo, descrevemos o caminho do desenvolvimento do trabalho. No segundo capítulo o referencial teórico sobre agroecologia. O terceiro capítulo traz um apanhando da história de luta dos movimentos sociais na luta pela terra e a reforma agrária. O quarto capítulo são os resultados da pesquisa da feira agroecológica do bairro dos Bancários-JP. Por fim as considerações finais, apêndices, anexos e referências bibliográficas.

A pesquisa possibilitou uma reflexão sobre a importância dos movimentos sociais no processo de fundação das feiras agroecológicas como também para a transição agroecológica. Conforme Altieri (2004) o potencial político transformador da agroecologia agrega diferentes categorias e grupos sociais, mobilizando-os no sentido da sua afirmação enquanto alternativa social e técnica capaz de superar os impasses do atual padrão de agricultura e de desenvolvimento.

2 APROXIMAÇÕES ENTRE AGROECOLOGIA, MOVIMENTOS SOCIAIS DO CAMPO E EDUCAÇÃO POPULAR

Este capítulo busca tecer reflexões sobre a agroecologia e suas aproximações com os movimentos sociais do campo e a Educação Popular que embasa as práticas educativas vivenciadas pelos agricultores em seus processos de organização para a produção tendo como base a transição agroecológica da agricultura convencional para agroecológica e a comercialização dos produtos orgânicos nas feiras.

2.1 A agroecologia e suas bases epistemológicas e metodológicas

O marco referencial em Agroecologia (EMBRAPA, 2006) é um documento que surgiu não como uma medida administrativa da diretoria-executiva para ser doravante seguida pelo conjunto dos pesquisadores da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), produzido através da reflexão coletiva. Seu processo contou com diferentes organizações da sociedade civil e representantes de outras instituições governamentais interessadas na institucionalização da pesquisa agroecológica na Embrapa. O documento esclarece que a Agroecologia traz um embasamento conceitual e uma abordagem metodológica sobre a transição agroecológica. Na perspectiva da agroecologia o envolvimento ativo dos agricultores e agricultoras na pesquisa é importante, pois é um avanço para construção do conhecimento agroecológico. Podemos perceber por duas razões:

A primeira delas é o reconhecimento de que os próprios agricultores e agricultoras possuem notável capacidade de inovar em suas práticas de manejo, valendo-se para tanto dos recursos disponíveis no meio, sejam eles os recursos da natureza ou os conhecimentos locais. Esse aspecto é de especial relevância para a Agroecologia, um enfoque científico orientado para a harmonização dos agroecossistemas aos meios socioambientais. Não integrar agricultores e agricultoras no processo investigativo em Agroecologia significa, portanto, um desperdício da inteligência criativa presente nas comunidades rurais. A segunda razão liga-se ao fato de que agricultores e agricultoras são eficientes disseminadores de conhecimentos em suas redes locais de sociabilidade. Novos conhecimentos representam novos insumos para a inovação local. Com efeito, há quem diga que o conhecimento é o principal insumo da Agroecologia. Ao integrar a pesquisa em Agroecologia às dinâmicas sociais de inovação constituídas por redes de agricultores-experimentadores, rompe-se com o paradigma dominante nas ciências agrárias, ao eliminar a distinção entre os processos de produção e os de disseminação de conhecimentos. Articula-se assim a atividade científica diretamente aos programas de desenvolvimento local (EMBRAPA, 2006, p. 18).

Assim Agroecologia busca reunir e organizar as contribuições de diversas Ciências Naturais e Sociais, de forma que os conhecimentos já gerados sejam incorporados dentro de uma lógica integradora e mais abrangente que a apresentada pelas disciplinas isoladas.

A transição agroecológica passa por diversas etapas, dentro e fora do sistema de produção, dependendo da distância em que o sistema produtivo estiver da sustentabilidade. Em resumo destacam-se três passos da transição interna ao sistema agropecuário agroecológica são: 1º Redução e racionalização do uso de insumos químicos; 2º Substituição de insumos; 3º Manejo da biodiversidade e redesenho dos sistemas produtivos. Na transição externa ao sistema produtivo agropecuário fica claro que a transição agroecológica só poderá alcançar sua plenitude quando outras condições, externas à unidade de produção forem estabelecidas, não se limitando com tecnologias de corte ecológico. A transição interna aos sistemas de produção não teria sentido sem uma mudança geral nos padrões de desenvolvimento. Políticas de crédito e extensão rural, pesquisa agropecuária e florestal e reforma agrária são condições fundamentais para avançar à sustentabilidade plena e duradoura. Por isso a participação da mulher nesse processo (GLIESSMAN, 2000 *apud* EMBRAPA, 2006, p. 28).

Ainda em relação à transição agroecológica Caporal e Costabeber afirmam:

A transição agroecológica é entendida como um processo gradual e multilinear de mudança, que ocorre através do tempo, nas formas de manejo dos Agroecossistemas que, na agricultura, tem como meta a passagem de um modelo agroquímico de produção (que pode ser mais ou menos intensivo no uso de insumos industriais) a estilo de agriculturas que incorporam princípios e tecnologias de base ecológica (CAPORAL; COSTABEBER, 2004, p. 19).

Essa ideia de mudança se refere a um processo contínuo e crescente no tempo, porém sem ter definido o momento final. Isso porque depende do envolvimento humano, a perspectiva da transição agroecológica é buscar uma maior racionalização econômica produtiva, com base na especificidade biofísica de cada agroecossistema, a partir da mudança de atitudes e valores dos atores sociais em relação ao manejo e conservação dos recursos naturais.

A agroecologia rumo a uma ciência da complexidade agrária, onde destaca o pensamento de diversos autores sobre a relação e a dicotomia da agroecologia em meios a agricultura, aborda também as bases epistemológicas e metodológicas importantes da agroecologia explanando conceitos chaves para a concentração teórica e metodológica da agroecologia, apresenta a agroecologia como desenvolvimento rural sustentável destacando o

agravamento da crise ecológica e social que vem sendo denunciado por movimentos ecologistas, principalmente nos últimos 30 anos e, recentemente, pelo movimento antiglobalizado. Moreira (2011) apresenta também o termo agroecologia e as diferentes concepções relacionadas semanticamente sobre a palavra, diz que não se pode colocar o termo agroecologia com a intenção de criar uma nova verdade sobre a agroecologia, mas questiona sobre o dogma que se estabeleceu no seio da sociedade moderna, que vem sendo usado com objetivo de deslegitimar o saber popular por não ser sistematizado.

Existem duas correntes que vêm se destacando nos últimos 30 anos em relação à agroecologia: a norte-americana enfatizando que a forte concentração de cientistas no estado da Califórnia e em especial na Espanha, nas áreas sociais e biológicas, o interesse por estas duas é porque ambas possuem suas raízes na América Central. Ainda que a influência da corrente norte-americana sobre as práticas agroecológicas ao redor do mundo seja expressiva, o surgimento, um pouco mais tarde, da vertente agroecológica europeia abriu a possibilidade de um diálogo entre disciplinas científicas de uma mesma área, mas entre ciências diferentes (MOREIRA, 2011).

Moreira (2011) destaca que a ecologia e a agroecologia se enraizaram da economia e da agronomia. Apesar dos impasses dessas disciplinas a associação delas conseguiu resultados positivos. A partir dos anos 80 a agroecologia passou a ter grandes influências sobre o conceito de sustentabilidade na agricultura. Percebe-se que a modernização agrícola tem sido basicamente um processo de introdução de qualidade cada vez mais crescente de energia na agricultura para alimentar o rendimento. Além disso, ele destaca que os agricultores tradicionais capturam o potencial agrário dos ecossistemas; apesar das diversas tentativas entre erros e acertos, eles conseguem zelar pelos recursos naturais diferentemente da cultura ocidental que minou a base de renovação dos recursos naturais. Adverte em relação à adesão dos seres humanos com a aproximação ocidental ao manejo industrial dos recursos naturais.

A abordagem coevolucionista da agroecologia ajuda a entender que os mesmos problemas que atingem a natureza atingem também a sociedade em seus diversos ecossistemas, pois nos mostra que os sistemas naturais coevoluem com os sistemas sociais. Embora tudo esteja em constante mutação mesmo assim estão todos conectados. Dessa forma coloca-se a população e a sua forma de pensar no centro do processo coevolutivo, pois por meio do conhecimento humano podemos influenciar como coevoluem os sistemas sociais e ambientais.

As ciências agrícolas convencionais vêm se transformando em nichos acadêmicos mais reflexivos, ainda que graduais e insuficientes para o real, enfrentando a crise socioambiental atual. Caporal e Costabeber (2004) afirmam que Agroecologia é uma ciência que estabelece bases para a construção de estilo de agriculturas sustentáveis e de estratégias de desenvolvimento rural sustentável. A ainda nessa mesma linha de raciocínio Machado e Machado Filho (2014) dizem que agroecologia é uma ciência dialética, pois ela não tem dogmas e nem receita pronta para ser preparada, porém ela tem princípios para nortear o caminho de uma produção sem uso de agrotóxico.

Agroecologia é entendida como um novo modelo tecnológico de contribuição para o desenvolvimento sustentável dos agrossistemas. Para Caporal e Costabeber (2004) os homens vêm buscando estabelecer estilos de agricultura menos agressivos ao meio ambiente, capazes de proteger os recursos naturais e que sejam duráveis no tempo. Para Machado e Machado Filho (2014), “a agroecologia resgata a autonomia dos produtos destruída pelo agronegócio”.

Moreira (2011) nos apresenta três perspectivas de pesquisas: a distributiva, a estrutural e a dialética. A pesquisa distributiva utiliza pesquisas quantitativas, utiliza mais questionários com entrevistas fechadas, a intenção é nula e a estratégia é de controle do objeto. Na perspectiva estrutural, metodologicamente, é a tentativa de explicar as relações existentes entre os fenômenos analisados a partir da percepção dos sujeitos e de seus discursos elaborados, o que gera uma informação mais qualitativa. A dialética revela em seu desenho os níveis de conteúdo e relações que buscam uma realidade falante. O momento é reflexivo, a intenção é ilimitada e a estratégia é a de libertação das forças que oprimem, a perspectiva dialética permite à Agroecologia transformar o objeto de pesquisa em sujeito da mesma, reconhecendo no saber popular uma fonte válida de conhecimentos e base para a construção de um reconhecimento novo e transformador, fruto do diálogo de saberes.

Para Altieri (2012), a agroecologia se fundamenta em um conjunto de conhecimentos e valores que se desenvolvem a partir dos processos de experimentação dos agricultores que desenvolvem no seu cotidiano ou na sua realidade. A melhor forma de considerar como alguém irá aprender é partir de sua própria realidade, ou seja, de sua deficiência e do meio em que está inserido. A prática educativa deve ser coerente com essa realidade e estabelecida dialogicamente com os sujeitos.

A industrialização agrícola e urbana foi a justa medida para a manutenção do poder conquistado pela elite agrária brasileira no fim do século XIX e a partir da ditadura militar elas teriam todos os instrumentos estatais como: crédito, tecnologia e repressão necessária

para a consolidação dos complexos agroindustriais. Assim o desenvolvimento econômico se conceitua em ideologia capitalista. Para Gadotti (2005) o conceito de desenvolvimento não é um conceito neutro, mas sim um contexto ideológico do progresso de uma concepção histórica, de uma economia de sociedade.

Neste contexto Gadotti apresenta várias considerações sobre o significado do conceito de desenvolvimento. Portanto, o desenvolvimento esta pautado no conceito de que a agroecologia não se restringe ao manejo dos recursos naturais em bases ecológicas, mais sim ela está se constituindo em estratégia para a análise dos impactos socioambientais mencionados e para a implementação de programas de desenvolvimento rural em bases “realmente sustentáveis”.

O conceito de desenvolvimento rural que propõe a Agroecologia se baseia no descobrimento, sistematização, análise e fortalecimento desses elementos de resistência específica de cada identidade local ao processo modernizador, fortalecendo as formas de ação social coletiva que possuam um potencial endógeno. Para Altieri (2004) agroecologia é um conjunto de técnica e manejo que possibilita a estratégia agroecológica e não pode ser generalizada, pois conta com a participação ativa de cada contexto e aposta mais na heterogeneização do que na homogeneização, e reconhece que não há desenvolvimento rural se este não está baseado na agricultura como forma de articulação entre o sistema sociocultural local e a manutenção dos recursos naturais locais. Essa estratégia, portanto, possui um caráter agrário e de natureza agroecológica e poderia ser definida como integral endógena e sustentável, pois esses são os princípios básicos e um programa de desenvolvimento rural, com enfoque agroecológico, esclarecendo as suas adjetivações. Para Altieri (1992 *apud* ALTIERI, 2004) os princípios agroecológicos dos programas de desenvolvimento rural e pesquisas mostram vários objetivos de contribuições para o conhecimento agrícola:

- a) Garantir a segurança alimentos, com valorização de produtos locais;
- b) Regatar e reavaliar o conhecimento das tecnologias camponesas;
- c) Promover o uso eficiente dos recursos locais;
- d) Aumentar a diversidade vegetal e animal de modo a diminuir os riscos;
- e) Melhorar a base de recursos naturais através da conservação e regeneração da água e do solo, enfatizando o controle da erosão, a captação de água, o reflorestamento, etc.;
- f) Reduzir o uso de insumos externos;
- g) Garantir que os sistemas alternativos resultem em um fortalecimento não só das famílias, mas de toda a comunidade. (...) na transição para novas tecnologias, relações com o mercado e organização social (ALTIERI, 1992 *apud* ALTIERI, 2004, p. 44).

Esses princípios agroecológicos são importantes para avaliação dos sistemas de cultivos da agricultura onde vão proporcionar um período eficaz de descanso ou pouso, acompanhado de uma série de melhorias durante a época do cultivo, de forma a diminuir a erosão e manter a fertilidade do solo. Para Altieri (2004).

Só uma compreensão mais profunda da ecologia humana dos sistemas agrícolas pode levar a medidas coerentes com uma agricultura realmente sustentável. Assim, a emergência da agroecologia como uma nova e dinâmica ciência representa um enorme salto na direção certa. A agroecologia fornece os princípios ecológicos básicos para o estudo e tratamento de ecossistemas tanto produtivos quanto preservadores dos recursos naturais, e que sejam culturalmente sensíveis, socialmente justos e economicamente viáveis (ALTIERI, 1987 *apud* ALTIERI, 2004, p. 21).

A estratégia tecnológica da agroecologia tem como primeiro passo transição de um enfoque disciplina para enfoque temático. Para a produção de novos formatos tecnológicos é necessário um conhecimento mais profundo das interações ecossistêmicas, o que uma abordagem por grandes temas com a transversalidade de todas as disciplinas trata de produzir tecnologias apropriadas e contextualizadas para agroecossistemas locais, importante para o tratamento de potencializar nos recursos disponíveis, gerando agroecossistemas mais autônomos, energeticamente, e eficientes.

A agroecologia contribui para a definição de alguns princípios básicos relacionados com a estrutura e a função dos agroecossistemas. São 11 (onze) princípios, mas é difícil delinear os limites exatos de um agroecossistema. No entanto, deve-se ter em mente que os agroecossistemas são sistemas abertos que recebem insumos do exterior, como resultado geram produtos que podem ser exportados para fora dos seus limites. Alguns princípios básicos relacionados com a estrutura e a função dos agroecossistemas são segundo Altieri:

1. O Agroecossistemas é uma unidade ecológica principal;
2. O funcionamento dos Agroecossistemas está relacionado com o fluxo de energia e com a ciclagem dos materiais através dos componentes estruturais do ecossistema;
3. A quantidade total de energia que flui depende da quantidade fixada pelas plantas ou produtores dos insumos incorporados durante o sistema manejado;
4. O volume total de matéria viva pode ser expresso em termos de sua biomassa;
5. Os Agroecossistemas tendem à complexidade. Eles podem passar de formas mais simples para estados mais sofisticados;
6. A principal unidade funcional é a população vegetal cultivada;
7. Um nicho dentro de um determinado agroecossistema não pode ser ocupado simultaneamente indefinidamente por uma população autossuficiente de mais de uma espécie;
8. Quando a população alcança os limites impostos pelo ecossistema, seu número deve estabilizar;
9. As mudanças e flutuações no ambiente representam pressões seletivas sobre a população vegetal cultivada;

10. A diversidade das espécies está relacionada com o ambiente físico;
11. Em situações de cultivo, que são semelhantes às condições de isolamento das ilhas, as taxas de imigração tendem a equilibrar-se com as taxas de extinção (ALTIERI, 2012, p. 183-185).

Assim é a base agroecológica dos recursos naturais de conservação. Altieri (2012) afirma que os princípios agroecológicos incluem: a reciclagem de nutrientes e energia; a substituição de insumos externos; a melhoria de matéria orgânica e atividade biológica do solo; com essas mudanças de diversificação das espécies de plantas e de outros recursos genéticos dos agroecossistemas no tempo e no espaço, pois vão contribuir para otimizar a interação da produtividade do sistema agrícola como um todo.

2.2 Segurança alimentar e soberania alimentar

A concepção de Desenvolvimento Sustentável surgiu em parte como resposta às consequências negativas sobre os sistemas sociais e ambientais geradas pelo modelo “moderno” de desenvolvimento, mas é importante ressaltar que o conceito oficial de sustentabilidade assume diferentes facetas quando considera nações mais ou menos industrializadas, mas de mesma natureza. Batista, Correia e Brito (2010) afirmam que desenvolvimento sustentável é a lógica dos atores sociais presentes no campo e nos movimentos que promovem uma nova ressignificação do homem e da mulher do campo. Visualizá-los como elementos dotados de inventividade, tecnologias e cultura própria, sujeitos que planejam alternativas de melhorias na qualidade de vida. Também uma ressalva muito importante para o desenvolvimento da agricultura sustentável são as mudanças estruturais na inovação tecnológica, de redes e solidariedade dos pequenos agricultores.

O desenvolvimento sustentável se contrapõe “à Revolução Verde que está presente no Brasil desde a década 1950 início de 60, um quadro de atraso tecnológico” (MACHADO; MACHADO FILHO, 2014). A modernização conservadora legitimou a concentração de terras e o fortalecimento do latifúndio e deslocou uma massa de pequenos trabalhadores rurais sem-terra para os centros urbanos. Também provocou vários impactos, interferiu nas águas, por conta dos resíduos de fertilizantes químicos que muitos deles lançaram nas águas superficiais, como nas águas subterrâneas, interferiu sobre os animais e os seres humanos, contaminaram o meio ambiente. A Revolução Verde foi a base técnica, econômica e política do processo de modernização conservadora da agricultura nos países periféricos ao capitalismo central. E isso vem provocando uma grande alteração nos agroecossistemas.

Machado e Machado Filho (2014, p. 53) afirmam que a “revolução verde” se tratava, em síntese, de uma tática política do grande capital para a introduzir o capitalismo no campo e gerar mais uma promissora fonte de reprodução do capital, nos países da América Latina.

A convergência que existe entre o programa de Inclusão Produtiva com a Segurança Sanitária, Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA) e a Política Nacional de Segurança Alimentar Nutricional (PNSAN) é muito importante para embasamento sobre segurança alimentar e seu conceito; vejamos o que diz:

Todo mundo tem direito a uma alimentação saudável, acessível, de qualidade, em quantidade suficiente e de modo permanente. Isso é que chamamos de Segurança Alimentar e Nutricional. Ela deve ser totalmente baseada em práticas alimentares promotoras da saúde, sem nunca comprometer o acesso a outras necessidades essenciais (CONSEA, 2004, p.4-10).

Assim as ideias de Segurança Alimentar Nutricional (SAN) são para valorizar a produção, baseadas em 2013. Enquanto que Para Schottz, Cintrão e Santos (2014) o debate sobre a segurança alimentar nutricional vem desde a Segunda Guerra Mundial, mas os interessados nesse sistema agrícola (combater a fome) são: o Banco Mundial, a bancada ruralista e os interessados no mercado econômico internacional. Portanto, a crise alimentar que passavam os países subdesenvolvidos gerava uma dependência do Banco Mundial.

Para Schottz, Cintrão e Santos (2014) a vigilância sanitária tem um papel de buscar um equilíbrio entre a saúde e a segurança alimentar nutricional e a valorização das práticas locais e tradicionais, relevadas à biodiversidade cultural, reconhecendo no princípio nos direitos humanos a alimentação adequada. Também Machado (2013, p. 265) diz que o “conceito de segurança alimentar adotado no Brasil é aquele que supõe não só a oferta e acesso aos alimentos, mas a alimentos de melhor qualidade biológica, não contaminados, que façam bem à saúde e à nutrição das pessoas”.

A modernização industrial da agricultura familiar surgiu através da Revolução Verde como ficou conhecida e junto dela vieram os pacotes tecnológicos, a invenção das máquinas, investiram na agricultura familiar de combate à fome no mundo. Machado e Machado Filho afirmam que:

O paradigma da “revolução verde” e a respectiva agricultura industrial se apoia em três “princípios”, todos para criar a dependência e, portanto, custos para o produtor: fertilizantes de síntese química-ureia, superfosfatos, cloreto de potássio e tantos outros, venenos contaminantes da vida humana e da vida do ambiente (agrotóxicos) e as monoculturas que destroem a biodiversidade e, conseqüentemente, os biomas (MACHADO; MACHADO FILHO, 2014, p. 61).

Moreira (2011) explicita o forte impacto que a Revolução Verde provocou, ela não solucionou a fome mundial, contribuiu decisivamente para o agravamento das desigualdades sociais em todo o mundo. Também Caporal (2013) afirma que as consequências globais da “Revolução Verde” são várias, como a perda da biodiversidade, a poluição das águas por fertilizantes químicos e o resultado das práticas agrícolas desse modelo é resultante no aumento da erosão dos solos.

Há também a contaminação dos alimentos, atingindo o consumidor diretamente. A Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA, 2004)² constatou, por exemplo, contaminação em 37,7% do mamão e 54,4% do morango analisados. Porém, não acabou com a fome, embora saibamos que a questão da fome é mais política, porque falta política pública voltada para atender à agricultura familiar. Pois, o problema da fome não é a falta de produção de alimentos, mas a falta de renda para adquiri-los em quantidade permanente e qualidade adequada.

Para Machado e Machado Filho (2014) a “modernização conservadora” da agricultura não foi nem “revolução” e, muito menos, “verde”. Pois a expressão “modernização conservadora” ainda é uma contradição nos dias atuais dessa modernização na agricultura, a mesma representa um processo antagônico de modernização conservadora. Ainda os autores mostram alguns insumos que foram implantados com o emprego de “insumo moderno” altamente químico e agrotóxico.

Machado e Machado Filho (2014) apresentam uma preocupação com a modernização da agricultura familiar nos dias de hoje, pois ainda tem alto o consumo de agrotóxico nas plantações e no meio ambiente; isso é preocupante. Moreira (2011) mostra que um caminho para esse problema são as redes agroecológicas e sua importância para o processo histórico destinado à compreensão de como os sistemas vivos se organizam em padrões de redes que se realimentam, se autorregulam e se autoorganizam, discute a importância da propriedade das redes que é como elas se estendem em todas as direções e fazem com que as relações entre seus componentes não sejam lineares todas as informações. Para Moreira (2011) a concepção de redes foi introduzida na ciência na década de 20 do século passado, pelos ecologistas; as cadeias alimentares foram muito importantes para a evolução das redes, elas se constroem e reconstroem continuamente na complexidade social e ambiental que se forma conscientemente a partir de um objeto comum.

² Disponível em: [Http://www.anvisa.gov.br/divulga/noticias/2004/](http://www.anvisa.gov.br/divulga/noticias/2004/). Acesso em: 06 jan. 2015.

As redes constituem o ramo específico da ciência que trabalha diversas técnicas quantitativas e qualitativas de análise de redes. Neste sentido os autores sociais estabelecem padrões de rede na busca das soluções dos mais distintos problemas que os afligem; essas redes sociais dão o ponto de partida de transformação socioambiental da pesquisa. Moreira (2011) conceitua quatro sintomas contemporâneos para descrever as redes sociais que se formam como respostas a esses sintomas e que se conectam, comunicam-se e se complementam: Primeiro: exploração indiscriminada da natureza movida por um consumismo sem limites e sem compromissos com as futuras gerações, este sintoma é combatido pelos movimentos populares urbanos e rurais, aliados a uma massa crítica. Segundo: exploração do trabalho pelo capital, combatido pelos movimentos operários e camponeses, contra a procriação da “mais-valia”. Terceiro: exploração da diversidade sociocultural - exploração dos outros por ser diferente do dominante, esse sintoma é combatido pelos movimentos étnicos e de gênero na busca da democracia cotidiana. Quarto: exploração de si mesmo passa de geração a geração e que paralisa as pessoas e os grupos através do temor pelos ancestrais e da presença dos ritos, dogmas, costumes e tabus, este sintoma é combatido pela educação libertadora, pelas terapias de tipo pessoal e grupal, pelos movimentos éticos e pela liberdade dos costumes.

As redes a que Moreira se refere estão construídas e em permanente reconstrução na complexidade social, respondendo a alguns dos sintomas citados através das práticas educativas. O trabalho em rede deve seguir pelo menos alguns parâmetros coletivamente construídos, tais como: pacto mínimo que explicita a intencionalidade das organizações participantes; valores e objetivos minimamente compartilhados; participação em todos os níveis de atuação; disposição colaborativa; multiliderança; conectividade; realimentação e livre circulação de informação; descentralização; capitalização e dinamismo.

A Agroecologia fornece uma estrutura metodológica de trabalho para compreensão mais profunda tanto da natureza dos agroecossistemas como dos princípios segundo os quais eles funcionam. Trata-se de uma nova abordagem que integra os princípios agrônômicos, ecológicos e socioeconômicos à compreensão e avaliação do efeito das tecnologias sobre os sistemas agrícolas e a sociedade como um todo (ALTIERI 1987 *apud* ALTIERI, 2004, p. 23).

Nesse contexto Altieri mostra a importância do objetivo de trabalhar com a alimentação de sistemas agrícolas complexos onde há interações ecológicas e sinergismos entre os componentes biológicos criando, eles próprios, a fertilidade do solo, a produtividade e a proteção das culturas. A produção sustentável em um agroecossistema deriva do equilíbrio entre plantas, solos, nutrientes, luz solar, umidade e outros organismos coexistentes. O

agroecossistema é produtivo e saudável quando essas condições de crescimento ricas e equilibradas prevalecem, e quando as plantas permanecem resilientes de modo a tolerar estresses e adversidades. Na agroecologia, a preservação e ampliação da biodiversidade dos agroecossistemas é o princípio utilizado para produzir autorregulação e sustentabilidade (ALTIERI, 2004).

Nesse sistema a produção vai ter um aproveitamento de interações trazendo resultado benéfico para os agroecossistemas seja ele do solo ou plantas. Conforme Cunha,

A agroecologia valoriza os conhecimentos locais e colabora efetivamente para a sustentabilidade plena na agricultura. Surge diante da necessidade de transformação do modelo agrícola dominante, na qual propostas alternativas englobam nesse contexto a agricultura orgânica, ecológica, regenerativa, biodinâmica, entre outras (CUNHA, 2011, p. 02).

Neste momento de discussão sobre a transformação ou de transição agroecológica, Leff (2002, p. 44) traz sua contribuição afirmando que “saber agroecológico é essencial para a construção de um novo paradigma produtivo ao mostrar que é possível produzir com a natureza”. Este saber pela sustentabilidade põe em questão um complexo processo de recuperação, hibridação e inovação dos saberes, em uma política de apropriação cultural da natureza.

2.3 A educação popular e a extensão rural na agroecologia

A Educação Popular, segundo Paulo Freire, é aquela que pensa na formação do cidadão voltada para questões sociais, econômicas, culturais e libertadoras, e através dela o sujeito seja reconhecido como protagonista da sua própria história. A concepção de Educação Popular nasceu a partir da década de 50 por diversos segmentos de esquerda como sindicatos, ligas camponesas, centros populares e outros. Para o educador Paulo Freire, a Educação Popular surgiu nos movimentos populares, nos grupos organizados e nas comunidades. Suas influências são valores humanistas, cristãos e críticos sobre a sociedade e suas relações de hierarquias. Na perspectiva de Freire a Educação Popular visa a uma profunda mudança nos vários espaços da sociedade e surgiu para suprir as necessidades dos sujeitos que não tiveram a oportunidade de estudar na idade certa, ou seja, na idade escolar; então, os movimentos sociais ligados à igreja tiveram o papel fundamental, que foi de levar-criar a Educação Popular voltada para as classes populares da sociedade (GADOTTI; ROMÃO, 2011).

A Educação Popular e Agroecologia surgiram de muitas discussões. Para Altieri (2004), a estratégia agroecológica não pode ser generalizada, pois conta com a participação ativa de cada contexto e aposta mais na heterogeneização do que na homogeneização, e reconhece que não há desenvolvimento rural se este não estiver baseado na agricultura como forma de articulação entre o sistema sociocultural local e a manutenção dos recursos naturais locais. Essa estratégia, portanto, possui um caráter agrário e de natureza agroecológica e poderia ser definida como integral endógena e sustentável, pois esses são os princípios básicos e um programa de desenvolvimento rural, com enfoque agroecológico, esclarecendo as suas adjetivações.

Assim como a Educação Popular a Agroecologia também tem seus valores baseados em princípios de valorizar a realidade e as diversas formas de conhecimento que podem ser construídos a partir da leitura de mundo que trazem os sujeitos. Conforme Paulo Freire (1989), a leitura de mundo precede a leitura da palavra, ele ressalta que a leitura de mundo é tão importante quanto a leitura da palavra. Pois as duas possibilitam aprendizagens para que o educador adentre neste contexto e compreenda as diversidades que Freire menciona; a educação não pode pensar o homem como mão de obra para o trabalho, ela deve formar o indivíduo para o social, político, econômico e cultural, fazer entender e compreender sua realidade.

Um dos princípios da Educação Popular é que deve ser respeitada a cultura, a diversidade e os valores existentes nas diversas culturas e sociedades. A Educação Popular trabalha em uma direção ideológica, política e pedagógica que é direcionada em ações e práticas. Esta Educação Popular vem avançando sendo inovada a partir das lutas dos Movimentos Sociais em busca da libertação, como também a agroecologia tem elementos fundamentais para caminhar juntas na perspectiva das transformações sociais da sociedade.

Stamato (2012) resgata a trajetória da história da extensão rural no Brasil, traz a discussão sobre o trabalho da extensão rural no Brasil, este que tem como objetivo expandir os conhecimentos sistematizados na academia e centros de pesquisa à população mais distante dos centros urbanos e com dificuldades para ter acesso às políticas públicas. O sistema de Assistência Técnica e Extensão Rural (ATER) no Brasil tem em média 20.000 extensionistas em 5.500 municípios, assistindo a um total de 2,8 milhões de agricultores. Esse trabalho começou no Brasil na II Guerra Mundial, nasceu de diversas iniciativas tanto públicas quanto privadas, voltadas para o trabalho agrícola.

A autora faz uma reflexão sobre a educação, a partir de acontecimentos históricos como, por exemplo: A Revolução Cubana e Golpe Militar na América Latina. No Brasil esse momento foi marcado pelo surgimento do Movimento de Cultura Popular (MCP) em Recife, promovendo a alfabetização no campo e em outras capitais brasileiras. Neste cenário, Paulo Freire mostra através de seus livros: *A educação como prática da liberdade* e *Pedagogia do oprimido*, afirmando o caráter político da educação, de forma conscientizadora e transformadora através do diálogo entre educador e educando, tornando assim uma prática libertadora. Freire usa a metodologia para alfabetizar partindo da vivência e da necessidade do sujeito que busca a transformação da sua realidade.

Neste processo educativo podemos tomar como referência na perspectiva de Freire³ a discussão sobre a Investigação Ação Participativa (IAP), uma modalidade vinculada à teoria-prática; é uma forma de indagação introspectiva coletiva empreendida por participantes em situações sociais com o objetivo de melhorar a racionalidade e a justiça de suas práticas sociais. Através dessa ferramenta obtém a formação da consciência crítica e autocrítica nas comunidades beneficiadas, por meio dela chega à conclusão dos conhecimentos e problemas que afetam a região. A autora mostra que a IAP conta com diversos tipos de ferramentas e técnicas, através das quais todos os participantes geram um determinado conhecimento da área pesquisada e em seguida avalia e executa o projeto. Podemos destacar quatro tipos de técnicas participativas: técnica de dinâmica de grupo; técnica de comunicação oral; técnica de visualização e técnica de observação de campo.

Essas técnicas são importantes para desenvolver o projeto, pois cada etapa exige um planejamento das ações para que possam adquirir bons resultados, contemplando as expectativas dos sujeitos em processo de ensino e aprendizagem.

No período da ditadura militar (1964) o educador Paulo Freire foi preso em Olinda e Recife, em seguida foi exilado com a proteção do embaixador da Bolívia, em seguida foi para o Chile, onde passou um bom tempo com a família, morou também em Genebra. Na Suíça ele fundou junto de outros brasileiros o Instituto de Ação Cultural (IDAC), que presta assistência aos movimentos, sindicatos etc. Quando saiu do exílio, Paulo Freire retoma suas atividades de escritor e assume cargos nas universidades e passa também a ser secretário municipal de

³ Nasceu no dia 19/09/1921 em Recife, iniciou seu trabalho em Angico, interior de Recife, alfabetizou em 45 dias 300 trabalhadores do campo. Esta experiência ficou conhecida como De Pé no Chão Também se Aprende a Ler, na década de 60, com a participação de intelectuais, artistas e estudantes universitários na busca de melhorar o índice de analfabetismo e elevar o valor da cultura popular.

educação em São Paulo nos anos de 1989-1991. Em 02/05/1997 ele morreu de infarto aos 75 anos.

Percebe-se que a contribuição de Paulo Freire na educação é muito importante, devido a seus questionamentos sobre as formas de alfabetização que devem partir da demanda dos educandos, fazendo uma problematização sobre sua realidade para então começar o processo de alfabetização de forma mais prazerosa, valorizando os conhecimentos prévios que cada um tem, aproximando o educando do educador neste contexto educativo.

2.4 A participação da mulher na luta pela terra e no processo da transição agroecológica

Na agroecologia a participação da mulher é fundamental, devido à sua organização enquanto dona de casa que está em contato diretamente com a natureza através de seu quintal produtivo ao redor de casa. Embora não seja só isso, o texto *Participando Sem Medo de Ser Mulher* traz a trajetória de luta e participação das mulheres rurais os anos 80, traz a dimensão sobre o protagonismo feminino. As mulheres são responsáveis pela luta da manutenção da diversidade, o cuidado com as sementes e a agricultura de subsistência que também ficam sob a responsabilidade delas, já que tudo que é produzido fica no entorno familiar.

Na luta pela terra as mulheres ganham forças e passam a serem sujeitos reconhecidos neste processo. Em 70 o mundo inicia uma nova ordem econômica e os latinos implementaram várias medidas e políticas neoliberais que acirraram as desigualdades sociais, a pobreza e a exploração, abrindo estes países para a entrada de um novo tipo de capital, que encontra no campo um espaço ideal para se reproduzir, com o fortalecimento do agronegócio.

No final do governo militar, o Brasil inicia o processo de democratização, conquista dos movimentos sociais organizados, estes passam a ser um dos sujeitos coletivos, os movimentos sociais de luta contra-hegemônica devem adotar como estratégia para a construção de um novo projeto de sociedade, anticapitalista e antipatriarcal (OLIVEIRA, A., 2001, p. 19).

A participação da mulher nos movimentos de base coletiva foi um momento de se contrapor à visão dos homens que só viam elas como um ser frágil. Para desfazer essa ideia elas foram também para as ruas lutar por questões como a Reforma Agrária, combate à violência no campo, à violência doméstica contra elas, presente até hoje na sociedade.

Nesse processo de luta pela democratização, a mulher se destaca a partir de sua participação em diversas organizações. Destacam-se dois grandes movimentos feministas. O Movimento de Mulheres Camponesas (MMC), é fruto da luta política desde a década de 70, e

se reconhece como um movimento social camponês e feminista, com suas propostas que envolvem questões como: Reforma Agrária e o questionamento ao modelo econômico. Essas são questões que têm se apresentado como desafios para o movimento de mulheres enquanto sujeitos políticos da sociedade civil. De um lado lutam pelo reconhecimento no campo de questionamento ao modelo hegemônico e por outro lutam para serem reconhecidas como sujeitos políticos em seus espaços de articulação. O outro movimento é o Movimento da Mulher Trabalhadora do Nordeste (MMTNs), é uma articulação regional dos Movimentos de Mulheres Trabalhadoras que surge em 1987 com o propósito de fortalecer a organização das trabalhadoras rurais bem como garantir as possibilidades de efetivação de suas demandas específicas. Tal demanda, compartilhada com os MMTRs de outros estados na primeira metade da década de 1980, assumiram uma característica que o diferenciavam dos demais, o processo de inserção nos “espaços da política”; são aspectos fundamentais para se compreender esses movimentos. O processo de Democratização do Brasil na década de 80 surge através dos movimentos sociais, ressurgiu com força contestatória, causando transformações tanto na vida política, como na ordem social e econômica (JALIL, 2010).

O feminismo passa a ser alternativa de prática política e argumentação teórica para o entendimento das questões específicas, que envolvem a vida das mulheres, como as questões de gênero e a divisão sexual do trabalho (CARNEIRO, 1987 *apud* JALIL, 2010). É com essa força que elas se reafirmam no processo de liberdade por espaço seja ele na política ou em articulação dos movimentos sociais.

Isso não foi diferente na Paraíba. O Movimento de Mulheres Trabalhadoras (MMT) do Brejo junto com a Diocese de Guarabira através da Comissão Pastoral da Terra (CPT) e o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Araçagi se uniram em prol da luta pela Terra na fazenda Santa Lúcia no município de Araçagi-PB. Foi através do MMT que começou a luta pela terra na fazenda Santa Lúcia, foram as mulheres que deram início à luta pela terra, são elas as guerreiras⁴.

No estado da Paraíba foram várias mulheres importantes no processo de luta pela Reforma Agrária. Temos Maria Margarida Alves, uma mulher guerreira que morreu lutando contra o latifúndio; Elizabete Teixeira assumiu o trabalho do seu esposo após a morte dele; Maria Preta hoje que mora no município de Araçagi; e assim surgiram outras mulheres como a filha de Maria Preta, Maria da Saete que tem um trabalho brilhante à frente da cooperativa, entre outras atividades de que participa.

⁴ Dados retirados da monografia de graduação de Rayane Aquino Borges, intitulada *A história de luta e a identidade camponesa do projeto de Assentamento Santa Lúcia, Araçagi-PB*. 2014.

Neste sentido podemos compreender que há uma relação entre a luta pela a terra, o processo da transição agroecológica e a participação da mulher. A mulher está intimamente ligada ao processo de transição agroecológica, ela busca orientações para melhorar seus cultivos, essa realidade está presente nas áreas de assentamentos, onde as famílias trabalham na perspectiva da agricultura familiar camponesa, recebem orientações de como trabalhar na terra sem agredir o meio ambiente, ressaltando que alguns são resistentes, preferem fazer como antigamente sem haver uma preocupação com o meio ambiente.

As mulheres hoje lutam por políticas públicas que venham a contribuir com o desenvolvimento sustentável do campo, contra a violência. Isso se afirmou quando elas foram para a rua no dia 12/08/2015 em Brasília, a V Marcha das Margaridas como ficou conhecida em todo o Brasil. Conforme a *Cartilha das Margaridas*⁵ elas seguem em marcha por Desenvolvimento Sustentável com Democracia, Justiça, Autonomia, Igualdade e Liberdade.

Podemos dizer que as mulheres têm uma participação fundamental na transição agroecológica, isso só vem fortalecer as mulheres que trabalham na feira, tem mulher que trabalha no roçado e comercializa seus produtos na feira.

⁵ Cartilha *A Voz das Margaridas por políticas públicas para Mulheres Trabalhadoras Rurais do Campo, da floresta e das Águas*, distribuída durante a V Marcha das Margaridas em Brasília – DF, no dia 12/08/2015.

3 OS MOVIMENTOS SOCIAIS E AS LIGAS CAMPONESAS NA LUTA PELA REFORMA AGRÁRIA

O presente capítulo tem o objetivo de mostrar a luta dos movimentos sociais pela Reforma Agrária, sendo apresentada toda a trajetória dos movimentos sociais e das ligas camponesas nesse processo de luta. Essas lutas resultaram em muito na contribuição da formação das feiras agroecológicas.

3.1 Alguns apontamentos sobre o surgimento dos movimentos sociais

Os movimentos sociais surgiram na América Latina por volta dos anos 50 e 60, mediante situações em que a política estava descredibilizada, baseada na política da troca de favores entre os líderes, políticos populistas e as massas populares, que faziam renascer o voto e nesse momento geram reformas constitucionais entre os poderes. A luta pela terra no Brasil é uma consequência da estrutura fundiária que predomina desde o período colonial, onde o latifúndio e a monocultura possibilitaram uma organização econômica e política centrada nas terras, acumulando assim riqueza e poder econômico, político, social e cultural. Essa estrutura sempre explorou os camponeses, através do seu trabalho de escravidão, servidão e dominação, gerando uma situação de desconforto, contribuindo para que os trabalhadores começassem a se organizar, formando então um movimento de classe trabalhadora, assumindo historicamente um caráter político com apoio da Igreja Católica, Sindicatos Rurais, Comissão Pastoral da Terra e Movimentos Sociais que foram muito importantes na história (SILVA, 2011).

Freire diz que:

Só quando os oprimidos descobrem, nitidamente, o opressor, e se engajam na luta organizada, por sua libertação, começam a crer em si mesmos, superando assim sua “convivência” com o regime opressor. Se esta descoberta não pode ser feita em nível puramente intelectual, mas da ação, [...], para que seja práxis (FREIRE, 1987, p. 29).

Através dessas reflexões realizadas por Freire percebe-se a importância da organização entre dos movimentos sociais, em que os camponeses se libertaram do opressor que era o patrão no momento da luta, superando seus medos de forma organizada. Pois, no período da luta havia uma maior união por parte dos mesmos, cujo objetivo era a conquista da terra, para trabalhar, plantar e colher o pão.

Nesse contexto de luta pela terra podemos destacar três grandes lutas messiânicas: Canudos no estado da Bahia (1893-1897), Contestado nos estados do Paraná e Santa Catarina (1912-1916) e Ligas Camponesas (1950-1964), mostrando a história dos camponeses que não se curvaram diante das ordens dominantes. Essas lutas organizadas pelos povos do campo serviam para contestar a vida de escravidão que viviam e denunciar a situação social, econômica e política que passaram ao longo dos anos. Isso foi no Nordeste e no Centro-Sul do país, onde os latifundiários nordestinos vendiam seus escravos (ARRUDA; PILETTI, 2002).

Os movimentos sociais rurais que expressam diferentes aspectos dessas lutas, de Canudos, Contestado e as Ligas Camponesas são diferentes, quanto aos objetivos, composição social, organização, liderança e duração. Mas todos se relacionam com a luta pela terra.

Os fazendeiros permitiam que as famílias camponesas tivessem uma roça. Mas o camponês era obrigado a entregar de graça ao fazendeiro parte da sua produção, geralmente a meia (metade). Por isso, o trabalhador nessa situação era chamado de meeiro ou foreiro. Ele também tinha que dar ao fazendeiro certa quantidade de dias de trabalhos por ano. Este trabalho obrigatório era chamado de cambão. Podia ser por “agradecimento” ou em troca de um pequeno salário. (SCHMIDT, 1999, p. 293).

O autor mostra a relação que os fazendeiros tinham com seus empregados, mesmo com o fim da escravidão através da Lei Áurea de nº 3.353, sancionada em 13 de maio de 1888. Uma lei, que determinava só abolição completa e imediata da escravidão, sem nenhuma indenização. Mas mesmo assim eles ainda mantinham o domínio sobre os camponeses, pois eles tinham que repassar para os patrões a metade de sua produção, enquanto a outra metade era dividida com as demais famílias, chegando a faltar comida na mesa dessas humildes famílias. Por isso alguns historiadores os chamaram de formas de trabalho pré-capitalistas; no Brasil essas práticas estiveram presentes em quase todas as regiões das zonas rurais do nosso país (SCHMIDT, 1999).

No final dos anos 70 quando se falava em novos movimentos populares como Comunidades Eclesiais de Base no Brasil (CEBs) é preciso destacar as práticas da Igreja Católica, articulada à teologia da libertação. Conforme Silva (2011), a Igreja assumiu, naquele momento, um papel histórico em defesa dos oprimidos e perseguidos pelo golpe de 1964, ou melhor, ela exercia um dos seus princípios básicos: ser uma instituição histórica do seu tempo. Esta posição da Igreja foi sendo construída a partir da criação de organismos de

assessória política, educacional e jurídica a serviço daqueles setores, como forma de agregar lideranças populares, sindicalistas, profissionais liberais, sacerdotes, religiosas e estudantes em prol de ação social a serviço dos oprimidos.

Nesse momento de luta os objetivos da Reforma Agrária eram de lutar para a transformação em termos de desapropriação e assentamento, no tocante à qualidade das estruturas disponíveis para as famílias já assentadas, que enfrentam problemas com saneamento básico, saúde, educação e energia. É importante destacar que os assentados conquistam o acesso à terra, o que não garante uma boa qualidade de vida no campo, o descaso com o camponês permanece em todos os aspectos.

O assentamento é o espaço que possibilita a reorganização do seu modo de vida, o lugar da prosperidade, onde os camponeses buscam melhores condições de vida através de sua organicidade, começando pelo trabalho agrícola junto da família com apoio dos movimentos sociais, que lutam para diminuir a desigualdade social presente em nossa sociedade. Conforme o Plano Nacional de Reforma Agrária (BRASIL, 2005), reforma agrária é mais do que um compromisso e um programa do governo federal. Ela é uma necessidade urgente e tem um potencial transformador da sociedade brasileira. No contexto de redemocratização do país, em 1985 surgiu a proposta para a elaboração do primeiro Plano Nacional da Reforma Agrária (PNRA). No governo de Sarney o mesmo foi criado para fortalecimento das famílias assentada. E o II Plano Nacional de Reforma Agrária (II PNRA) foi apresentado em novembro 2003, no governo de Luiz Inácio Lula da Silva, com o objetivo de assentar 400 mil famílias, até 2006. Esses dois planos trazem a perspectiva de redemocratização das terras, ainda ressaltam a importância da reforma agrária para as famílias assentadas.

A Reforma Agrária “ampla” e sustentável coloca a necessidade de atingir magnitude suficiente para provocar modificações nessa estrutura, combinada com ações dirigidas a assegurar a qualidade dos assentamentos, por meio de investimento em infraestrutura social e produtiva. É preciso combinar massividade, qualidade e eficiência na aplicação dos recursos públicos (BRASIL 2005, p. 8).

No contexto de uma política pública de Reforma Agrária a terra é muito importante, mas não é só a terra que queremos, mas sim qualidade de vida para os assentados e mais transparência no uso dos recursos públicos.

3.2 Breve histórico da questão agrária na região Nordeste

A luta do povo nordestino vem desde a Guerra de Canudos, no século XIX, no interior do estado da Bahia. No Nordeste brasileiro se configura a Guerra de Canudos, essa guerra como ficou conhecida era liderada por Antônio Conselheiro, o mesmo lutava por condições de vida melhor para seu povo. Arruda e Piletti (2002, p. 329) dizem que:

O Brasil republicano guardava muitas semelhanças com o período imperial. Grande parte da população vivia em estado de extrema pobreza, sem-terra, com baixos salários e sem garantias de vida. No Nordeste era pior. Calamidades naturais agravavam a miséria decorrente da excessiva concentração de terras, o latifúndio.

Assim foi como tudo começou nos anos de 1893 a 1897; a Guerra de Canudos contou com apoio dos militantes dos movimentos sociais da Igreja, camponeses desempregados entre outros, os mesmos lutavam pelo direito à terra e ao trabalho, e viveram momentos de perseguição. Foi um período da história marcado por coronelismo.

Antônio Conselheiro, nascido no interior do estado do Ceará, lutava por melhores condições para os povos que viviam na miséria, pobreza, violência, exploração, desemprego e livrando-os do trabalho no latifúndio. Junto de seu povo não desistiu de lutar e acreditar em dias melhores para sua comunidade Belo Monte como ficou conhecida a fazenda. Era uma comunidade organizada onde os camponeses encontravam conforto espiritual e condições de vida para seu sustento. Conforme Arruda e Piletti (2002) não existiam latifúndios, mas sim uma economia à base do artesanato e da construção de casas. Isso passou a ser uma ameaça para os coronéis da região.

Então o governo da Bahia se sentindo ameaçado por um contingente de pessoas, não tinha como conter a revolta que iria acontecer no estado. Pediu ajuda ao governo federal; então, vieram soldados para a comunidade Belo Monte, mas Antônio Conselheiro não se rendeu aos jagunços.

Canudos não se rendeu. Exemplo único em toda História, resistiu até o esgotamento completo. Expugnado palmo a palmo, na precisão integral do termo, caiu no dia 5, ao entardecer, quando caíram seus últimos defensores, que todos morreram. Eram quatro apenas: um velho, dois homens feitos e uma criança, na frente de cinco mil soldados. (ARRUDA; PILETTI, 2002, p. 330).

Nesta perspectiva de luta social, por condições de vida, Canudos foi derrotado e seus povos massacrados pelos homens que tinham o poder nas mãos para ajudar a transformar esse

território em uma sociedade mais justa. Mas o poder da ganância falou mais alto. A violência, neste conflito deixou muito sangue derramado de pessoas que só queriam seus direitos sociais garantidos. Os militares não tiveram nem dó nem piedade das crianças que ali estavam, calaram a voz dos guerreiros camponeses (ARRUDA; PILETTI, 2002).

A Guerra do Contestado foi outro conflito, que ocorreu na região Sul do Brasil, entre os estados do Paraná e Santa Catarina em 1912 a 1916, uma luta marcada por disputa de territórios quinze anos depois da morte de Antônio Conselheiro. Esse conflito tinha uma semelhança com o conflito de Canudos. Era uma luta dos coronéis disputando as terras com os camponeses ou agregados; essa luta durou 4 (quatro) anos.

Para Arruda e Piletti (2002) essa luta tinha um objetivo de expulsar os camponeses das terras dessa região. Assim os coronéis se apossariam das terras que também quase não tinham mais, era uma região conhecida pela sua riqueza de florestas. Isso atraía os coronéis à luta pela terra e também o olhar das empresas estrangeiras se voltava para a região. Isso foi o que ocorreu com a empresa norte-americana Brazil Railway Company para construir uma ferrovia que ligava o estado de São Paulo e o estado do Rio Grande do Sul. Neste momento estava ocorrendo exploração de terra e expulsão dos posseiros que moravam na região Sul do Brasil. Assim os autores Arruda e Piletti (2002) mostram que os coronéis tinham um objetivo comum: explorar as riquezas da região, depois de expulsar os posseiros das terras. Para complementar essa atrocidade também se estalou na região uma empresa de subsidiária da Brazil Railway onde comprou 180 mil hectares de terra no território.

Isso serviu de pretexto e revolta para uma eclosão dos movimentos sociais liderados pela Igreja Católica; nessa região tinha muitos religiosos e a população se inquietou, liderada pelo beato José Maria (ARRUDA; PILETTI, 2002). Então travaram a luta entre os militares e os habitantes de contestado.

Mas os povos de contestado não obtiveram êxito em sua luta, pois as lutas dos movimentos sociais foram derrotadas e esmagadas pelos coronéis e latifundiários em nome da defesa e da ordem; o governo e seus aliados se utilizaram das forças militares promovendo guerras políticas contra os camponeses (MARTINS, 1961).

Essa realidade mostra a luta dos camponeses pela terra e pelos seus direitos, o desenvolvimento que temos hoje no campo é resultado de grandes lutas contra o poder hegemônico do nosso país.

3.3 A participação das Ligas Camponesas na luta pela terra na região Nordeste

As Ligas Camponesas surgiram como um movimento muito importante para a questão agrária. As “Ligas Camponesas” marcam a história do Brasil e dos movimentos sociais do campo. Têm sua formação política e social baseada na pedagogia da luta. Conforme Caldart (2004, p. 354) a “Pedagogia da luta é preciso para poder refletir na formação humana, contra a opressão dos coronéis”. Silva diz que:

Diante das limitações e dificuldades vividas pelo campesinato em diversas regiões do Brasil, sobretudo na região nordeste, junto a sua falta de perspectiva e de possíveis melhorias é que se originou em meados de 1940 um novo movimento social no campo, o qual buscava representar e discutir os interesses do campesinato no plano político e social em um cenário em que o latifúndio exercia grande influência (SILVA, 2009, p. 2).

Nessa época as terras brasileiras se encontravam nas mãos dos grandes latifundiários, principalmente na região Nordeste onde surgiu o movimento das “Ligas Camponesas”, onde o camponês não tinha direito e acesso à terra. No ano de 1945, quando terminou o governo do presidente Getúlio Vargas (1930-1945), surgiram as primeiras Ligas Camponesas sob a direção do Partido Comunista Brasileiro (PCB). “Um de seus objetivos era obter uma maior projeção para discussões acerca da situação e das relações agrárias estabelecidas no país naquele período”. A formação das Ligas Camponesas pelo PCB não só mobilizou o camponês na luta pela terra, mas também expandiu sua influência no meio rural, gerando uma aproximação entre os camponeses e operários, fortalecendo a luta contra o latifundiário (AZEVEDO, 1982 *apud* SILVA, 2009).

A partir da sua expansão as Ligas Camponesas iriam discutir questões sociais relacionadas à reforma agrária nos embates com os latifundiários. Em 1946, foi apresentado na Assembleia Nacional, um projeto de lei, do senador Luiz Carlos, criticando as condições de vida que o homem do campo está vivenciando (STÉDILE, 2005 *apud* SILVA, 2009).

Em 1954 surge novamente um movimento que se assemelhava com as Ligas Camponesas dos anos 40, no estado de Pernambuco, no município de Vitória de Santo Antão, no Engenho Galileia, chamado Sociedade Agrícola de Plantadores e Pecuaristas de Pernambuco (SAPPP). As notícias sobre a SAPPP de início eram veiculadas pelos jornais com destaque nas páginas policiais, como faziam com as Ligas Camponesas criadas pelo Partido Comunista Brasileiro (PCB) (BASTOS, 1984 *apud* SILVA, 2009).

Em relação às informações vinculadas nas páginas policiais, em uma entrevista Julião⁶ (*apud* SILVA, 2009, p. 3) afirma:

Qualquer coisa relacionada com a Liga estava na página policial, porque consideravam que tudo o que acontecia no campo não era senão uma série de delitos cometidos pelos camponeses sob a orientação desse fulano de tal, esse senhor advogado e agora deputado que criava conflitos, tirando a paz do campo.

Segundo Silva (2009, p. 4),

A SAPPF tinha como intenção adquirir recursos para a construção de uma escola local que receberia seus moradores; a obtenção de fundos para um auxílio funerário, bem como de insumos agrícolas para o trabalho no campo. Diante disto se propõe estabelecer o quadro administrativo da SAPPF junto aos moradores e de convidar o proprietário do engenho Oscar Beltrão, a assumir a presidência de honra a fim de não despertar suspeitas ou intrigas, entre os moradores e o proprietário, tendo este último aceito o convite.

O proprietário foi alertado pelo filho, fornecedores e usineiros que a SAPPF, poderia ser uma ameaça à harmonia existente na área, com isso ele resolveu recusar o convite. Isso gerou uma situação de desconforto aos envolvidos na SAPPF, sentindo-se desamparados, prestes a deixar a terra, sem direito à indenização (AZEVEDO, 1982 *apud* SILVA, 2009).

Esta situação mostra que os movimentos sociais já sofriam com a exclusão nos meios de comunicação desde a fundação da SAPPF, através de críticas aos camponeses envolvidos na luta pela terra.

Os camponeses conscientes da situação que estavam vivenciando, foram a Recife pedir ajuda ao advogado e deputado pelo PCB Francisco Julião, no ano de 1957, ele apresentou o projeto na Assembleia Legislativa, reivindicando a desapropriação da área do Engenho Galileia (BASTOS, 1984 *apud* SILVA, 2009).

A desapropriação, discutida e aprovada em 1959, foi antecedida por concentração de camponeses na cidade de Recife, reunindo centenas de agricultores diante da Assembleia [sic] Legislativa e do Palácio do Governo, pressionando os deputados a votarem de forma favorável ao projeto e o governador a sancioná-lo, transformando-o em lei (AZEVEDO, 1982 *apud* SILVA, 2009).

Com isso, os camponeses passaram a ter uma maior participação nas questões políticas, resultado das mobilizações e discussões promovidas pelas Ligas. Nesse período se iniciava a expansão da organização, agora não era só o estado de Pernambuco, o estado da

⁶ Presidente de honra das Ligas Camponesas, deputado pelo Partido Comunista Brasileiro - PCB (PORFÍRIO, 2009, p. 1).

Paraíba também iniciava a organização das Ligas Camponesas nos municípios de Sapé e Mari.

O momento de desapropriação representa uma vitória e o movimento passava a ser visto com sua atuação em uma esfera mais ampla, os “galileus” tornaram-se conhecidos do grande público, ganhando espaço mesmo na imprensa nacional (BASTOS, 1984, p. 20).

Apesar de terem passado décadas desde a formação das Ligas Camponesas, ainda hoje é necessário refletir sobre a reforma agrária, como esse movimento se apresenta e o que ela representa para a população camponesa, pois ainda vimos uma grande concentração de terras nas mãos de pouca gente no cenário rural brasileiro.

Os camponeses passaram a ter uma maior participação nas questões políticas, resultado das mobilizações e discussões promovidas pelas Ligas. Nesse período se iniciava a expansão da organização, agora não era só o estado de Pernambuco, o estado da Paraíba também iniciava a organização das Ligas Camponesas nos municípios de Sapé e Mari.

3.4 Um breve histórico da fundação das Ligas Camponesas na Paraíba

As Ligas Camponesas surgem na Paraíba na década de 50, precisamente em fevereiro de 1958. A Paraíba foi o estado em que mais houve mobilizações e associados, tinham como lideranças os trabalhadores João Pedro, Nego Fuba e Pedro Fazendeiro. A Associação dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas de Sapé, conhecida como Liga Camponesa, iniciou com mil e quinhentos associados que trabalhavam no engenho Miriri, pertencente à família Ribeiro Coutinho, situada entre os municípios de Sapé e Mamanguape - PB (PEREIRA, 2009).

A principal bandeira de luta das Ligas Camponesa paraibanas era pelo fim do cambão, uma lei criada pelos patrões, que obrigava o camponês e toda a sua família a trabalharem gratuitamente de um a três dias por semana. Eram sempre ações de massa. Uma das estratégias utilizadas para ajuntar os camponeses era a solta de fogos, de sítios em sítios, fazendas em fazendas. Em prazo de uma ou duas horas, uma enorme massa de camponeses ocupava Sapé (PEREIRA, 2009, p. 102).

Devido ao número de associados e sua organização, a Liga Camponesa de Sapé elegeu em 1961 de forma democrática um delegado, este quem representaria os trabalhadores nos momentos de conversas com os fazendeiros, argumentando e exigindo o fim do cambão. Neste mesmo período as ligas camponesas começaram a se espalhar no Litoral, Várzea, Brejo e Agreste paraibano. Em 22 de fevereiro de 1961, João Pedro Teixeira foi escolhido como

vice-presidente da Federação dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas da Paraíba, a mesma foi fundada nesse mesmo dia em João Pessoa (PEREIRA, 2009).

Para Pereira (2009) esse momento representava uma conquista para os camponeses, porém para os usineiros e fazendeiros causou um clima de insatisfação; com o sucesso das Ligas Camponesas, começaram agir com violência. Ainda em 1961 foi assassinada a primeira vítima dessa violência, o camponês Nego Fuba, líder dos camponeses da fazenda Miriri. Quem causou sua morte foi o pistoleiro conhecido como “Peito de Aço”. Esse crime gerou uma revolta muito grande, logo os camponeses mataram o assassino através de “golpes de enxada, faca e foice”. O conflito no campo entre os camponeses, fazendeiros e usineiros persistia e mais uma vez acontece outro caso, desta vez a vítima foi o vice-presidente da Federação, o camponês João Pedro Teixeira. O crime aconteceu no dia dois de abril de 1962, quando ele voltava de João Pessoa, entre Café do Vento e Sapé, foi alvejado com tiros de revólver.

Muitos fatos aconteceram, envolvendo violência, mas os camponeses permaneceram unidos, lutando por seus direitos; como foi citado acima um deles o fim do cambão. Para esse direito ser conquistado foi preciso muita luta. A Pastoral da Terra (CPT) iniciou a luta junto dos camponeses contra o latifúndio e partiu em defesa dos agricultores que almejavam a democratização.

3.5 A luta dos movimentos sociais pela Reforma Agrária no estado da Paraíba

A questão agrária paraibana é resultado de um longo processo histórico de luta dos camponeses, cujo ponto inicial se deu na formação do espaço colonial brasileiro, este por sua vez, alicerçado nos latifúndios improdutivos, fundados com as capitâneas hereditárias e as concessões das sesmarias pelos colonizadores. Conforme Ordenez e Quevedo [s.d.] dizem, no ano de 1534 o Brasil foi dividido em quinze (15) capitâneas. Essas capitâneas hereditárias consistiam na divisão das terras em lotes e na entrega desses aos donatários, que se comprometiam a colonizá-los. As capitâneas funcionavam em forma de regimento militar. O capitão-donatário tinha a preocupação em desenvolver as atividades para estimular o comércio português. Assim o capitão tinha privilégio de grandes poderes, visto que dispunha das terras para ocupá-las e distribuí-las entre os colonos. Para Stédile a luta pela terra está travada desde a colonização:

Os portugueses que aqui chegaram e invadiram nosso território, em 1500, o fizeram com financiamentos pelo nascente capitalismo comercial europeu, e se apoderaram do território por sua supremacia econômica e militar, impondo as leis e vontades políticas da Monarquia portuguesa. No processo de invasão, como a história registra, adotaram duas táticas de dominação: cooptação e repressão. E, assim, conseguiram dominar todo o território e submeter os povos que aqui viviam ao seu modo de produção, as suas leis a sua cultura (STÉDILE, 2005, p.19).

A luta pela terra é um processo árduo e de extrema escravatura dos camponeses. Tudo funcionava com base nas leis determinadas pela Coroa de Portugal e os Capitães, para Ordenez e Quevedo [s.d.] as capitanias tinham dois regulamentos assegurando o seu funcionamento: era a Carta de Doação, a concessão da capitania ao donatário, e a Carta Foral, os direitos e deveres dos donatários. Conforme Stédile (2005, p. 21-22), a “concessão de uso” era de direito hereditário, ou seja, os herdeiros do fazendeiro-capitalista poderiam continuar com a posse das terras e com a sua exploração. Mas não lhes dava direito de venderem as terras, ou mesmo de comprarem terras vizinhas.

Nesse processo de colonização das terras brasileiras, as mesmas continuavam a ser exploradas pela Coroa de Portugal. Na Paraíba, a monocultura da cana-de-açúcar, sua produção era no litoral e no interior do estado, voltava-se para a produção de gêneros alimentícios e da pecuária. Nesse período o trabalho escravo utilizado inicialmente foi o indígena (nativo) tendo sido logo substituído pelos negros trazidos da África. Os nativos não se submeteram de forma passiva aos colonizadores e a sua resistência gerou conflitos, maus-tratos e genocídio. Nessa mesma condição, não eram sujeitos de direitos, mas objeto de uma relação de escravidão.

Em 1850, a Coroa promulgou a primeira lei de terras do país. O referido diploma legal objetivava também evitar que os escravos, uma vez libertos não se tornassem donos de terras. Essa lei regulamentou a grande propriedade da terra e consolidou a estrutura fundiária improdutiva, que até os dias atuais vigora no país. Apesar de termos ainda a concentração das propriedades, houve conquistas.

Essas mudanças são diretamente responsáveis pelas profundas modificações nas relações de trabalho no campo e na cidade. Delas decorre também a expulsão dos camponeses, visto que, no momento em que o trabalhador rural não tem acesso à terra, a sua única opção é migrar para as cidades vizinhas em busca de outras formas de sobrevivência. É dentro de um processo de resistência e de enfrentamento das classes trabalhadoras contra as políticas de desenvolvimento agropecuário e na luta pela democracia e pelos direitos a uma vida justa e digna que as novas formas de luta no campo e na cidade acontecem com maior vigor, através de manifestações nas ruas, ocupações nos prédios públicos, etc.

As forças atribuídas aos movimentos sociais contemporâneos pelas Ligas Camponesas se estendem até o ano de 1985, quando surge o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). Na sequência, parte da formação e atuação das Ligas Camponesas é tomada como base para o surgimento do movimento social de luta pela terra e reforma agrária, denominado MST, em escala nacional e estadual.

4 A FEIRA AGROECOLÓGICA DO BAIRRO DOS BANCÁRIOS: SUA ORGANICIDADE E PRODUÇÃO NA PERSPECTIVA DA SUSTENTABILIDADE SOCIOECONÔMICA

Este capítulo traz os resultados da pesquisa apresentando o programa de Assessoria Técnica, Social e Ambiental (ATES) e sua contribuição na feira e na produção agroecológica, a organização e surgimento de algumas feiras agroecológicas na Paraíba, focando a Feira Agroecológica localizada no bairro dos Bancários.

As feiras agroecológicas vêm se desenvolvendo num movimento crescente, impulsionadas pelos movimentos sociais do campo, pela reforma agrária e pelo movimento da agroecologia e têm diferentes dimensões e significados: estratégia de aumento da renda das famílias camponesas, preocupação com um desenvolvimento sustentável que respeite o meio ambiente e os seres humanos, preocupação com uma alimentação saudável que seja produzida sem agrotóxicos como é predominante na agricultura moderna do agronegócio. Segundo Ramalho e Ferreira várias são as motivações das feiras agroecológicas.

Descortinam-se também estratégias que podem contribuir para a consecução de práticas políticas no campo do consumo enquanto ação social através da criação de espaços e redes com articulações interdependentes entre diferentes grupos (sociais, técnicas, políticas e organizativas) em que a cidadania e a política se desenvolva objetivando a adoção de práticas de consumo sustentável para o desenvolvimento sustentável. (RAMALHO; FERREIRA, 2013, p. 4).

Nessas feiras os trabalhadores contam com o apoio de movimentos e redes de solidariedade e de apoio de entidades e instituições. Além disso, elas contam com a política de assistência técnica do Programa de Assessoria Técnica, Social e Ambiental (ATES) que presta assessoria aos agricultores assentados.

4.1 A participação do Programa de Assessoria Técnica, Social e Ambiental nas áreas de assentamentos

O Programa de Assessoria Técnica, Social e Ambiental (ATES) foi criado “em 2003, pelo Ministério de Desenvolvimento Agrário (MDA) que passou a ser responsável pelas atividades de Assistência Técnica e Extensão Rural (ATER); essa assistência técnica é assegurada pelo Decreto nº 4.739, de 13 de junho de 2003”, com o objetivo de fazer assessoria técnica, social e ambientalmente às famílias assentadas nos Projetos de Assentamento (PAs) da Reforma Agrária, criados ou reconhecidos pelo Instituto de Colonização e Reforma Agrária (INCRA). A ideia é tornar os assentamentos unidades de

produção estruturada, com segurança alimentar garantida, inseridos na dinâmica do desenvolvimento municipal, regional e territorial, de forma ambientalmente sustentável. Uma das premissas do programa é aliar o saber tradicional dos assentados aos conhecimentos científicos dos técnicos.

A Política de Assistência Técnica e Extensão Rural tem como princípio a agroecologia, o diálogo entre os saberes. Esse programa é composto por equipes técnicas constituídas por profissionais das ciências agrárias, sociais, ambientais e econômicas. Destacam-se algumas empresas que trabalham com ATES: Central das Associações dos Assentamentos do Alto Sertão Paraibano (CAAASP), Cooperativa de Prestação de Serviços Técnicos de Reforma Agrária (COOPTERA), Cooperativa de Trabalho Múltiplo de Apoio às Organizações de Autopromoções (COONAP), Cooperativa da Agricultura e Serviço Técnico do Litoral Sul Paraibano (COOASP).

Essas equipes trabalham nos assentamentos executando atividades como: elaboração de Planos de Desenvolvimento ou Recuperação de Projetos de Assentamento; acompanhamento e orientação técnica para as atividades produtivas e econômicas dos assentamentos; capacitação para assentados em diversos temas relacionados ao desenvolvimento rural; estímulo à organização social apoiando o fortalecimento e qualificação das associações e outras formas organizativas dos assentados; promoção de ações afirmativas visando à equidade de gênero, geração, raça e etnia nos projetos de assentamento.

A COOASP é quem faz o acompanhamento das áreas da região do Litoral Sul da Paraíba; esta região tem um grande número de famílias que participam de várias feiras agroecológicas tanto nos municípios que compreendem a referida região como na própria capital, João Pessoa. A CPT também atua em algumas áreas de assentamentos e nas áreas de conflitos, no sentido de acompanhar as famílias e orientar aqueles que vivem nessas áreas.

Portanto, com assessoria técnica dessas cooperativas oferecida pelo INCRA e com o apoio dos movimentos sociais os assentados melhoram a produção da agricultura familiar para seu consumo e o excedente os mesmos participam da comercialização nas feiras agroecológicas.⁷

⁷ Esses dados foram coletados durante uma atividade realizada na especialização em agroecologia da Universidade Estadual da Paraíba, realizada no mês de março de 2015.

4.2 Mapeamento das Feiras Agroecológicas na Paraíba

A Agricultura Familiar Camponesa tem um papel fundamental na transição agroecológica, visto que o campesinato é o encontro da sociologia rural com a ecologia na construção de uma agricultura para o futuro. O conceito de agricultura familiar surgiu com força nos anos 1990 com o objetivo de criar condições viabilizando a recampesinização e para a recriação da heterogeneidade no meio rural, apoiada necessariamente na relação com o processo de desenvolvimento local sustentável, pois a reforma agrária está recolocada na atualidade, pelo imperativo da sustentabilidade, visando criar um processo civilizatório moderno urbano-industrial. Nesta perspectiva tendo como importante compreendermos a diversidade sociocultural das unidades produtivas familiares. Para Wanderley (1997 *apud* MATOS, 2005, p. 14) “a família, ao mesmo tempo em que é proprietária dos meios de produção, assume o trabalho no estabelecimento produtivo”.

A diversidade social a que o autor Costa Neto (2004) se refere trata das relações entre agricultura familiar, campesinato e capitalismo agrário, do ponto de vista das restrições e viabilidades entre eles. As reflexões nessas questões vão ser determinantes com relação às três correntes. Conforme a discussão apresentada por Ricardo Abramovay (1992 *apud* COSTA NETO, 2004), a unidade de Produção Familiar Camponesa não é funcional ao capitalismo em termos socioeconômicos, pois a capacidade de sobrevivência das sociedades camponesas em espaços capitalistas é extremamente precária. A segunda corrente abordada no texto é a sustentada por Hugo Lovisoló (1989 *apud* COSTANETO, 2004), pela qual a Unidade de Produção Familiar Camponesa é funcional ao capitalismo, em termos sociais. A terceira e última corrente paradigmática que analisaremos se encontra em construção. Para isso se faz necessário incluir na corrente paradigmática os seguintes pilares constitutivos: Desenvolvimento Rural Sustentável; Modernização das tecnologias sociais são as alternativas para o paradigma de Extensão Rural. Pois a extensão rural é uma via de mão dupla, para avançar no ecossistema do desenvolvimento rural. Agricultura Familiar conforme a Cartilha Agroecológica (2012) se baseia em uma relação de harmonia entre as famílias produtoras e a natureza.

Para Machado (2013) a transição agroecológica é um processo gradual e multilinear de mudança, que ocorre através do tempo, nas formas de manejo dos agroecossistemas, que na agricultura, tem como meta a passagem de um modelo agroquímico de produção e de outros sistemas degradantes do meio ambiente, enquanto o estilo adotado na agricultura é

incorporado em princípios e tecnologias de base ecológica. É um processo de evolução contínua e crescente no tempo.

Esse processo já está presente nas áreas de Assentamentos da Reforma Agrária, resultado da organicidade dos assentados que são orientados através da Assessoria Técnica a produzirem seus produtos de forma saudável, sem a presença de agrotóxicos, melhorando a qualidade de vida das famílias e protegendo o meio ambiente. Para Machado e Machado Filho (2014).

O conceito de feira é pequenos mercados onde os produtores ecológicos oferecem seus produtos diretamente aos consumidores. Geralmente são localizadas em ruas com trânsito interrompido, praças ou outros logradouros públicos. É um ambiente lúdico. Agradável, onde há diálogo entre os produtores e consumidores. As pessoas levam seus cestos vazios que saem cheios de produtos limpos – hortaliças, frutos, legumes, ovos, ervas, grãos e produtos alimentícios artesanais. (2014, p. 68).

Machado e Machado Filho (2014) mostram a importância das feiras para os agricultores e para os clientes da feira, de as duas categorias se relacionarem de forma lúdica. O agricultor comercializa seus produtos e o cliente compra e isso contribui para um diálogo dialético entre eles. O diálogo é a força que impulsiona o pensar crítico-problematizador em relação à condição humana no mundo. Através do diálogo podemos dizer o mundo segundo nosso modo de ver. Além disso, o diálogo implica uma práxis social, que é o compromisso entre a palavra dita e a ação humana (STRECK; REDIN; ZITKOSKI, 2010). Entretanto Machado e Machado Filho (2014) consideram o momento vivido na feira como um belo passeio num clima de alegria, algo que faz bem à saúde e à mente.

Nesta perspectiva foram surgindo às feiras agroecológicas na Paraíba, são aproximadamente 40 feiras no estado. A capital do estado lidera com o maior número de feiras agroecológicas; em quase todos os bairros da capital existe uma feira. A primeira feira implantada na Paraíba funciona no Campus I da Universidade Federal da Paraíba em João Pessoa, a mesma foi fundada em 2001; todas as sextas-feiras, das 4hh30 às 11h30, é formada pela Associação dos Agricultores e Agricultoras Agroecológicos da Várzea Paraibana (ECOVARZEA). Conforme diálogo com um dos organizadores o mesmo informou que a feira é formada por quatro assentamentos e um acampamento que participa. Sua clientela é formada por estudantes, funcionários públicos e professores da universidade. Este ano a feira fará 15 anos, a mesma contribui para a melhoria da renda familiar dos assentados e a saúde de todos que consomem os produtos. Assim vão surgindo às feiras agroecológicas por toda a Paraíba.

Outra feira agroecológica é a do Ponto de Cem Reis, no centro da cidade de João Pessoa. Fundada em novembro de 2013, iniciativa da CPT, é realizada toda primeira terça do mês, no centro da capital, no horário de 14h00 às 18h00. Essa feira conta com 30 (trinta) famílias, sendo de 08 (oito) assentamentos: Capim de Cheiro, no município de Caaporã; Apasa, no município de Pitimbu; e 02 (dois) que são Marina, no município de Pitimbu e Ponta de Gramame, no município do Conde, acampamentos oriundos do Agreste, do Vale do Mamanguape e do Litoral Sul da Paraíba.

A discussão para implementar as feiras agroecológicas foi ganhando espaço nos municípios paraibanos do Litoral ao Sertão. No município de Pedras de Fogo, a feira foi inaugurada em março de 2014. Nessa feira participam famílias de 04 (quatro) assentamentos dos municípios de Pedra de Fogo e Caaporã; ela era acompanhada e orientada pela Consultoria e Planejamento de Projetos Agropecuários (CONSPLAN). A feira de Barra de Santa Rosa é formada por 10 (dez) assentamentos dos municípios de Barra de Santa Rosa, Sossego e Damião; a feira conta com 24 (vinte e quatro) famílias que produzem e comercializam feijão, frutas, doces, peixes, queijos, entre outros.

A região do Sertão também vivencia a prática de desenvolver feiras agroecológicas: o município de Cajazeiras, que fica no Alto Sertão, tem a feira todas as sextas-feiras, no turno da manhã. Ela é acompanhada pela CAAASP como também os agricultores recebem assistência técnica da mesma.⁸

Com a discussão e implantação das feiras agroecológicas, o estado da Paraíba é uma referência na discussão agroecológica pela atuação do Polo Sindical da Borborema. São palavras da professora Virgínia, da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE) e representante da Associação Brasileira de Agroecologia (ABA) durante o Seminário do Núcleo de Estudos, Pesquisas e Práticas Agroecológicas do Semiárido (NEPPAS), realizado pela Universidade Federal Rural de Pernambuco na Unidade Acadêmica de Serra Talhada (UAST) em 2014.

4.3 A organização política e a economia solidária

As Feiras Agroecológicas são resultados da organização política assim como a economia solidária é uma forma de produção, consumo e distribuição de renda, centrada na

⁸ Dados retirados do jornal Terra (Jornal da Reforma Agrária), ano 2, nº 2. João Pessoa setembro 2014.

valorização do ser humano e não no capital. Pois as feiras são baseadas no trabalho cooperativista e associativista dos movimentos sociais.

Com o pensamento voltado para a produção, consumo e comercialização de bens, serviços de modo auto gerido tendo como finalidade a reprodução ampliada da vida. A Economia Solidaria tem seus princípios norteadores para uma boa organização política: Solidariedade, Respeito, Dignidade, Compromisso, Comercio justo, Cooperação, Respeito ao meio ambiente

Esses princípios são fundamentais para o fortalecimento do pensamento agroecológico. Também isso resgata relações personalizadas entre produtores e consumidores de produtos e serviços de origem solidaria, produção familiar e agroecológica neste sentido as feiras agroecológicas proporcionam o encontro e o intercâmbio de conhecimentos conceitos e práticas de articulações da economia solidaria .Um exemplo é o dia Estadual de Combate uso dos Agrotóxico, comemorado em 19 de março, neste dia, todos os feirantes do estado da Paraíba vem para a capital João Pessoa com seus produtos, formando assim uma grande feira. As feiras da economia solidaria são importantes para o fortalecimento da comercialização direta do produtor para o consumidor, não permitindo a presença do atravessador nesta comercialização.

As feiras agroecológicas promovem ações de comercialização solidaria e fortalece as políticas públicas de apoio e fomento trabalho associado, coletivo e autogestionário, visando a promoção de iniciativas de desenvolvimento sustentável, solidário e inclusão social. Para Palhano (2012, *apud* SILVA, PALHANO, MELO, 2012, p.11) as Feiras Estaduais de Economia Solidária caracterizam-se como:

- a) Espaço de sociabilidade entre produtores e consumidores, a partir da exposição e comercialização de produtos dos grupos de economia solidária;
- b) Espaço onde existem diversos tipos de comercialização entre produtores e destes para com os consumidores com base em princípios da economia solidaria, do comercio justo e mesmo do consumo consciente;
- c) Espaço de formação e informação aos empreendedores por meio de oficinas temáticas;
- d) Espaço de estímulo e divulgação do Consumo Responsável dos produtos e serviços e exposição;
- e) Espaço de publicização e divulgação de experiências e ações das várias instituições (governamentais ou não) e grupos de economia solidária;
- f) Espaço de difusão conceitual e filosófico da economia solidária para público em geral que participam das feiras;
- g) Espaço para a realização de atividades artísticas e culturais relacionadas à economia solidária.

Essas caracterizações das Feiras com base na economia solidaria citado por Palhano acima mostram a importância da participação da família e dos jovens. A economia solidária é um instrumento de combate à exclusão social, pois apresenta alternativa viável para a geração de trabalho e renda para a satisfação direta das necessidades de todos Rodrigues (2010, p.15) Ainda Rodrigues diz que:

A definição da economia solidária está ligada à relação entre o trabalhador e os meios de produção, sendo que “ a empresa solidária nega a separação entre trabalho e posse dos meios de produção, que é reconhecidamente a base do capitalismo. (...) A empresa solidária é basicamente de trabalhadores, que apenas secundariamente são seus proprietários. Por isso, sua finalidade básica não é maximizar lucro mas a quantidade e a qualidade do trabalho”(SINGER, 2002, apud RODRIGUES 2010).

Segundo Rodrigues:

A economia Solidária constitui o fundamento de uma globalização humanizadora, de um desenvolvimento sustentável, socialmente justo e voltado para a satisfação racional das necessidades de cada um e de todos os cidadãos da Terra seguindo um caminho intergeracional de desenvolvimento sustentável na qualidade de sua vida (ARRUDA, 2001/2002 apud RODRIGUES 2010, p.15).

Para se conscientizar de seu papel quanto cidadãos os sujeitos manifestaram o interesse por uma economia solidaria social que valorizassem as classes. Conforme Araújo:

Ao se conscientizar de sua classe os sujeitos históricos sociais começam a se organizarem para escrever com suas próprias mãos o novo modelo social desejado para gerar bem-estar a todos os habitantes do lugar, e não apenas para o mais abastados, rompendo com modelos sociais aliena (ARAÚJO E SILVA,2011, p. 31)

É neste pensamento que Araújo descreve como as classes sociais começam a se politizar e entender as intencionalidades da sociedade através dos aspectos: culturais, sociológicos, científicos e filosóficos, assim eles percebem qual é o modelo de sociedade que deseja transforma. Gadoti (1985, p. 19) afirma que “sem a formação da consciência de classe não existe organização não é possível a transformação revolucionaria da sociedade”.

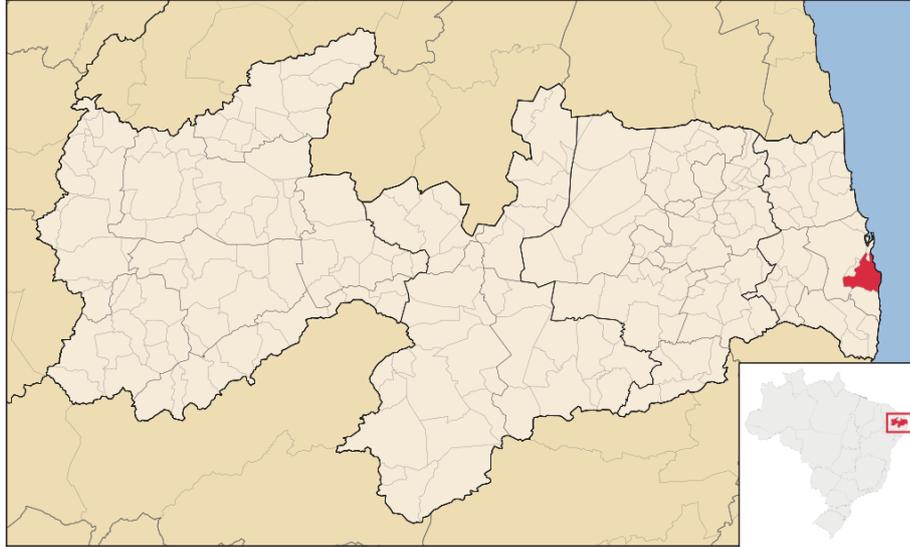
Mas essa transformação social depende da politização e formação do ser humano através dos processos de emancipação e do exercício da cidadania.

4.4 Processo de criação da Feira Agroecológica do Bairro dos Bancários

A produção agroecológica é importante porque trabalha na perspectiva de motivar os camponeses a desenvolverem iniciativas voltadas para o processo de transição agroecológica. Nesta linha de raciocínio, o movimento agroecológico tem um papel fundamental de orientar as famílias camponesas a realizarem práticas educativas na perspectiva da sustentabilidade

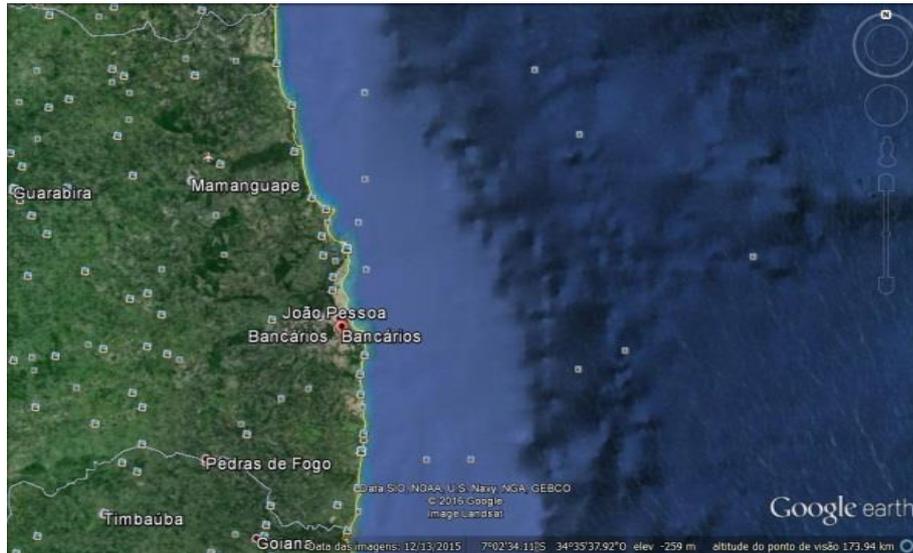
socioeconômica, ambiental e cultural. Foi neste pensamento que a Feira Agroecológica localizada no bairro dos Bancários-JP as figuras (01,02 e 03) mostra o local, composta por 22 feirantes de áreas de Assentamentos da Reforma Agrária na Paraíba dos municípios de Pitimbu, Caaporã e Conde – PB nasceu em 2014.

Figura 01- Mapa de localização do município de João Pessoa-PB



Fonte: Wikipédia acesso em 10 jan.2016

Figura 02: Mapa de localização do Bairro dos Bancários - João Pessoa



Fonte: Software Google Earth. Acesso em: 10 jan.2016

Figura 03 - Mapa de localização da Feira Agroecológica do Bairro dos Bancários - João Pessoa



Fonte: Software Google Earth. Acesso em: 10 jan. 2016.

A implantação da feira no Centro de Práticas Integrativas “Equilíbrio do Ser”, do bairro dos Bancários, foi uma estratégia inicial utilizada para que os pacientes refletissem acerca da sustentabilidade ecológica, cultural, social e econômico da cadeia produtiva alimente e a importância dessa cadeia para a segurança alimentar e os moradores do bairro. Para que essa ideia tornasse realidade uma pessoa do centro em diálogo com a coordenadora da CPT organizar a feira no referido local, primeiro foi realizada uma reunião com a coordenação da CPT, juntamente com os agricultores e um representante da Prefeitura Municipal de João Pessoa. A prefeitura deu todo apoio doando barracas e apoio logístico para os agricultores. Enquanto a CPT ela foi muito importante dando o apoio técnico, formação dos agricultores que iria participa da feira pois o critério para eles participarem era pequenos agricultores de área de Assentamento da Reforma Agraria.

A CPT tem um papel fundamental na formação das feiras agroecológica na perspectiva da economia solidaria e a apoio os agricultores que mora em área de conflito. Entretanto a CPT se reunião com os agricultores para forma o grupo que iria participar da referida feira também ficou acertado os princípios de boa convivência que cada agricultor só vendia o seu produto nada de trazer produtos de natureza duvidosa. Até hoje a CPT dá todo apoio disponibilizando um equipe de quatro (04) pessoas para contribuir e fortalecer as feiras agroecológica, não só a do bairro dos Bancários mais também outras feiras agroecológicas. Evidenciamos a certificação não aparece como uma dimensão determinante, pois existe

mesmo uma relação de confiança no contato de produtor e consumidor já que alguns consumidores visitaram área de produção.

Figura 04 - Feira Agroecológica do Bairro dos Bancários-João Pessoa-PB



Fonte: Acervo da pesquisadora-2014.

As origens dos feirantes, eles são quase todos de áreas da Reforma Agrária, são homens, sendo que hoje só tem 16 feirantes, os demais foram desistindo, dos dezesseis (16) feirantes, apenas onze (11) fizeram parte desta pesquisa porque são agricultores de áreas de reforma agrária. Então, na pesquisa só constam os dados dos agricultores do Assentamento Capim de Cheiro no Município de Caaporã-PB, Assentamento Novo Salvador no Município de Jacaraú-PB e da Área de Conflito Marinas no Município de Pitimbu-PB. Estão distribuídos da seguinte forma: são cinco (5) do Assentamento Capim de Cheiro no município de Caaporã, mais cinco (5) da área de conflito⁹ Marinas do Abiaí no Município de Pitimbu e um (1) do Assentamento Novo Salvador do município de Jacaraú -PB.

Esses municípios pertencem a Microrregião do Litoral Sul e Litoral Norte, Caaporã que fica distante da Capital João Pessoa 62 km e Pitimbu sua distância da Capital de 55 km sua via de acesso é a BR 101. Enquanto o Município de Jacaraú pertence a microrregião do Litoral Norte e sua distância da Capital Joao Pessoa são de 101 km também sua via de acesso é a BR 101. Todos os Municípios pertencer a Mesorregião da Mata Paraibana. Conforme Moreira Mesorregião da Mata Paraibana é banhada pelo Oceano Atlântico apresentando um litoral com baía amplas e rasas, alternadas por pontas arenosas [s.d.].

⁹ A luta por um direito de viver na terra contra o privilégio de ter terras. Washington, João Pessoa, 2016.

Os municípios apresentam um clima tropical quente e úmido, mantendo chuvas abundantemente, tendo a média anual de 1.800mm, com temperatura média de 26 e unidade relativa do ar de 80%, conforme o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística-IBGE(2010).

A feira começou a funcionar nas quartas-feiras, no período quinzenal no horário das 7 às 14 horas, acompanhada pela comissão organizadora. Os produtos comercializados no início da feira em 2014 foram: feijão-verde, couve folha, goma, inhame, tomate cereja, coco verde, pão de macaxeira, cará, banana-comprida e anã, manga espada, ovo de galinha de capoeira, melancia, beiju, polpa de frutas e melancia.

As feiras agroecológicas geram uma ação econômica para as famílias, também elas se caracterizam como espaço de interação entre consumidores e produtores. Portanto esse espaço no qual os sujeitos compartilham suas experiências vivenciada durante toda a trajetória de vida.

Figura 05 - Alguns produtos comercializados na Feira Agroecológica



Fonte: Acervo da pesquisadora-2015.

Para melhorar o funcionamento da feira, é realizada uma reunião na primeira feira do mês com os agricultores para avaliar e planejamento de visita do técnico nas áreas de produção dos agricultores. Pois nela são acordados os princípios que regem a feira: Esses princípios de boa convivência são informais, pois a feira não tem ainda um princípio registrado. Mas esses acordos são respeitados entre eles.

Em quinze de dezembro de dois mil e quatorze (15/12/2014) no Mosteiro de São Francisco em João Pessoa com feirantes e as organizações: CPT, Coletivo Permacultura do

Equilíbrio do Ser, participaram desse momento de discussão 17 (dezessete) e a estagiária como mostra a figura 06.

Figura 06 - Reunião dos feirantes e organização que acompanha a Feira Agroecológica



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2014.

Na reunião foram discutidas questões como, por exemplo: Calendário para definir a data da feira já que as pessoas se confundiam, pois ela era na 2^a e 4^a do mês e isso provocava uma confusão na hora em que ia explicar para as pessoas, então decidiram que a partir de 2015 seriam realizadas de 15 em 15 dias. Também foi acordado com os feirantes que só poderiam vender produtos orgânicos. Não aceitam produtos que não sejam oriundos da agricultura familiar, por consideração à saúde dos consumidores dos produtos; também acertaram que colocariam um carro de som para divulgar a feira nos bairros em João Pessoa e por fim combinaram que tudo que estiver relacionado à feira será discutido em grupo.

Em seguida fui apresentada por um dos organizadores da feira ao grupo de feirantes e organizadores, falei do objetivo que me levou a participar daquele momento como também da feira, acompanhando todos os momentos da feira; eles me acolheram muito bem, a partir daquele momento começamos a trabalharmos juntos com o objetivo de não só pesquisar, mas também de fortalecer a luta dos feirantes diante dos desafios que poderiam enfrentar como a realização da feira.

A referida feira tem uma comissão de quatro (4) pessoas e um suplente para administrar a mesma: cada um tem uma missão por exemplo: Lucélia a missão dela é arrecadar o fundo de feira onde todos os feirantes pagam um valor de 10,00 cada feira. Esse dinheiro é para as despesas com propagandas e outras despesas que surgem. José Fábio ficou como responsável pela divulgação da feira e Zelanê ficou para fazer o levantamento da

produção e os outros ficaram para resolver questões internas. Essa comissão também vai participar das reuniões da rede de feiras que a CPT está formando com as feiras que a mesma coordena. Além desta comissão a feira recebe apoio de dos organizadores da CPT, composta por quatro (4) pessoas.

4.5 Os resultados da pesquisa

A partir deste tópico faremos a descrição das atividades desenvolvidas junto aos feirantes e organizadores da feira. A pesquisa iniciou através de uma visita à feira, contato com os agricultores, depois iniciaram as visitas periódicas, em setembro de 2014, para conhecer como os agricultores se organizam para comercializar os produtos, quais os produtos eles vendem e o valor deles. Para isto foi feito um levantamento dos produtos que são produzidos e comercializados na feira pelos agricultores. Para obter as informações foi necessário visitar a feira periodicamente e observar e registrar através de fotos de quais produtos estão disponíveis nas feiras. Para Pizza e Welsh (1968 *apud* BARBÉ, 2009, p. 13) comercialização é “o conjunto de atividades realizadas por instituição que se acham empenhadas na transferência de bem e serviço desde o ponto de produção inicial até que atinjam o consumidor final”. Também Alves (1997 *apud* BARBÉ, 2009, p. 13) diz que a comercialização é o processo final do sistema produtivo, necessitando ser compensadora para que possa haver estímulo, satisfação e retroalimentação do mesmo.

Nesse contexto da comercialização os autores mostram em suas concepções de comercialização que essa atividade abrange um conjunto de ações e pessoas para desenvolver atividades comerciais ligadas aos bens de produção do agricultor até o consumidor. Isso tira o atravessador.

Quadro 01 - Demonstração dos produtos e valores de vendas na feira em 2015

Produtos	Quantidades	Valores-R\$
Feijão-verde	1 kg	10,00
Couve folha	Unidade	2,00
Goma	1 kg	5,00
Inhame	1 kg	5,00
Tomate cereja	1 kg	5,00
Coco verde	Unidade	1,50
Pão de macaxeira	Unidade	3,00
Cará	1 kg	3,00
Banana-comprida	Unidade	1,00
Manga espada	Unidade	0,50
Banana-anã	Dúzia	4,00
Ovo de galinha de capoeira	Dúzia	10,00

Coentro	Unidade	1,50
Galinha de capoeira	1 kg	20,00
Pão de batata-doce	Unidade	3,00
Tapioca com coco	Unidade	3,00
Berinjela	Unidade	1,50
Quiabo	Unidade	0,10
Jerimum	1 kg	2,00
Mamão	1 kg	2,00
Beterraba	1kg	4,00
Abobrinha	1kg	3,00
Homero	Unidade	1,00
Alface roxo	Unidade	2,50
Alface crespa	Unidade	2,50
Mel de abelha	Unidade de 275ml	10,00
Salsinha	Unidade	1,50

Fonte: Acervo da pesquisadora, 2015.

O quadro 01 mostra os produtos mais comercializados na feira e também os preços dos referidos produtos. São preços acessíveis e produtos de qualidade para o consumo. Conforme Cardoso (2002) o desenvolvimento sustentável procura atender às necessidades do presente sem comprometer a possibilidade de atendê-las no futuro. É com esse pensamento que os agricultores da feira trabalham e comercializam sua produção. De acordo com Altieri (2012) as culturas alimentares básicas são cultivadas por pequenos agricultores. Machado e Machado Filho (2014) ressaltam a importância da produção limpa, sem venenos; eles entendem que isso é sinônimo de saúde e satisfação, para os agricultores e para a população consumidora. Nesse contexto podemos ressaltar que com a alimentação saudável podemos salvar o planeta de um futuro duvidoso. Para Freire e Araújo (1999 *apud* MATOS, 2005, p. 34) a informação só possui poder de ação quando adquire a condição de mensagem, com intenção específica e assimilação possível.

Nesse contexto os autores ressaltam a importância da informação, quando assimilada, pode ser uma aliada dos agricultores na questão da divulgação dos seus produtos e também a qualidade de vida dos consumidores dos produtos. Também Gato (1993 *apud* MATOS, 2005, p. 35) afirma:

[...] o progresso do setor produtivo agrícola, e conseqüentemente o desenvolvimento rural a luz da “modernização” deve considerar, além da organização instrumental da produção, a oportunidade de acesso à cidadania por meio de informações que contribuam para que os produtos rurais possam decidir quanto ao emprego de tecnologias, representadas por instrumentos, processo ou técnicas, que acima de tudo preservem não só a sua liberdade de saber e a sua criticidade, como também o seu meio ambiente.

Para o autor é muito importante trabalhar com a credibilidade da divulgação dos produtos e sua identidade para poder obter resultados positivos na comercialização dos mesmos; isso só através da “agricultura camponesa tem um importante papel na geração de trabalho e renda” para o homem do campo, a luta de construção do modelo de desenvolvimento capaz de garantir aos brasileiros dignas condições de vida para o campo. Wanderlei (2000 *apud* FERNANDES; MOLINA, 2004, p. 83) afirma que a “revalorização rural em curso relaciona-se pela primeira vez na história brasileira à agricultura familiar estar sendo oficialmente reconhecida”.

Os agricultores familiares são percebidos como portadores de outra concepção de agricultura tradicional, diferente e alternativa à agricultura latifundiária e patronal dominante no país. A forte e efetiva demanda pela terra se traduz na emergência de um setor de assentamentos de reforma agrária. Uma das principais consequências dos dois movimentos é a valorização do meio rural como lugar de trabalho e de vida expresso na retomada da reivindicação por permanência ou retorno à terra. Esta “ruralidade” da agricultura familiar, que povoa o campo e anima sua vida social, se opõe, ao mesmo tempo, à relação absenteísta, despovoada e predatória do espaço rural, praticada pela agricultura latifundiária, à visão “urbano-centrada” dominante na sociedade e à percepção do meio rural sem agricultores. (WANDERLEY 2000, p. 29).

Nessa perspectiva de redemocratização do campo brasileiro no pensamento da reforma agrária é importante ressaltar que o campo é um “espaço de renovação dos valores e atitudes, do conhecimento e das práticas. Instiga a recriação de sujeito do campo, como produtores de alimentos e de culturas que se constitui em território de criação e não meramente de produção econômica”. Também o campo não é só do negócio.

Podemos observar os dois mundos de produção de alimentos no quadro 02: um do campo da agricultura camponesa do qual os agricultores da feira fazem parte e o outro mundo do campo do agronegócio (FERNANDES; MOLINA, 2004, p. 85).

Quadro 02 - Diferenças entre os territórios do agronegócio e da agricultura camponesa

Campo da agricultura camponesa	Campo do agronegócio
Policultura - Uso múltiplo dos recursos naturais	Monocultura – <i>Commodities</i>
Paisagem heterogênea	Paisagem heterogênea e simplificada
Trabalho apropriado, apoiado no saber local, com base no uso da produtividade biológica primária da natureza	Produção para exportação (preferencialmente)
Trabalho familiar e geração de emprego	Cultivo e criação onde predominam as espécies exóticas
Democratização das riquezas, desenvolvimento	Erosão genética

local	
Permanência, resistência na terra e migração urbano-rural	Tecnologia de exceção com elevado nível de insumos externos
Campo com muita gente, com casa, com escola...	Competividade e eliminação de empregos
Paradigma da Educação do Campo	Concentração de riquezas, aumento da miséria e da injustiça social
Riqueza cultural diversificada – festas, danças, poesia, música – exemplo: o Mato Grosso é o maior produtor brasileiro de milho e não comemora as festas juninas. Já no Nordeste...	Êxodo rural e periferias urbanas inchadas

Fernandes e Molina (2004) mostram as características do campo do agronegócio e o campo da agricultura camponesa: o campo da agricultura camponesa é o que os agricultores da feira agroecológica defendem, como mostra a tabela acima, “o processo de fortalecimento de uma política de desenvolvimento territorial sustentável” contra o agronegócio. Fernandes e Molina (2004, p. 78) afirmam que “170 milhões de hectares de terras ainda são devolutas”. Isso é lamentável, em pleno século XXI presenciamos esse descaso. Na verdade falta uma Reforma Agrária ou uma política forte de governo porque a “reforma agrária não é apenas uma política para minimizar os problemas do campo, é também uma forma de enfrentar parte dos problemas urbanos”.

Para Fernandes e Molina (2004) o agronegócio é um novo nome do modelo de desenvolvimento econômico da agropecuária capitalista, enquanto a agricultura camponesa é baseada na diversidade de sua produção alimentar. Podemos ver essa diferença ao observarmos a (figura 07), onde a diversidade e a qualidade são visíveis aos olhos do consumidor.

Figura 07 - Demonstração da variedade de produtos que tem na Feira Agroecológica



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2015.

4.5.1 Levantamento do perfil dos feirantes da Feira Agroecológica do bairro dos Bancários que participaram da pesquisa

Os procedimentos metodológicos usados no levantamento do perfil dos agricultores da feira foram através da pesquisa participante de observação na feira, diálogo com os agricultores e aplicação de questionário semiestruturado a ser analisado com os mesmos que fazem a comercialização na feira orgânica da produção familiar. O questionário continha perguntas sobre a naturalidade dos mesmos, as condições de posse da terra, número de filhos, idade dos agricultores e esses dados do questionário foram organizados em uma tabela e em um gráfico, no qual podemos verificar diferentes aspectos como já foi citado. Souza (2011) diz que a agricultura orgânica defende a viabilidade de uma produção sustentável que respeite o meio ambiente como um todo e principalmente o homem, mesmo na atualidade, cada vez mais dependente da tecnologia e da ciência para o crescimento e desenvolvimento em todos os campos da atividade humana. Entretanto, com base nesse conceito os agricultores buscam a cada dia se fortalecer na construção da agroecologia. Podemos observar que o levantamento de dados sobre os feirantes é importante para conhecermos e entender o seu comportamento. Isso contribui para o fortalecimento e confiança dos consumidores da referida feira.

Tabela 01 - Naturalidade dos feirantes da feira que participaram da pesquisa

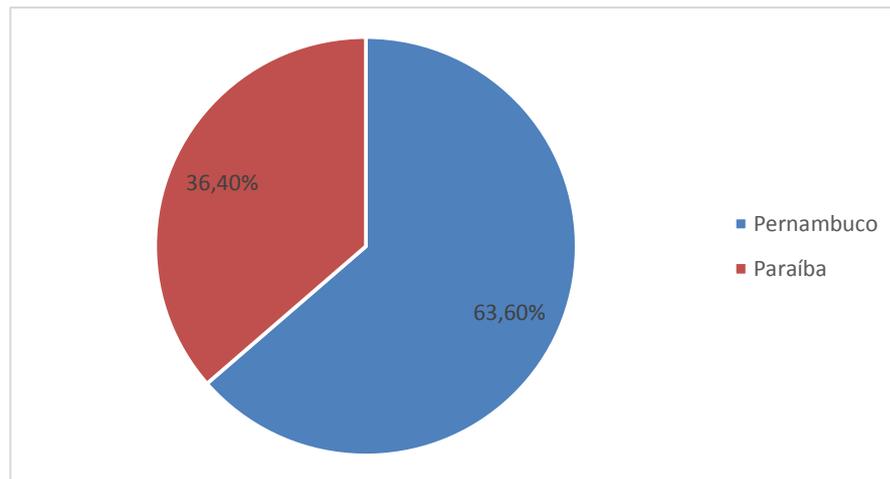
Estado de origem	Número de pessoas	Porcentagem %
Pernambuco	7	63,60%
Paraíba	4	36,40%

Total	11	100%
--------------	-----------	-------------

Fonte: Arquivo da pesquisadora, 2015.

Podemos observar na tabela 01 que os agricultores são naturais de dois estados da federação brasileira, dos 11 pesquisados 7 são do estado de Pernambuco enquanto 4 são do estado da Paraíba. Isso mostra o processo migratório dos feirantes.

Gráfico 01 - Percentual da origem dos feirantes



Fonte: Arquivo da pesquisadora, 2015.

O gráfico 01 mostra um resultado elevado de imigração do estado de Pernambuco para o estado da Paraíba; apesar de ser um estado vizinho e da mesma região Nordeste o número de pernambucanos é de 63,60% que deixaram seu estado em busca de melhores condições de vida. O percentual da Paraíba é 36,40%, um número bem inferior ao estado vizinho.

Tabela 02 - Distribuição da idade dos feirantes

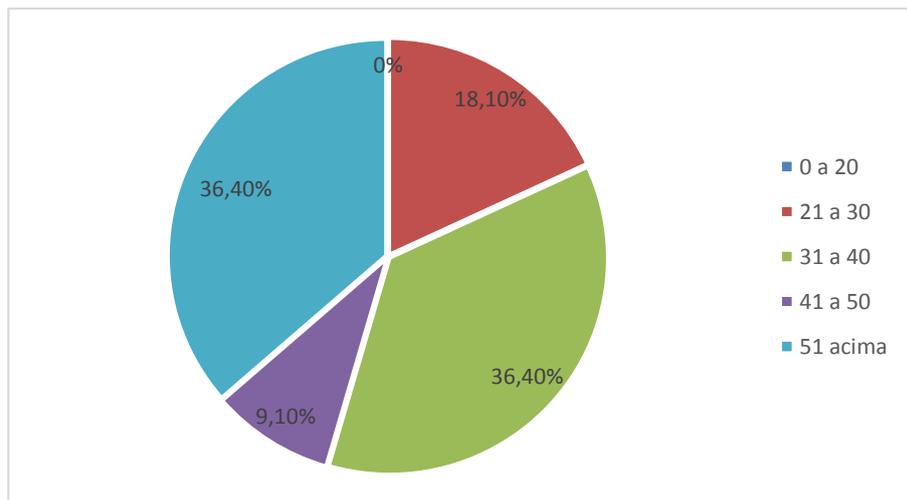
Idade	Numero	Porcentagem %
0 a 20	0	0%
21 a 30	02	18,10%
31 a 40	04	36,40%
41 a 50	01	9,10%
51 acima	04	36,40%
Total	11	100%

Fonte: Arquivo da pesquisadora, 2015.

De acordo com os dados coletados, podemos observar na tabela 02 que os agricultores da feira estão divididos em diferentes faixas etárias. Dos 11 (onze) agricultores entrevistados na pesquisa 18,1% possuíam entre 21 e 30 anos, são jovens agricultores que

estão contribuindo para o desenvolvimento sustentável; 36,4% dos agricultores possuíam idade entre 31 e 40 anos; 9,1% têm a idade entre 41 e 50 anos; outros 36,4% possuíam mais de 51 anos de idade. Também a tabela mostra que teve um empate entre a faixa etária de 31 a 40 anos e 51 anos de idade. Portanto, a faixa da idade dos agricultores da feira orgânica da agricultora familiar é variada.

Gráfico 02 - Demonstração da faixa etária de idade dos feirantes



Fonte: Arquivo da pesquisadora, 2015.

Podemos observar que obtivemos um empate entre a faixa etária de 31 a 40 anos e 51 anos de idade. Também o gráfico traz 9,10% de jovens feirantes, é um número pequeno, mas mostra que a cultura está passando de geração a geração, isso é muito bom apesar de ser lento.

Tabela 03 - Recebe algum benefício do governo federal

Pesquisado	Quantidade	Porcentagem %
Aposentado	01	9,10%
Bolsa-família	07	63,60%
Só da agricultura	3	27,30%
Total	11	100%

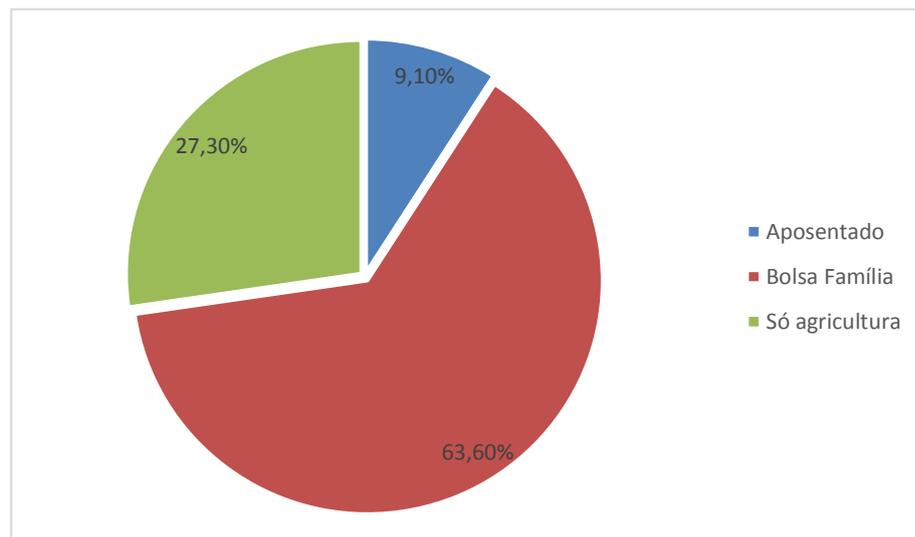
Fonte: Arquivo da pesquisadora, 2015.

Como podemos observar o resultado da tabela 03, o poder socioeconômico dos agricultores ou feirantes é baseado na agricultura familiar e projetos sociais do governo federal.

O bolsa família é um programa que foi criado pelo governo no final de 2003, a partir da junção de quatro programas de transferência de renda pré-existentes fortemente inspirando o bolsa família, programa de renda mínima veiculando a educação. Os objetivos almejados pelo PBF são vários como redução da pobreza e desigualdade de renda (NERI; MELO; MONTE, 2012, p. 96).

Nesse contexto de renda familiar 63,6% dos agricultores recebem o bolsa-família como complemento de sua renda.

Gráfico 03 - Renda familiar dos feirantes



Fonte: Arquivo da pesquisadora, 2015

O gráfico 03 mostra que os feirantes têm outras fontes de renda, 27,30% recebem a renda da agricultura e outros benefícios não citados no gráfico e 9,10% a renda é da previdência social, ou melhor, aposentadoria. Mas o maior índice de renda dos agricultores é a do bolsa-família.

Podemos observar através da tabela 04 que o nível de escolaridade dos agricultores feirantes é ainda preocupante, pois só 3 dos pesquisados terminaram o Ensino Médio, enquanto 1 tem o Ensino Médio incompleto e o que chama atenção é que 7 deles não têm o Ensino Fundamental completo. Diante dos dados compreende-se que os educandos tinham que trabalhar e estudar longe de casa à noite como foi o caso da irmã Rosemeire; segundo ela, estudou o Ensino Fundamental, parou porque casou e depois de muito tempo voltou a estudar para terminar o Ensino Médio, mais foi uma luta porque tinha que ir estudar na cidade e também não tinha transporte para ela ir e os outros estudantes. Mas mesmo assim ela estudou até o 2º ano.

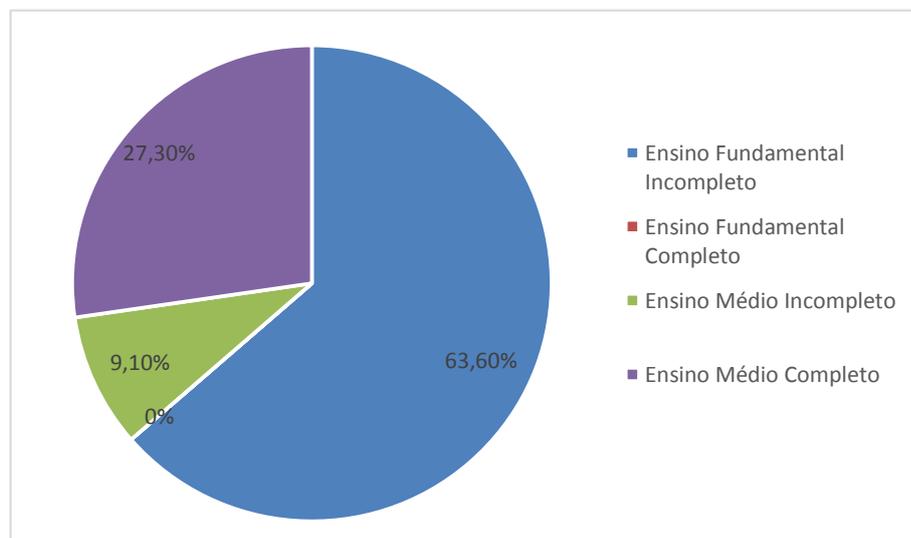
Tabela 04 - Nível de escolaridade dos pesquisados

Nível de escolaridade	Quantidade	Porcentagem %
Ensino Fundamental Incompleto	7	63,60%
Ensino Fundamental completo	0	0,0%
Ensino Médio Incompleto	1	9,10%
Ensino Médio Completo	3	27,30%
Total	11	100%

Fonte: Arquivo da pesquisadora, 2015.

Essa realidade gera um desconforto para o camponês, ele ficar desmotivado para continuar estudando. Muitas causas levam alguns abandonar a sala de aula. Conforme Pereira (2005 *apud* VIEIRA, 2015) a história da educação no Brasil sempre foi marcada por um modelo que se caracteriza por uma ideologia capitalista de sociedade excludente dominante, só vê o campo como um lugar atrasado sem desenvolvimento. Esse descaso acarreta vários problemas no processo educacional brasileiro por exemplo a evasão escolar é uma realidade enfrentada em todo país, tendo em vista que os educandos são trabalhadores que não conseguem ir à escola devido ao cansaço físico devido um longo dia de trabalho, a falta de motivação em sala de aula, conforme dona Lucélia de 34 anos parou de estudar no 7º ano, pois ela é mãe de 6 filhos, dona de casa, agricultora experimentadora e feirante, e mora longe da escola, tinha que deslocar de sua residência para estudar na cidade, portanto ela desistiu de estudar, mais ela ainda tem vontade de voltar a estudar.

Gráfico 04 - Nível de escolaridade dos feirantes



Fonte: Arquivo da pesquisadora, 2015.

Ao analisar os dados do gráfico 04 em relação ao nível de escolaridade dos feirantes percebe-se que poucos terminaram os estudos. Isso pode estar ligado a algumas questões educacionais, primeiro uma longa jornada de trabalho, ausência de escola no campo, por falta de uma política pública para a população do campo. Essas questões sempre foram presentes na realidade da história da educação brasileira, das pessoas que moram no campo. Como podemos ver são 63,60% que não têm Ensino Fundamental completo, enquanto que 27,30% têm o nível do Ensino Médio completo. Também o gráfico apresenta 9,10% que não completaram o Ensino Médio.

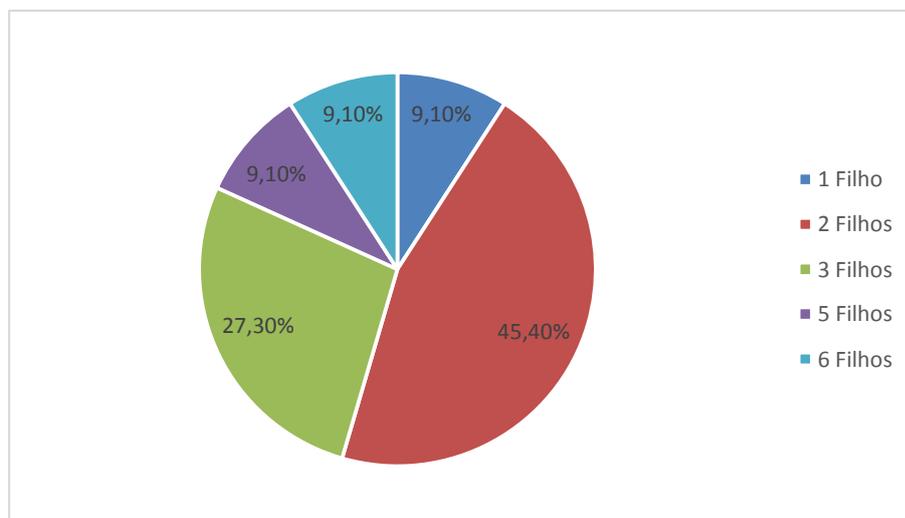
Tabela 05 - Número de filhos dos pesquisados por cada família

Filhos	Quantidade de famílias	Porcentagem %
1	01	9,10%
2	05	45,40%
3	03	27,30%
5	01	9,10%
6	01	9,10%
Total	11	100%

Fonte: Arquivo da pesquisadora, 2015.

A tabela 05 mostra uma tendência do número dos filhos das famílias brasileiras, a maioria do número dos filhos dos agricultores da feira é de 0 a 2. Os dados acima mostram que apenas duas famílias têm mais de 4 filhos. Portanto, as famílias tiveram um controle de natalidade no tocante ao número de filhos que elas têm para formar sua família.

Gráfico 05 - Quantidade de filhos por família



Fonte: Arquivo da pesquisadora, 2015.

Portanto, analisando o gráfico 05 podemos perceber que houve certo controle de natalidade no número de filhos que os agricultores apresentam, um percentual de 45,40% de família com 2 filhos. Também aparecem 27,30% de famílias com 3 filhos e ainda aparece um empate nos percentuais de 9,10% de família com um número de filhos uma com um filho outra com 5 filhos e outra com 6 filhos. Podemos perceber que houve uma preocupação das famílias na quantidade de filhos, mesmo com escolaridade razoável, mas tiveram um controle.

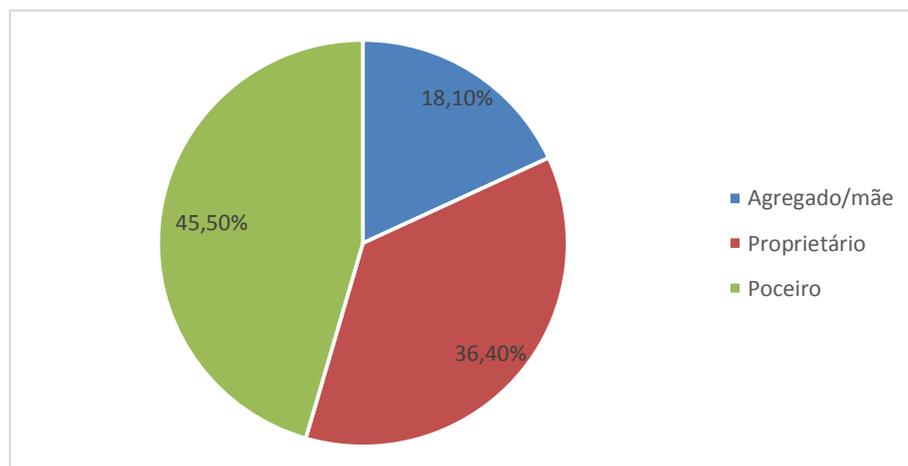
Tabela 06 - A titulação da terra

Titular do lote	Número	Porcentagem %
Agregado /Mãe	2	18,10%
Proprietário	4	36,40%
Posseiro	5	45,50%
Total	11	100%

Fonte: Acervo da pesquisadora, 2015.

Em relação à condição da posse da terra, dos pesquisados, a tabela 06 apresenta os dados: 36,10% são proprietários, 45,50% são posseiros há trinta anos e 18,10% se enquadram em outras condições como os de agregados. O processo de reforma agrária ainda está muito lento, de acordo com as respostas dos agricultores; juntando os dados dos posseiros e agregados, tem aproximadamente 63,60% dos pesquisados que não têm sua própria terra para produzir, uns produzem na terra da mãe e outros lutam há 30 anos por seu lote, só não receberam a emissão de posse.

Gráfico 06 - Titular da terra



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2015.

Podemos perceber no gráfico 06 que maioria dos pesquisados são posseiros como apresenta o gráfico: 45,50% são posseiros que moram na terra, mas não receberam emissão de posse emitido pelo INCRA. Segundo irmã Rosimeire são aproximadamente 30 (trinta) anos que eles lutam junto da CPT por esse território. É uma área de terra muito rica; tem praia, por isso essa luta toda. Também o gráfico apresenta 36,40% de pessoas que já têm seu próprio lote. Mas ainda tem 18,10% que são agregados, ou melhor, dependem das terras de seus familiares para produzir seus produtos.

Nesse contexto de desigualdade de distribuição de terra do Brasil, como já foi citado anteriormente, existem 170 milhões de hectares de terras devolutas. Fernandes e Molina (2004) mostram que de 2004 em diante não temos ouvido falar em formação de assentamento como antes; a luta é grande, mas o processo de desapropriação de terras é muito lento.

Tabela 07 - Tamanho do lote

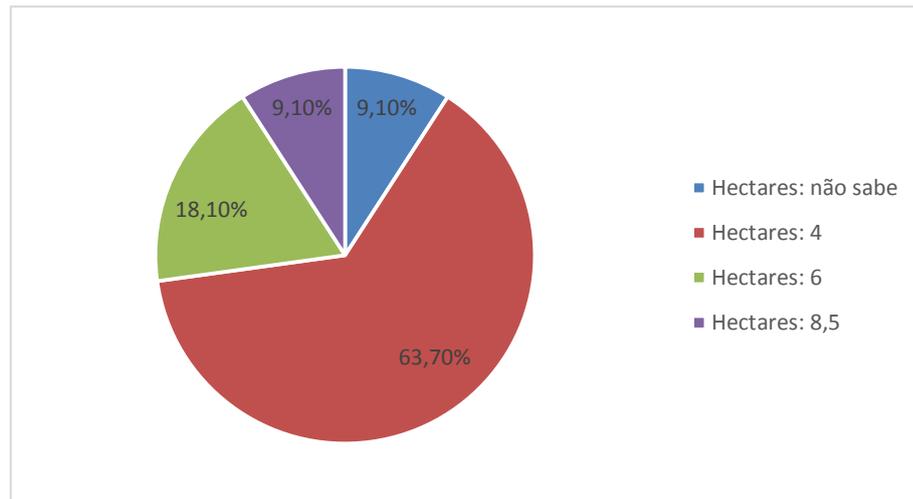
Tamanho do lote/hectares	Número de pesquisados	Porcentagem %
Não sabe	01	9,10%
04	07	63,70%
06	02	18,10%
8,5	01	9,10%
Total	11	100 %

Fonte: Arquivo da pesquisadora, 2015.

Podemos observar na tabela 07 que 01 dos pesquisados não sabe quantos hectares de terra, isto é, qual é o tamanho dos lotes para sua produção, podemos observar que 63,7% dos lotes dos agricultores são pequenos. Esta é uma característica não só do Assentamento Capim de Cheiro, mas representa um retrato dos demais assentamentos da Reforma Agrária. Conforme Alba (2009, p. 33), é o perfil característico da Agricultura Familiar em sua forma de organização e atuar em suas propriedades. Também para Buainain (2003 *apud* BARBÉ 2009, p. 40), a área média dos estabelecimentos de produção familiar no Brasil é de 26 hectares e o tamanho médio varia de região para região.

Podemos perceber no gráfico 07 que 63,70% dos pesquisados possuem um lote de terra com 4 hectares. O gráfico mostra que outro percentual de 18,10% possuem lote de terras de 6 hectares. Também o gráfico apresenta 9,10% com um lote de terra de 8,5 hectares e meia e 9,10% com que não sabe do tamanho do seu lote.

Gráfico 07 - Quantidade de hectares que tem os pesquisados



Fonte: Arquivo da pesquisadora, 2015.

Quadro 03 - Uso de defensivos naturais na plantação dos feirantes

Pesquisados	Nome do insumo
A-01	Mijo de vaca (urina)
A-02	Esterco de vaca e galinha
A-03	Ortega e nem
A-04	Óleo mineral com sabão
A-05	Não usa
A-06	Mijo de vaca e óleo mineral
A-07	Mijo de vaca
A-08	Mijo de vaca
A-09	Neem com eucalipto, pimenta, mijo de vaca
A-10	Mijo de vaca
A-11	Extrato de pimenta, Neem eucalipto, massaranduba e fumo e alho e manipueira

Fonte: Arquivo da pesquisadora, 2015.

Os resultados mostram que na totalidade dos feirantes o uso de insumo natural quase todos usam para matar as pragas das lavouras. Esse trabalho é controlado, tem a orientação técnica para os agricultores, através de uma equipe multidisciplinar que acompanha esse processo de uso dos defensivos naturais. CPT e COOASP fazem esse monitoramento da produção. Gonh (1995) afirma:

Ações coletivas de caráter sociopolítico, construídas por atores sociais pertencentes a diferentes classes e camadas sociais. Eles politizam suas demandas e criam um campo político de força social na sociedade civil. Suas ações estruturam-se a partir de repertórios criados sobre temas e problemas Em situações de: conflitos, litígios e disputas. As ações desenvolvem um processo social e político cultural que cria uma identidade coletiva ao movimento, a partir de interesses em comum. Esta identidade decorre da força do princípio da solidariedade, é construída a partir da base referencial de valores culturais e políticos compartilhados pelo grupo (GOHN, 1995, p. 4).

Nesse processo de transformação social e da transição agroecológica os movimentos sociais são muito importantes para o fortalecimento desse procedimento. “A produção de conhecimentos ocorre não pela absorção de conteúdos previamente sistematizados, objetivando ser apreendido, Mas o conhecimento é gerado por meio da vivência de certas situações-problemas”. As ações interativas entre indivíduos são fundamentais para o processo que ocorre a partir das relações sociais.

Quadro 04 - Diferencia entre esta feira das feiras tradicionais

Pesquisados	Respostas
A-01	Porque os produtos são naturais.
A-02	Segurança alimentar, a saúde tem uma diferença muito grande, enquanto alimentação é saudável.
A-03	Porque os produtos são naturais e também são os agricultores quem comercializam direto para o consumidor.
A-04	Porque os produtos são orgânicos.
A-05	Muito, mais valor dos produtos. Também os produtos são da agricultura familiar camponesa.
A-06	Vende mais caro.
A-07	É porque os produtos são naturais sem agrotóxico.
A- 08	Os produtos sem agrotóxico.
A- 09	O preço melhor, a produção é natural, sem o uso de veneno, o atendimento ao cliente.
A- 10	Produtos sem veneno.
A-11	Produção sem venenos; Ausência do atravessador, relação de confiança entre produtor e consumidor; sistema de economia solidária.

Fonte: Arquivo da pesquisadora, 2015.

De acordo com as respostas obtidas no quadro 04, podemos ver que as respostas conseguiram atingir o objetivo da pergunta, afirmando que a diferença desta feira para as feiras tradicionais é por conta dos produtos naturais sem uso de agrotóxico. O pesquisado A-02 ressaltou a importância dos alimentos saudáveis para a saúde. Conforme Machado e Machado Filho (2014, p. 85) a soberania alimentar é a capacidade que um país tem de

alimentar a sua população com produtos provenientes de sua agricultora seja ela animal ou vegetal. Mas a soberania alimentar é pré-condição para a soberania política. Portanto, os autores ressaltam a importância de uma política voltada para a segurança alimentar dos povos; neste contexto os agricultores trabalham para uma segurança alimentar.

Outros afirmaram que os produtos têm mais valor na comercialização do que nas feiras tradicionais que eles conhecem e também a qualidade dos produtos é melhor, são produtos da agricultura familiar camponesa.

Quadro 05 -Participação de outra feira agroecológica.

Pesquisados	Respostas
A-01	Não
A-02	Sim. No Bairro dos Estados em JP
A -03	Não
A-04	Sim. Caapora PB
A-05	Sim. Ponto dos Cem Réis- JP
A-06	Sim. Caaporã-PB
A-07	Não
A-08	Sim. Ponto dos Cem Réis-JP
A-09	Sim. Ponto dos Cem Réis e José Américo em JP
A-10	Não
A-11	Sim. Ponto dos Cem Réis-JP

Fonte: Arquivo da pesquisadora, 2015.

O quadro 05 acima mostra que a maioria dos agricultores participa de outras feiras agroecológicas em várias cidades. Mas a capital do estado da Paraíba, João Pessoa é a mais presente no contexto do desenvolvimento agroecológico já que foi citada em mais de três feiras realizadas na capital.

Conforme Wanderley (2001, p. 33) “o espaço local é, por excelência, o lugar da convergência entre o rural e o urbano; um programa de desenvolvimento local não substitui o desenvolvimento rural, mas o incorpora como parte integrada”. Nesse contexto de desenvolvimento incorporado de campo e cidade nos remete a pensar que são dois territórios de complexidade onde cada um deles tem sua virtude e interesse de desenvolvimento local. Wanderley (2001) ainda complementar seu pensamento sobre esses dois “mundos”.

O espaço local é, de fato, o lugar do encontro entre estes dois “mundos”. Porém, nele, as particularidades de cada um não são anuladas, ao contrário, são fontes da integração e da cooperação, tanto quanto das tensões e dos conflitos. O que resulta desta aproximação não é a diluição de um dos polos do continuum, mas a configuração de uma rede de relação recíproca, em múltiplos planos que, sob muitos aspectos, reitera e viabiliza as particularidades. (WANDERLEY, 2001, p. 34).

Portanto, pensar nesse processo de desenvolvimento local como saída para a valorização das dimensões, econômica, social e cultural da sociedade envolvida no processo de desenvolvimento, contribuindo para a divulgação das experiências e também se contrapor ao poder hegemônico. Para Sen (2000 *apud* MAIA; FERRANTE, 2014, p. 258), “o desenvolvimento tem de estar relacionado, sobretudo com melhoria de vida que levamos e das liberdades”.

Não podemos ter melhoria de vida se a hegemonia do capitalismo estiver desvalorizando o desenvolvimento da agricultura familiar. Conforme Sen, para se contrapor só com o:

Expandir as liberdades que temos razão para valorizar não só torna nossa vida mais rica e mais desimpedida, mas também permite que sejamos seres sociais mais completos, pondo em prática nossas volições, interagindo com o mundo em que vivemos e influenciando esse mundo (SEN, 2000 *apud* MAIA; FERRANTE, 2014, p. 258).

É com esse contexto que os agricultores da feira agroecológica trabalham e lutam por melhores dias de vida, sem degradar o meio ambiente e com a expansão de liberdade. Para Sen (2010 *apud* MAIA; FERRANTE, 2014), a expansão das liberdades políticas incluem os direitos políticos associados às democracias da sociedade. Pois a liberdades de diferentes tipos podem fortalecer umas às outras. Com oportunidades sociais e adequadas, os indivíduos podem efetivamente moldar seu próprio destino e ajudar os outros.

4.5.2 Caracterização do perfil dos consumidores da feira agroecológica do bairro dos Bancários

Os procedimentos metodológicos usados no levantamento do perfil dos consumidores da feira agroecológica foram feitos através de observação na feira, diálogo com os consumidores que fazem compras na feira e aplicação de questionário semiestruturado durante o mês de setembro de 2015.

É importante conhecer o perfil dos consumidores, pois permite orientar o trabalho de produção, direcionar o processo de *marketing* e comercialização, além de dar uma ideia da

importância desse segmento de consumo no mercado regional (DAROLT, 2000 *apud* SOUZA, 2011). Também Vilas Boas ressalta a importância de:

Conhecer o comportamento do consumidor de produtos orgânicos; torna-se, portanto, primordial para o desenvolvimento de ações que venham a proporcionar este crescimento sustentado, trazendo benefícios para todos os elementos que compõem esta cadeia produtiva, desde o produtor até o consumidor final (VILAS BOAS, 2005 *apud* SOUZA, 2011, p. 4)

Neste contexto de estilo de vida os consumidores procuram qualidade de vida, bem-estar. Engel, Blackwell e Miniard (2000 *apud* SOUZA, 2011) dizem que o estilo de vida é um conceito popular para compreender o comportamento do consumidor, talvez porque seja mais contemporâneo do que “personalidade” e mais abrangente do que “valores”. Esses autores mostram que o estilo de vida é um comportamento pessoal de cada pessoa ou grupo que busca mudanças de bem-estar. Silva (2007 *apud* SOUZA, 2011) diz que “a satisfação do consumidor torna-se a peça chave para o sucesso de qualquer agroindústria no ambiente competitivo e globalizado”. Da mesma forma é nas feiras agroecológicas.

Os consumidores da feira são consumidores que no decorrer da pesquisa podemos observar que sempre estão presentes a cada feira, já que a mesma é quinzenal. Então isso faz com que eles criem laços de amizade. Pois quando se reencontram é aquela alegria estampada no rosto. Nessa trajetória da feira teve consumidor que já foi visitar assentamentos para conhecer as áreas da produção agrícola dos assentados. Isso contribui para o fortalecimento da feira. Vilas Boas (2005 *apud* SOUZA, 2011) diz que é importante.

Conhecer as relações estabelecidas pelos consumidores como referência ao conhecimento do produto orgânico da agricultura familiar, ao conjunto de atributos dos produtos que orientam sua decisão de compra, ao conjunto de valores que guiam suas atitudes e as consequências percebidas que estabelecem a relação entre atributos, valores (VILAS BOAS, 2005 *apud* SOUZA, 2011).

A maioria dos consumidores da feira reside no bairro dos Bancários, considerado um bairro de classe média da Zona Sul da cidade de João Pessoa. A valorização dos seus imóveis está entre os cinco bairros mais valorizados. Tem uma rede de serviços bastante diversificada em todos os ramos de comércio, sendo: clínicas médicas, laboratórios, informática, supermercados, farmácias, *shopping*, entre outros. No que se refere ao bem-estar e lazer, nele contamos com a Praça da Paz, aonde as pessoas vão para praticar atividades físicas, como também para seus filhos se divertirem em brinquedos lá existentes e outras práticas. Na área de educação o bairro conta com vários colégios públicos e privados, e também duas

universidades sendo uma pública, a UFPB, e a outra privada chamada Centro Universidade de João Pessoa (UNIPÊ).

O perfil dos consumidores que frequentam a referida feira é de servidores públicos, professores, estudantes, comerciantes, aposentados e profissionais liberais. A busca para identificar o perfil dos consumidores da feira foi para conscientizar e informar sobre a importância de consumir produtos saudáveis. Conforme Souza (2011) essa busca por estímulo ao consumidor para consumir os produtos da agricultura familiar é o modo como esses consumidores possam incentivar outros, propagando os produtos e assim vai contribuir para o crescimento desse comércio.

Nas observações e diálogos com os consumidores, podemos perceber que também os consumidores são de origem de interior, mas moram na capital há muitos anos. Também observamos que eles são muito fiéis ao consumo dos produtos orgânicos.

No período de agosto a novembro de 2015 foram entrevistados 29 consumidores da feira no momento em que estavam comprando os produtos orgânicos na Feira Orgânica da Agricultura Familiar do bairro dos Bancários no qual faço minha Residência Agrária desde setembro de 2014 e durante esse tempo vinha me comunicando com os consumidores falando que estava fazendo uma pesquisa da Universidade Estadual da Paraíba do Curso de Pós-Graduação em Agroecologia, e gostaria muito que eles participassem da pesquisa respondendo um questionário com 9 (nove) questões e também que os mesmos assinassem o termo de compromisso para a pesquisa.

Tabela 08 - Naturalidade dos consumidores da feira

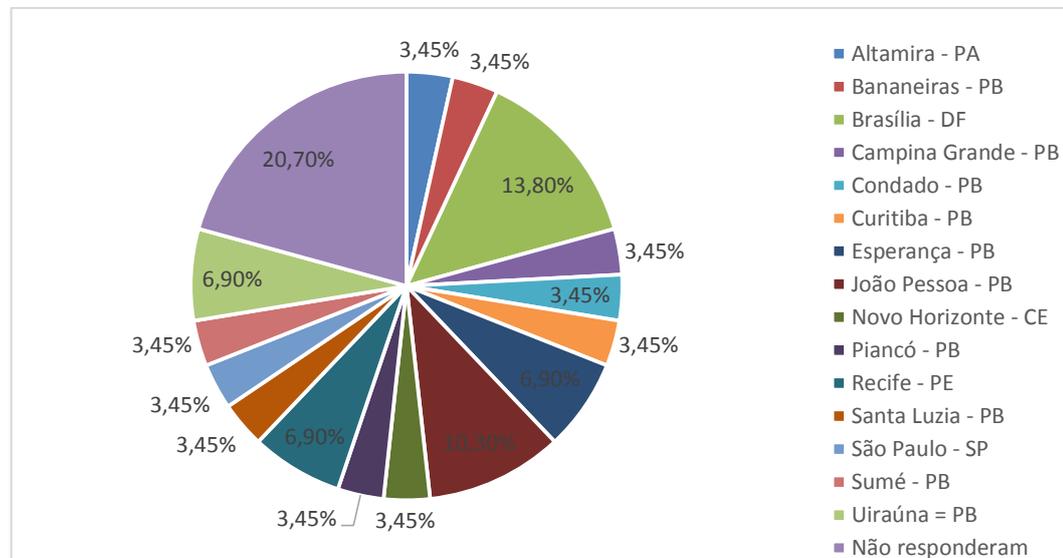
Naturalidade	Número	Porcentagem %
Altamira – PA	1	3,45%
Bananeiras – PB	1	3,45%
Brasília – DF	4	13,80%
Campina Grande – PB	1	3,45%
Condado – PB	1	3,45%
Curitiba – PR	1	3,45%
Esperança – PB	2	6,90%
João Pessoa – PB	3	10,30%
Novo Horizonte – PB	1	3,45%
Piancó – PB	1	3,45%
Recife – PE	2	6,90%
Santa Luzia – PB	1	3,45%
São Paulo – SP	1	3,45%
Sumé – PB	1	3,45%
Uiraúna – PB	2	6,90%
Não responderam	6	20,70%
Total	29	100%

Fonte: Acervo da pesquisadora, 2015.

Para melhor visualização dos resultados, os dados são apresentados na forma de tabelas e gráficos, em função de cada uma das questões levantadas no questionário ter mais de uma opção; nele vem naturalidade, sexo, idade, renda, escolaridade e qual o incentivo de consumir os produtos.

Podemos observar na tabela que os consumidores da feira orgânica da agricultura familiar da praça Equilíbrio do Ser do bairro dos Bancários, a grande maioria é de cidades do interior da Paraíba, que migraram para a capital do estado em busca de melhores condições de vida e esses consumidores também querem melhor qualidade de vida. Muitos deles se lembram de suas origens com saudade. Outros migraram de outros estados da federação como São Paulo, Brasília, Paraná, Pará, Pernambuco e Ceará.

Gráfico 08 - Naturalidade dos consumidores da feira



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2015.

Ficou claro que os consumidores da feira da agricultura familiar são migrantes de várias regiões do país principalmente do interior da Paraíba; 34,70% dos consumidores são do interior do estado, enquanto que os pessoenses são 10,30% dos consumidores. O resultado da pesquisa do IBGE (2010) e do Pnad (2014) diz que um em cada dez moradores da Paraíba é de outros estados, ou melhor, não nasceram no estado. A tabela acima mostra isso, por ex., 13,80% são do Distrito Federal seguido por outros estados como o estado de Pernambuco 6,90%, Ceará 3,45%, Pará 3,45%, Paraná 3,45, São Paulo 3,45% e não responderam 20,70%. A imigração é um problema social. Mas no caso dos entrevistados foi porque vieram estudar e

depois ficaram morando aqui, uns casaram, outros conseguiram trabalhos e se fizeram na vida; a profissão desses entrevistados é bem diversificada como já foi citado acima.

Tabela 09 - Bairros onde os consumidores moram em João Pessoa

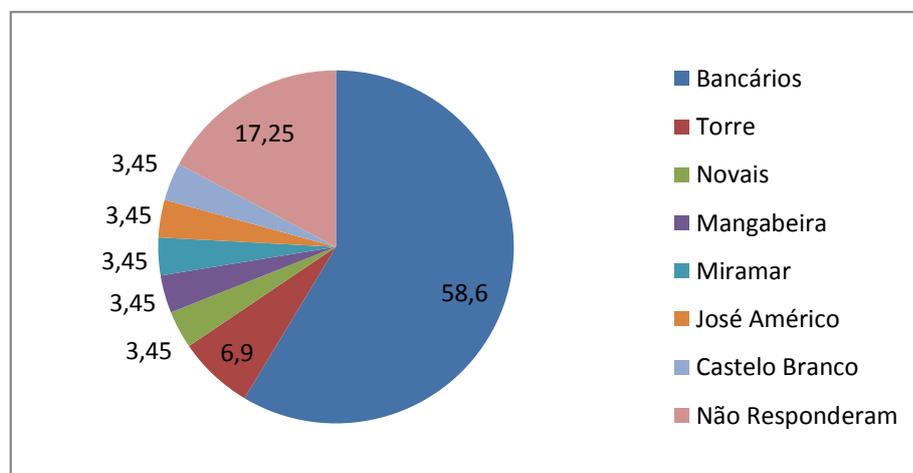
Bairro	Número	Porcentagem %
Bancários	17	58,60%
Torre	2	6,90%
Novais	1	3,45%
Mangabeira	1	3,45%
Miramar	1	3,45%
José Américo	1	3,45%
Castelo Branco	1	3,45%
Não responderam	5	17,25%
Total	29	100%

Fonte: Acervo da pesquisadora, 2015.

Como podemos observar na tabela 09, os consumidores da feira são na maioria moradores do bairro dos Bancários e outros bairros da capital e que vêm fazer terapia na clínica Equilíbrio do Ser.

Mas a feira está se expandindo para outros bairros da capital. Isso pode ser visto na tabela acima, um dos bairros mais distantes do bairro dos Bancários é o bairro dos Novais e depois vem Torre e Miramar. Isso é muito bom para o desenvolvimento da feira, porque a propaganda boca a boca vai crescendo a cada dia; cada dia de feira vemos pessoas diferentes comprando na feira.

Gráfico 09 - Bairros onde os consumidores moram em João Pessoa



Fonte: Arquivo da pesquisadora, 2015.

O gráfico 09 mostra que os consumidores da feira são de vários bairros da capital do estado. 58,6% dos consumidores são do bairro dos Bancários; em segundo lugar vêm os que não responderam, com 17,25%; em terceiro lugar aparece o bairro da Torre com 6,9% e para fechar os percentuais da pesquisa aparecem vários bairros empatados em torno de 3,45%. Portanto, conforme a tabela e o gráfico os mesmos mostram um resultado satisfatório por serem os consumidores de vários bairros da capital; isso contempla até com a divulgação da feira esse resultado.

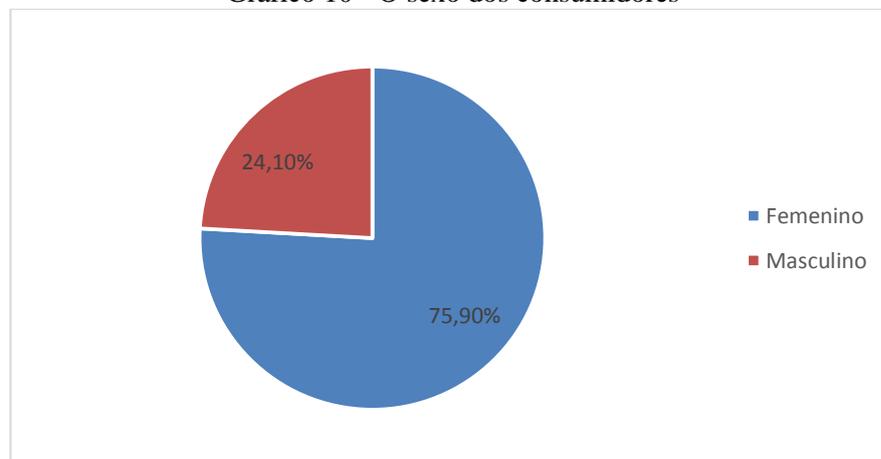
Tabela 10 - Sobre o sexo dos consumidores

Sexo	Quantidade	Porcentagem %
Feminino	22	75,90%
Masculino	7	24,10%
Total	29	100%

Fonte: Arquivo da pesquisadora, 2015.

Os consumidores da feira são mais do sexo feminino, como podemos observar na tabela acima; o sexo feminino teve mais participação de 75,9% das entrevistas enquanto que o sexo masculino teve uma participação de 24,10%. Este número revela que as mulheres são as responsáveis pelas compras dentro dos domicílios. Isso não quer dizer que o homem não paga as contas, mas sim, mostra que a mulher se preocupa com uma alimentação mais saudável para sua família. Deve ser salientado que o horário da pesquisa foi em horário comercial e os questionários foram feitos apenas com o responsável da compra.

Gráfico 10 - O sexo dos consumidores



Fonte: Arquivo da pesquisadora, 2015.

Conforme as referências desta pesquisa, as mulheres são na sua grande maioria as responsáveis pelas compras, o gráfico mostra isso, 75,9%. Mas podemos salientar que pode ser por conta do horário de trabalho dos homens, pois esse horário é comercial e isso dificulta a presença dos mesmos na referida feira. Eles estão presentes em uma minoria de 24,1%.

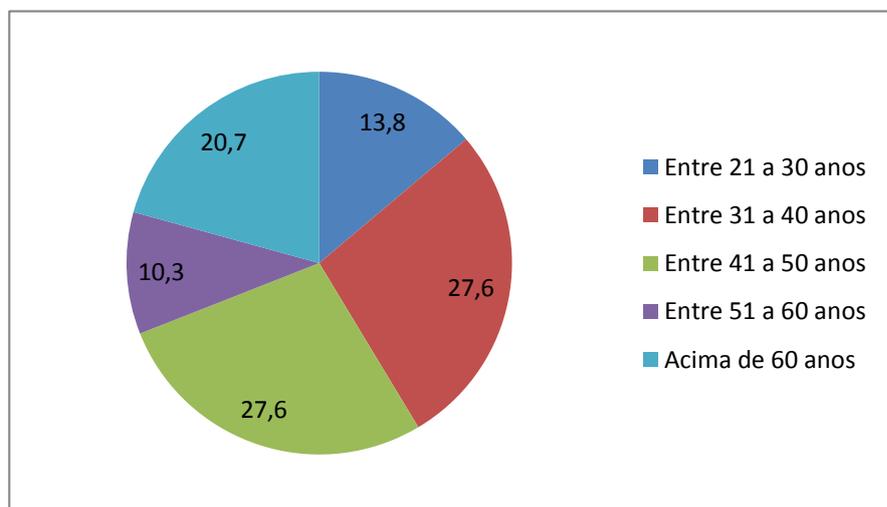
Tabela 11 - Faixa etária de idade dos consumidores

Idade	Quantidade	Porcentagem %
Entre 21 e 30 anos	4	13,80%
Entre 31 e 40 anos	8	27,60%
Entre 41 e 50 anos	8	27,60%
Entre 51 e 60 anos	3	10,30%
Acima de 60 anos	6	20,70%
Total	29	100%

Fonte: Arquivo da pesquisadora, 2015.

A pesquisa mostra que alguns consumidores são jovens com idade entre 21 e 30 anos de idade; é um número pequeno de jovens que está preocupado com sua segurança alimentar. Já de idade entre 31 e 40 é bem maior número de consumidores, como também entre 41 e 50 anos. Como podemos ver essas duas faixas etárias estão buscando qualidade de vida. Da faixa etária entre 51 e 60 anos, um número bem menor tem buscando qualidade de vida e os de 60 anos acima já é maior do que entre 51 a 60 anos. Pois os de 60 anos acima são pessoas que buscam qualidade de vida. Conforme seu Severino a feira é uma festa, faz amizade, os preços são bons, todas as feiras ele está presente com sua esposa, ele afirmou que adora feira.

Gráfico 11 - Faixa etária de idade dos consumidores



Fonte: Arquivo da pesquisadora, 2015.

Portanto, podemos observar que os consumidores dos produtos orgânicos estão em equilíbrio na faixa etária entre 31 e 40 anos e entre 41 e 50 anos com um percentual de 27,6%. Também um percentual muito bom é o pessoal da faixa etária de 51 a 60 anos. Isso mostra que o consumidor acima de 60 anos está se cuidando mais com sua alimentação, tem mais conscientização sobre sua saúde. Conforme Lima (2010), a agricultura orgânica tem o objetivo de produzir alimentos de qualidade em quantidade suficiente para contribuir com a redução da pobreza e para fortalecer a segurança alimentar dos povos.

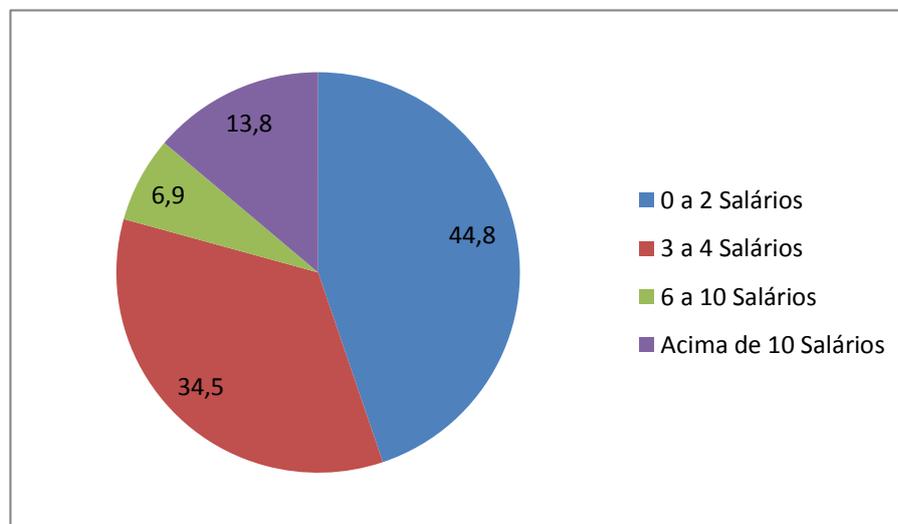
Tabela 12 - Renda dos consumidores pesquisados

Renda dos consumidores	Número	Porcentagem %
0 a 2 salários	13	44,80%
3 a 4 salários	10	34,50%
6 a 10 salários	2	6,90%
Acima de 10 salários	4	13,80%
Total	29	100%

Fonte: Arquivo da pesquisadora, 2015.

Quanto à renda dos consumidores há uma variedade em relação à questão do salário mínimo das famílias entrevistadas. Conforme a tabela acima mostra a renda dos consumidores dos produtos orgânicos da feira orgânica da agricultura familiar da praça do Equilíbrio do Ser do bairro dos Bancários: entre 0 e 2 salários mínimo, 44,80%; de 3 a 4 salários, 34,50%, de 6 a 10 salário, 6,90%; acima de 10 salários, 13,80%.

Gráfico 12 - Renda dos consumidores pesquisados



Fonte: Arquivo da pesquisadora, 2015.

Portanto, a porcentagem mostrada na tabela e no gráfico acima sobre a renda dos consumidores da feira com o percentual de 44,8% de 0 a 2 salários são pessoas de outros bairros que fazem tratamento na clínica do Equilíbrio do Ser e participam de grupo; também de pessoas que vão para a parada de ônibus que fica perto da feira e elas passam para lanchar.

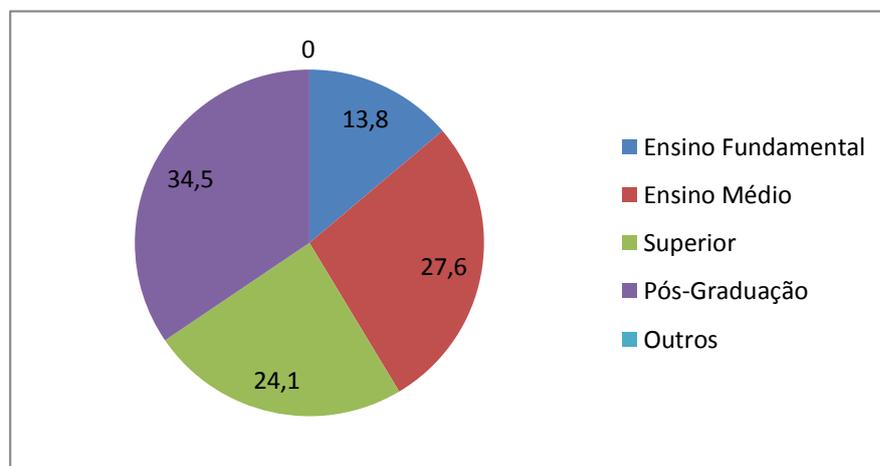
Tabela 13 - Escolaridade dos consumidores da feira

Escolaridade	Quantidade	Porcentagem %
Ensino Fundamental	4	13,80%
Ensino Médio	8	27,60%
Superior	7	24,10%
Pós-Graduação	10	34,50%
Outros	0	00,00%
Total	29	100%

Fonte: Arquivo da pesquisadora, 2015.

A tabela 13 mostra o nível de estudos dos consumidores dos produtos orgânicos da agricultura familiar da feira: A pessoa com escolaridade maior é interessada de consumir produtos que dê qualidade de vida. Os consumidores têm interesse pelos alimentos sem os agrotóxicos e também são consumidores de origem sertaneja onde nos anos 80 não se usava isso como hoje e seus familiares viviam muitos anos. Portanto, seus familiares são espelhos e referências no consumo dos produtos. Então o conhecimento empírico com o conhecimento científico, isso proporcionou uma ligação ao ensinamento.

Gráfico 13 - Escolaridade dos consumidores da feira



Fonte: Arquivo da pesquisadora. 2015.

Portanto, podemos observar que os dados colhidos na pesquisa são de consumidores que possuem nível de estudo elevado, 34,5% têm pós-graduação. Em segundo lugar vêm 27,6 de consumidores que estudaram o ensino médio; já os consumidores que estudaram o nível superior seu percentual é de 24,1%. Mas também aparece na pesquisa o nível de estudo do ensino fundamental, 13,8% e o nível de estudo de outros cursos com 00%.

Tabela 14 - Razões que levam você a consumir os produtos orgânicos

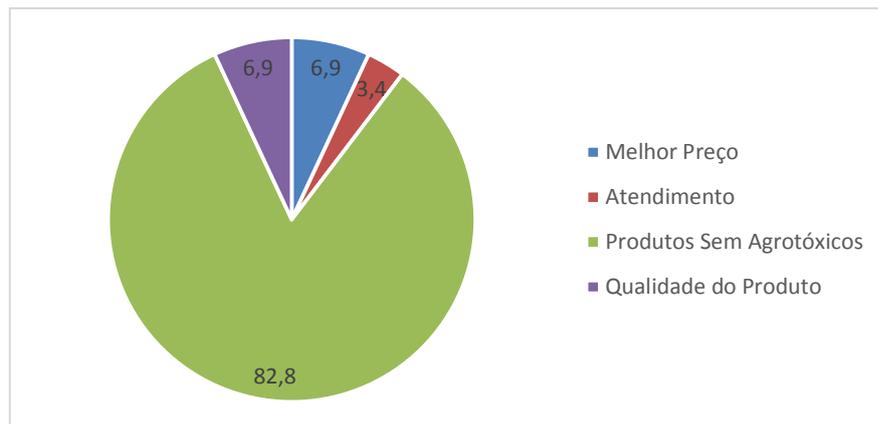
Pesquisados	Quantidade	Porcentagem %
Melhor preço	2	6,90%
Atendimento aos clientes	1	3,40%
Os produtos sem agrotóxicos	24	82,80%
A qualidade dos produtos	2	6,90%
Total	29	100%

Fonte: Arquivo da pesquisadora, 2015.

Na tabela14 observamos as opções e os resultados dos pesquisados na pesquisa sobre o incentivo de consumir os produtos orgânicos. As opções foram: melhor preço, atendimento, os produtos sem agrotóxicos e, por fim, a qualidade dos produtos. Essa parte da pesquisa teve um resultado bastante expressivo: 24 consumidores responderam que seu maior incentivo são os produtos sem o uso de agrotóxico; isso é fundamental porque eles demonstram que estão preocupados com o que vai para sua mesa, pois esse é o caminho de uma vida saudável. Conforme Caporal (2013, p. 265) a “segurança alimentar, segundo o conceito adotado no Brasil, supõe não é só a oferta e acesso aos alimentos, mas a alimentos de melhor qualidade biológica, não contaminados, que façam bem à saúde e à nutrição das pessoas”.

É nesse contexto de segurança alimentar que os agricultores da feira agroecológica da agricultura familiar camponesa trabalham e comercializam seus produtos produzidos a partir do trabalho com o manejo agroecológico e a orientação dos técnicos da CPT e COOASP. O técnico Altamir da CPT faz visita mensal e acompanhamento na feira para saber se realmente eles comercializam os produtos que têm no seu lote. Isso é fundamental para o fortalecimento do processo agroecológico e para o trabalho de ATER.

Gráfico 14 - Incentiva a consumir os produtos orgânicos



Fonte: Arquivo da pesquisadora, 2015.

Durante a pesquisa os consumidores me perguntavam se os produtos vendidos na feira eram realmente sem agrotóxicos? Isso mostra um nível de consciência em consumir produtos sem os defensivos químicos. A tabela 14 e o gráfico 14 mostram as opções e os resultados dos entrevistados na pesquisa sobre o incentivo do consumir os produtos orgânicos, as opções foram: melhor preço com 6,90%, atendimento aos clientes 3,40%, mas a resposta que surpreendeu na pesquisa foi a opção os produtos sem agrotóxico: 82,80% dos entrevistados mostravam uma preocupação em consumir produto com agrotóxicos e por último foi a opção a qualidade dos produtos, 6,90%.

Tabela 15 - Consome produtos só desta feira

Resposta	Quantidade	Porcentagem %
Sim	4	13,80%
Não	25	86,20%
Total	29	100%

Fonte: Arquivo da pesquisadora, 2015.

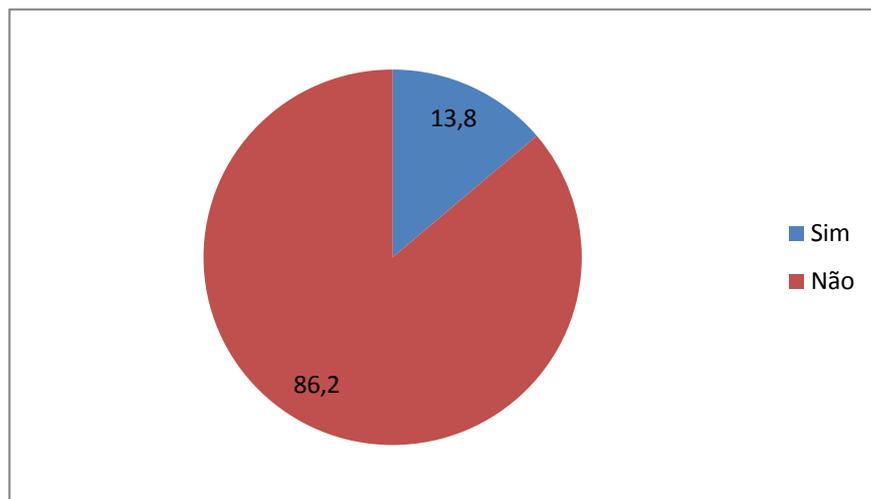
Podemos observar na tabela 15 que a maioria dos entrevistados, 86,20% não é fiel ao ponto de venda, pois eles frequentam a concorrência. Em seguida vêm 13,8% que são fiéis ao ponto de venda dos produtos orgânicos e também só consomem produtos orgânicos. Os consumidores quando indagados: você só compra aqui na feira, apresentaram as seguintes justificativas:

- Na feira não tem de todos os produtos que consumimos
- Outros falaram que falta variedade de produtos

- Outros dizem que a feira não é toda semana e vão comprar em outras feiras de produtos orgânicos.

Nesse contexto os consumidores têm razão, pois a feira só é de 15 em 15 dias. Por isso participam de outras feiras.

Gráfico 15 - Consome produtos só desta feira



Fonte: Arquivo da pesquisadora, 2015.

Podemos observar que 86,2% dos consumidores não são fiéis ao ponto de venda por conta de vários fatores já citados acima.

Tabela 16 - A principal dificuldade para consumir os produtos orgânicos

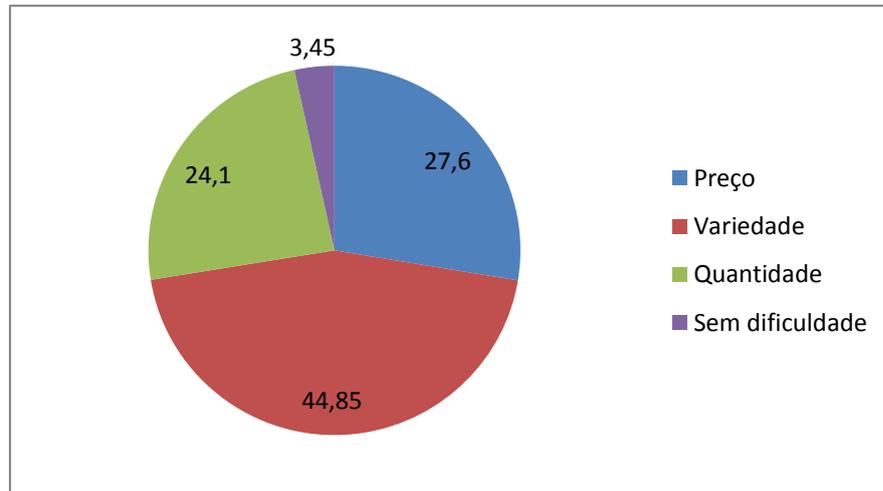
Resposta	Quantidade	Porcentagem %
Preço	8	27,60%
Variedade	13	44,85%
Quantidade	7	24,10%
Sem dificuldade	1	3,45%
Total	29	100%

Fonte: Arquivo da pesquisadora, 2015.

Podemos observar na tabela 16 que a variedade é a mais representativa, com 44,5% dos entrevistados que sentem dificuldades para adquirir os produtos, pois muitos dos consumidores entrevistados reconhecem a importância de consumir os produtos orgânicos, mas conforme os dados acima sentem dificuldade de encontrar variedades. Em seguida vem o preço dos produtos com 27,60%; conforme um consumidor ainda existe uma diferença

enorme entre o preço do produto convencional e o orgânico. Os dados apresentados na pesquisa são muito importantes para rever essa questão da variedade. Depois vem quantidade 24,10%. Também aparecem 3,45% sem dificuldade. Em relação à variedade, a pesquisa traz na sua porcentagem 44,5%; a própria pesquisa discorda, pois as figuras 05 e 06 mostram a variedade de produtos que os agricultores trazem para serem comercializados na feira.

Gráfico 16 - A principal dificuldade para consumir os produtos orgânicos



Fonte: Arquivo da pesquisadora, 2015.

O gráfico 16 acima mostra os resultados da pesquisa, as dificuldades encontradas pelos consumidores na feira orgânica da agricultura familiar do bairro dos Bancários. O fato predominante apontado pelos consumidores é a questão variedade com 44,85%; em seguida vem preço com 27,60%; já na quantidade, 24,10%; também aparecem na pesquisa 3,45% sem dificuldade para encontrar os produtos.

4.5.3 Encontro de avaliação da Feira Agroecológica após 1 ano de existência

Avaliação é um processo muito importante para os organizadores da feira. Conforme Ferreira (2001, p. 77) avaliação é um ato ou efeito de avaliar. 2. valor determinado pelos avaliadores. [Pl.:ções.]. É com esse objetivo que Iolanda, Washington, Anselmo, Aldemir, Douglas, a estagiária Josefa Vieira e os agricultores pensam uma forma de se autoavaliar para sempre agradar os consumidores da feira; foi nesse momento que todos tiveram a oportunidade de falar democraticamente, expondo suas opiniões em relação à feira. Ainda nessa avaliação foi discutido sobre a festa em comemoração ao 1º ano de existência da

mesma; em coletivo todos optaram em oferecer aos consumidores um café da manhã na feira, eles doariam os alimentos e para concluir o momento de comemoração sorteariam um balaio com alimentos. Essa ideia partiu da agricultora e feirante Rosimere (Irmã Memer) e todos aprovaram a sua ideia. É com esse espírito coletivo que funciona a feira. Conforme Ferreira (2001), coletivo é a formação de um grupo que sempre se reúne com seus membros para planejar suas ações e estabelecer a melhor forma de funcionamento de suas atividades.

Segundo a comissão organizadora da feira, na avaliação realizada no dia dois de setembro de 2015, durante essa avaliação foram avaliados os pontos positivos e negativos. Como pontos positivos, destacamos que os agricultores se sentem satisfeitos, todos disseram que a vida mudou para melhor conforme, a agricultora e feirante Luciana do Assentamento Capim de Cheiro diz que hoje seu armário está cheio antes era vazio, ela ressaltou que sua vida mudou 100%. O feirante José Fábio ressaltou que é muito gratificante ver o sorriso do cliente estampado no rosto, sempre o cliente em primeiro lugar, pois ele é a chave do sucesso, nunca atenda mal. E como pontos negativos, a queda do número de feirantes, a despesa com transporte para trazer os produtos até o local da feira, o valor que pagam está alto. A ausência de organicidade por parte de alguns feirantes com seus produtos em relação à qualidade, a higienização e a origem dos produtos; é importante que todos comercializem apenas seus produtos, assim eles terão a certificação de que são produtos de qualidade e saudáveis.

Essa avaliação sempre ocorre uma vez no mês com o objetivo de fortalecer a feira, mas também que ela seja de exemplo de qualidade e organicidade.

4.5.4 Divulgação da Feira Agroecológica através das redes sociais com apoio da CPT

A CPT tem um papel fundamental na transição agroecológica, ela apoia a organização de várias feiras na capital João Pessoa e no interior do estado. Isso fortalece a agricultura familiar. A feira do bairro dos Bancários recebe apoio dela, pois acompanha todo o processo de produção até a comercialização dos produtos, como também orienta o manejo agroecológico, faz intercâmbio e realiza visitas periodicamente às áreas de produtos. O objetivo é sempre o fortalecimento da agricultura familiar e autonomia dos agricultores, na perspectiva da transição agroecológica. A visão da CPT é que os agricultores devem comercializar produtos de qualidade, contribuindo com a segurança alimentar dos povos.

A comunicação se faz necessária para trabalhar como estratégia. Para o dicionário Aurélio (FERREIRA, 2001, p. 170), comunicação é: Sf. 1. Ato ou efeito de comunicar (-se). 2.

Processo de emissão, transmissão e recepção de mensagens por meio de métodos e/ou sistemas convencionados. 3. A mensagem recebida por esses meios. 4. A capacidade de trocar ou discutir ideias, de dialogar, com vista ao bom entendimento entre pessoas.

Nesse contexto da estratégia de mercado como uma ferramenta, o Aurélio (FERREIRA, 2001, p. 318) diz que “a comunicação é uma arte, onde cada artista, aqui visto como profissional, poderá moldá-la de acordo com suas aptidões e necessidades”.

Para buscar as ferramentas de comunicação os organizadores da feira agroecológica e feirantes optaram por vários instrumentos de comunicação: panfleto, carro de som, boca a boca, *banner*, calendário, *facebook*. Cada uma tem seu papel de contribuição. Pinho (2001 *apud* CAVALCANTE, 2008, p. 53) classifica a publicidade conforme seus propósitos e funções. A feira agroecológica trabalha com dois tipos de publicidades que são:

Publicidade de produto - pode ser identificada ao se notar que o meio está apenas divulgando o produto e levando o comprador a comprar.

Publicidade cooperativista - é quando duas ou mais empresas se juntam para divulgar o mesmo serviço ou produto, levando em consideração o produto e não as empresas.

Nesse contexto da estratégia de *marketing* os autores mostram a importância de usar as técnicas de publicidade para aumentar as vendas dos produtos de que as feiras agroecológica dispõem.

A internet contribui para os serviços de comunicação em redes sociais, tem custo aquisitivo e traz resultados imediatos. Cavalcante (2008) diz que a “internet é um dos principais meios utilizados pelo marketing direto”, pois possibilita vinculação de mensagem com informações sobre seu produto, embora se deva ter muito cuidado com o envio de mensagem direta para o endereço do cliente. Isso tem que ser pensado no momento, pois a privacidade dos clientes é de fundamental importância e contribui para a credibilidade da organização. Também quem ressalta isso é Bairon (2001 *apud* CAVALCANTE, 2008, p. 59) que diz: “Todas as vantagens oferecidas pelo *e-mail* dependem do seu responsável e funcionam melhor com listas pré-qualificadas de clientes ou listas de pessoas que concordaram previamente em recebê-los”.

Neste contexto foi fundado o grupo CPT Feiras; nesse grupo são divulgadas informações sobre a produção na Reforma Agrária através do trabalho de produção dos agricultores como também endereços dos lugares aonde são realizadas as feiras e os horários, isso é muito importante para chamar atenção dos clientes.

Outro meio de divulgação utilizado pelos organizadores com apoio da estagiária é coletar os *e-mails* dos clientes para enviar mensagens sobre a realização da feira nas quartas. Nesse processo de divulgação com a utilização do *e-mail* o autor chama atenção para que ele seja um veículo de comunicação de qualidade e de respeito com o cliente. Cavalcante (2008) diz que cabe também ao usuário verificar se as informações recebidas através dos mesmos são verdadeiras.

É muito importante essa forma de se relacionar. No momento da era digital a internet tem tudo que possa contribuir para o crescimento de uma determinada empresa ou outra coisa como a feira agroecológica. Para Cavalcante (2008), o *e-mail* se tornou uma ferramenta importante para agilização de todos os processos existentes dentro de uma organização, quer seja para processos relacionados à gestão de pessoas, quer seja para processos relacionados à gestão de clientes ou de um todo. Esse processo de administração utilizando a internet de forma correta só vai trazer benefícios para ambas as partes, administradores e clientes.

Todos os benefícios que a internet proporcionar como meio de divulgação têm um objetivo muito importante para o usuário, é o incentivo às vendas dos seus produtos; a mesma se tomou um veículo de comunicação, basta saber usar como uma ferramenta de propaganda. Pinho (2001 *apud* CAVALCANTE, 2008, p. 59) define que a propaganda é uma “técnica para influenciar ações humanas pela manipulação de representações”. Portanto a propaganda é um instrumento de comunicação muito importante para o meio de comunicação, a mesma traz utilidade pública para a sociedade e retorno financeiro para os veículos de comunicações. Também foi sistematizado um boletim informativo de divulgação da feira; o mesmo está em apêndices b para ter uma visibilidade do processo de divulgação da feira, assim também foi produzido um banner está no anexos b com um intuito de identificação do ponto de venda, reforçando a imagem da feira e a área de produção agroecológicas como parceiros a CPT e o Centro de Práticas Integradas “Equilíbrio do Ser” de forma mais precisa a apresentar para seus consumidores, todo material de divulgação produzidos foram com o apoio da CPT.

4.5.5 A Feira Agroecológica do bairro dos Bancários: festa comemorando o 1º ano de funcionamento

No dia cinco de agosto (05/08/2015), a feira agroecológica do bairro dos Bancários completou um ano de funcionamento. Para celebrar esse momento os organizadores juntamente com os feirantes planejaram a realização de uma pequena festa para comemorar o aniversário de um (01) ano de feira e três (03) anos de funcionamento do Centro de Práticas

Integradas “Equilíbrio do Ser”, esta que também é uma das organizadoras da feira. A festa foi realizada no dia trinta de setembro (30/09) na praça do Centro de Práticas Integrativas “Equilíbrio do Ser”, onde fica localizada a referida feira.

Nesse dia foram entregues aos feirantes dez (10) barracas padronizadas que eles compraram. Cada barraca custou R\$ 500,00, divididos em cinco (05) parcelas. Para o feirante José residente no Assentamento Capim de Cheiro as barracas *“ficaram muito boa, é grande cabe bastante produtos enquanto que anterior que a outra era pequena para pôr os produtos em cima, os produtos ficava espalhando no chão, essa é ótima”*. Para Lucélia, também feirante, as barracas são boas; ressaltou a importância delas, afirmando que *“essas novas barracas é muito grande dá para colocar bastante produtos em cima, estou satisfeita com a minha”*.

Em seguida foi oferecido um café da manhã para todos os clientes da feira com alimentos doados pelos feirantes, um café bem diversificado com frutas, bolo de macaxeira, pão de macaxeira e batata-doce, bolo de canela, pé de moleque, pão integral, tapioca, inhame, macaxeira, galinha de capoeira, biscoito, ovo de galinha, caldo de macaxeira com carne, café, suco e outros. Participaram aproximadamente setenta (70) pessoas como podemos ver na figura 08; superou as expectativas segundo os organizadores.

Figura 08 - Servindo o café da manhã na feira



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2015.

Por volta das dez (10) horas foi a apresentação do grupo de fantoche Los Iranzi, o mesmo é composto por uma família de argentinos e brasileiros nordestino no qual a senhora Argentina também tem uma barraca na feira a mesma comercializa massa de macarrão; o grupo abordou várias temáticas como os agrotóxicos e os alimentos saudáveis para a saúde.

Também esteve presente no aniversário da feira o grupo da terceira idade do Centro de Práticas Integradas “Equilíbrio do Ser e a humorista Gorete também se apresentou, a mesma elencou a importância de consumir alimentos saudáveis e pôr fim a importância da alta avaliação em prevenção contra o câncer.]

Figura 09- O grupo Los Iranzi



Fonte: acervo da pesquisadora(2015)

Figura 10- Apresentação do grupo Los Iranzi



Fonte: acervo da pesquisadora (2015)

Figura 11- Grupo da terceira idade



Fonte:acervo da pesquisadora(2015)

Figura 12-Apresentação humorista



Figura.acervo da pesquisadora(2015)

Após essa apresentação foi sorteado um balaio conforme a figura (13) com produtos também doados pelos feirantes; seu valor era de aproximadamente R\$ 100,00 e a ganhadora foi a dona de casa Maria José moradora do bairro de Mangabeira. A (figura 13) mostra o momento em que a contemplada recebe o balaio; a mesma ficou muito emocionada. Segundo

ela nunca tinha ganhado nada, não estava nem acreditando, mas estava muito feliz por ter ganhado o balaio de produtos, o balaio foi entregue pelos feirantes José Carlos e Luciana.

Figura 13 - Os dois feirantes entregando o balaio à contemplada



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2015.

Por volta das onze (11) horas teve uma pequena apresentação teatral por Gorete como mostra a figura abaixo sobre a violência contra a mulher e sobre as doenças causadas pelo consumo de alimentos com agrotóxico. Também a mesma ressaltou a importância prevenção do câncer de mama, fazendo o exame de prevenção. Por fim o forró pé de serra da banda Manegrafia¹⁰, este foi um dos momentos mais esperados por todos, os participantes dançaram cantaram, a alegria contagiou todos; concluíram sua apresentação distribuindo mudas de plantas nativas. Para a dona de casa Maria Tereza moradora do bairro Jardim Luna, uma das ganhadoras das mudas a feira é muito importante porque os produtos são saudáveis, o momento de distribuição de mudas também é importante.

Ainda em comemorações do aniversário da feira agroecológica foi realizado uma oficina de compostagem, na praça do Centro de Práticas Integradas “Equilíbrio do Ser” a figura mostra esse momento organizado pelos seus organizadores e passeios, a mesma tinha objetivo de reutilizar os restos de alimentos e o aproveitamento transformado em adobo para o plantio de hortaliças, participaram os feirantes, estudantes dona de casa a figura mostra.

¹⁰ Uma banda de forró pé de serra, formada por integrantes do curso de pedagogia UFPB 2011, convênio com PRONERA, INCRA, UFPB E CPT.

Figura 14 - Oficina de compostagem



Fonte: acervo da pesquisadora(2015)

Figura 15 - Durante a oficina de compostagem



Fonte :acervo da pesquisadora(2015)

Para todo isso dar certo teve um planejamento estratégico de divulgação através de rede social e de outros meios já citados anteriormente. Para Oliveira (2011).

O planejamento estratégico é o processo administrativo que proporciona sustentação metodológica para se estabelecer a melhor direção a ser seguida pela organização da feira visando ao otimizado grau de interação com os fatores externos - não controláveis - e atuando de forma inovadora e diferenciada (OLIVEIRA, 2011, p. 17).

Para o autor o planejamento estratégico é muito importante numa determinada organização, pois ele consolida os resultados esperados pelos organizadores sejam internos ou externos. Ele ainda traz a inovação metodológica como a peça fundamental para os resultados positivos. Nesse contexto os organizadores da feira trabalham com esse planejamento, a partir do momento em que se reúnem na primeira feira cada mês para avaliar a feira e ver o que pode melhorar. Assim o controle tem uma função no processo administrativo: comparar as ações estabelecidas na reunião passada, procurando mediar e avaliar o desempenho e os resultados das ações, com a finalidade de reafirmar o compromisso assumido e corrigir ou reforçando esse processo administrativo, para assegurar os resultados atingindo as metas e alcançando os objetivos estabelecidos durante as reuniões da feira (OLIVEIRA, 2011).

Conclui-se que através dessa comemoração é possível perceber a dimensão da feira. Os feirantes já conquistaram os clientes, por dois motivos: primeiro pela qualidade dos produtos e segundo pelo atendimento, pois há uma relação afetuosa entre feirante e cliente, muitos esperam ansiosos os dias da feira, fazem propaganda entre os amigos e familiares.

Segundo Washington a festa de aniversário de um ano de feira foi positiva, mostrou para os clientes, para outros espaços e Equilíbrio do Ser que a gente está organizado, foi além do esperado a festa de um ano de feira. Enquanto para os feirantes, esse momento de comemoração foi positivo também, todos saíram satisfeitos.

A figura a baixo mostra a reunião do dia 03/02/2016 da Feira Agroecológica do bairro dos Bancários, a mesma foi realizada no local da feira após o término da referida. Mas geralmente as reuniões é no local da mesma. As reuniões ocorrem sempre na primeira feira do mês após o término da feira, essa metodologia de trabalho tem dois pontos positivos: os feirantes não perdem o dia de trabalho para participar da reunião e economiza o dinheiro das passagens ou do combustível e também mingue falta na reunião.

Figura 16- Reunião dos feirantes e organizadores na praça do Equilíbrio do Ser



Fonte :acessivo da pesquisadora (2016)

Esta figura mostra o espírito de coletividade dos feirantes. Todos unidos mesmo cansados pois nos dias de feiras, eles acordam cedo para ir à feira comercializarem seus produtos. Neste espaço eles costumam ficar dialogando, analisando e planejando o cotidiano da feira. Isso é bom para o grupo, para os consumidores e todos de modo geral.

Outro momento muito importante vivido em meu estágio da residência agrária foi o dia de campo no Assentamento Capim de Cheiro Município de Caapora –PB. Esse dia de campo foi uma articulação dos organizadores da feira e os agricultores no dia 24/02/2016.

Para esse dia de intercambio foi planejado todo um aparato logístico, em relação a quantidade de consumidores convidados, transporte, café, almoço e a caminhada transversal percorrida nas áreas de plantação no total de cinco (05) áreas.

O primeiro passo do intercambio pegar as assinaturas e contatos dos consumidores no total de quinze (15). Segundo passo o transporte e por fim o horário de saída de João Pessoa.

As 7h00 nos reunimos e juntos foi feito uma oração universal para que Deus guiasse a nossa viagem e a saída, a figura mostra a nossa saída de Joao Pessoa e o entusiasmo dos consumidores. Fomos recebidos pelos agricultores na associação de Capim de Cheiro com uma belo café da manhã em seguida fizemos uma surpresa para agricultora Lucélia que estava aniversariando, a figura revela esse momento de felicidade e emoção da agricultora.

Figura 17- Viajando para o P.A: Capim de Cheiro Figura 18- O aniversário de Lucélia



Fonte: acessivo da pesquisadora (2016)



Fonte: acervo da pesquisadora(2016)

Em seguida fomos visitar as áreas, a primeira área a horta da senhora Luciana, sua horta medindo de 20m por 30m e tem uma diversidade de hortaliça plantadas, o manejo do solo é leirado e irrigação conforme a figura mostra.

Figura 19- Área de produção de Luciana



Fonte: acervo da pesquisadora(2016)

Figura 20- Plantio de maracujá de Marcos



Fonte: acervo da pesquisadora(2016)

A área de produção de Luciana é referência hoje, é tida como uma das experiência “modelo” para outras organizações, estudante universitário e feirantes de outras feiras. Depois do nosso intercambio realizado no dia 24/02/2016 já foram outros estudantes e feirantes visitar conforme dona Luciana, a figura mostra a sua experiência de trabalho, manejo e agroecológico de base familiar, sustentável para a comercialização dos produtos.

Figura 21- Os consumidores na área de produção Figura 22- Venda dos produtos no intercâmbio.



Fonte: Luciana 10/03/2016

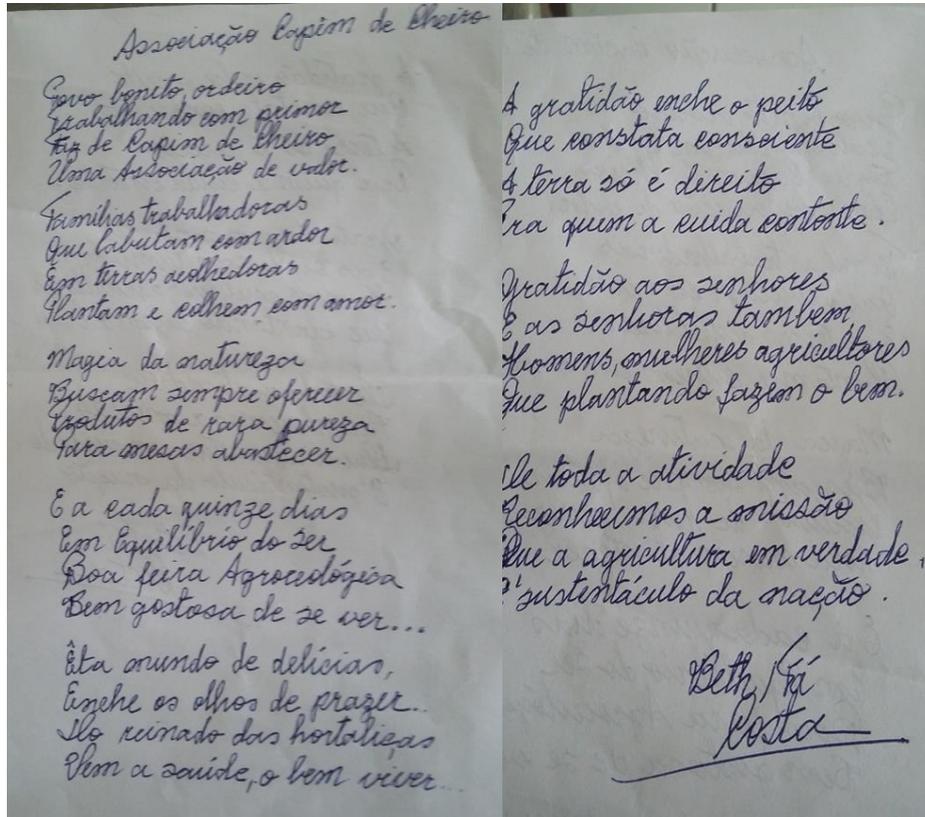


Fonte: Luciana 10/03/2016

Paramos para o almoço às 12h00 e esse almoço foi os agricultores quem ofereceram para seus consumidores, todos os feirantes contribuíram, uns doaram dinheiro outros

alimentos. Os consumidores ficaram muito feliz pela recepção e também afirmação que os produtos são agroecológicos, neste momento teve até poesia de duas consumidoras da feira.

Figura 23- Poesia construída pelas consumidoras Fatima e Beth durante o intercâmbio



Acervo da pesquisadora-2016

Este dia foi inesquecível para os feirantes e consumidores, pois foi muita troca de conhecimentos, vimos a importância do povo agricultor do campo para quem mora na cidade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Agroecologia está embasada em vários princípios pedagógicos, esses princípios são fundamentais na perspectiva da Educação Popular propiciando ao sujeito inserir-se no processo de construção de sua formação dando autonomia para desenvolver atividades que permeiam os seus objetivos, pois contextualizar o processo de educação do/no campo não é simplesmente trazer o aluno para dentro da sala de aula, mas integrar este à sua vivência o sensibilizando para a formação de intervenções críticas que contribuam em sua formação acadêmica e pessoal. A agroecologia é uma ciência com orientação transdisciplinar, onde busca possibilidades de enfrentar problema que se apresenta hoje e futuramente, especialmente na erradicação da miséria, preservação do meio ambiente e segurança alimentar dos povos. Conforme Stédile¹¹ a luta pela agroecologia não é uma luta dos agricultores, mas de toda a humanidade.

Neste sentido a Educação Popular com a agroecologia possibilitam o fortalecimento das práticas de desenvolvimento da agricultura familiar camponesa e as práticas alternativas que ajudam no desenvolvimento dos agroecossistemas. Portanto, os agricultores começaram a despertar para uma nova forma de produção na perspectiva da agricultura familiar camponesa, embasada na relação entre a agroecologia e a Educação Popular; só assim teremos melhores resultados na segurança alimentar e a preservação do meio ambiente.

Está evidente que o processo de transição agroecológica poderá avançar a partir do momento em que a sociedade se organizar para participar dos debates e práticas ligados à soberania alimentar e às formas democráticas radicais, os movimentos populares representam uma práxis, uma cultura política através das suas reivindicações para atender suas demandas, abrindo assim novos caminhos para o processo de cooperação social, de inclusão e de sustentabilidade interna e externa. As três perspectivas na pesquisa das ciências sociais, nos permitem conhecer um pouco mais sobre a importância de cada uma no processo de pesquisa, além de nos fazer refletir sobre o agravamento da crise ecológica e social que vem sendo exposta à sociedade global pelos movimentos ecologistas, principalmente nos últimos trinta anos e recentemente pelo movimento antiglobalização.

Compreendemos que essa discussão caminha numa direção de valorização do saber popular, que o agricultor adquiriu ao longo do tempo de geração para geração; nesta perspectiva percebe-se que a forma dos cientistas lidar com a natureza é diferente dos

¹¹ Fala de João Pedro Stédile durante a Jornada de Agroecologia (2015).

agricultores; enquanto os cientistas buscam legitimizar o conhecimento dos agricultores, os agricultores continuam tratando a natureza com harmonia e conseguem melhorar seus sistemas produtivos.

A feira agroecológica do bairro dos Bancários é um dos caminhos para a promoção do desenvolvimento sustentável, da segurança alimentar e do fortalecimento da Reforma Agrária, é fruto da luta dos movimentos sociais pela Reforma Agrária. É uma feira organizada pela CPT e sua comissão interna, é muito importante esse trabalho coletivo para o desenvolvimento da feira. Ao longo da pesquisa foi possível perceber que a cada dia vem crescendo na produção, a procura pelos produtos também aumentou, visto que há uma diversidade de produtos, isso atrai as pessoas.

A pesquisa possibilitou conhecer um pouco algumas feiras existentes no estado da Paraíba, também uma reflexão sobre as feiras agroecológicas, a importância delas para a segurança alimentar dos feirantes e da população urbana. A procura de produtos sem defensivos químicos é grande como mostra a tabela 14 e o gráfico 14; são 82,8% dos consumidores que consomem produtos sem agrotóxicos, isso é muito importante para o desenvolvimento sustentável e o fortalecimento das feiras agroecológicas.

Esta pesquisa trouxe resultados muito importantes, foi possível conhecer quem são os feirantes, como eles chegaram à terra, como se organizaram para participar da feira, identificar o perfil dos consumidores, enfim, conhecer todo o processo organizativo dos feirantes.

O trabalho monográfico conseguiu todos os objetivos almejados; sem dúvida, foi um trabalho árduo, cheio de dificuldades em virtude da temática, mas foi muito prazeroso desenvolver esta pesquisa ao lado de pessoas humildes que a todo instante estiveram colaborando com o trabalho.

Portanto, foi um trabalho importante, que traz resultados satisfatórios em relação à produção na perspectiva agroecológica, o perfil dos consumidores, dos feirantes e dos produtos mais comercializados. Essas feiras são resultados da luta persistente pela Reforma Agrária.

Para concluir, apresento algumas sugestões para o melhoramento da feira: Essa feira está crescendo a cada dia tanto na produção como o número de consumidores presentes nos dias de feira, podemos observar isso no decorrer da pesquisa. Então, é preciso cuidar do atendimento aos clientes, da capacitação na manipulação dos alimentos, de passar a ser uma feira semanal.

Isso vai contribuir muito mais para o fortalecimento da feira, que ela é uma feira que tem um ambiente limpo e motiva os clientes a comparecer para fazer a sua feira e conversar com seu amigo, conforme uma cliente da feira a estudante de mestrado em administração da UFPB¹², Camila Silva, que tem prazer de vir à feira porque é limpo o lugar onde os feirantes comercializam.

¹² Nome fictício para preservar a identidade da pessoa.

REFERÊNCIAS

- ALBA, Rosalino Luís. **Crédito Rural para a Agricultura Familiar: O Perfil dos Associados da Cresol Fco.** 2009. Monografia. Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE, Campus de Francisco Beltrão, 2009.
- ALTIERI, Miguel Angel. **Agroecologia: a dinâmica produtiva da agricultura sustentável.** 4. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.
- _____. **Agroecologia: bases científicas para uma agricultura sustentável.** 3. ed. rev. ampl. São Paulo, Rio de Janeiro: Expressão Popular, AS-PTA, 2012. p. 183-218.
- ANVISA - Agência Nacional de Vigilância Sanitária, 2004. Disponível em: <<http://www.anvisa.gov.br/divulga/noticias/2004/>>. Acesso em: 06 jan. 2015.
- ARAÚJO, Ismael Xavier; SILVA, Severino Bezerra. **Educação do campo e a formação Sociopolítica do educador.** João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2011.
- ARRUDA, José Jobson de; PILETTI Nelson. **Toda a História: história geral e história do Brasil.** 11. ed. São Paulo: Ática, 2002.
- BARBÉ, Luciane da Costa. **Caracterização de Consumidores e Produção dos Produtos Agroecológicos Orgânicos em Campos dos Goytacazes.** Rio de Janeiro: Universidade Estadual Fluminense Darcy Ribeiro, 2009.
- BASTOS, E. R. **As Ligas Camponesas.** Petrópolis: Vozes, 1984. 141 p.
- BATISTA, Maria do Socorro Xavier; CORREIA, Deyse Morgana das Neves; BRITO, Rosa Maria de Jesus. **Educação na Reforma agrária: Visando o Desenvolvimento Sustentável das áreas de assentamentos no Brasil.** Artigo apresentado ao VIII Congresso Latino-Americano de Sociologia Rural. Porto de Galinhas, 2010.
- BRASIL. **Plano Nacional de Reforma Agrária.** Disponível em: <[HTTP://www.Sistemas.mda.gov.br/arquivos/PNRA-2005.pdf](http://www.Sistemas.mda.gov.br/arquivos/PNRA-2005.pdf)>. Acesso em: 31 jan. 2016.
- CAPORAL, Francisco Roberto. Em defesa de um plano nacional de transição agroecológica: compromisso com as atuais e nosso legado para as futuras gerações. In: SAUER, Sérgio; BALESTRO, V. Moisés (Org.). **Agroecologia e os desafios da transição agroecológica.** 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2013.
- _____; COSTABEBER, José Antônio. **Agroecologia: alguns conceitos e princípios.** Brasília: MDA/SAF/DATER-IICA, 2004.
- CARDOSO, Aduino Lúcio. Trajetórias da Questão Ambiental Urbana: RIO 92 as Agendas 21 Locais. **Revista Paranaense de Desenvolvimento – Economia, Estado, Sociedade,** Curitiba, 2002.
- CARTILHA Agroecológica do centro colaborador em alimentação e nutrição do escolar CECANE, UFOP, 2012.

CAVALCANTE, Shirly Maria. **Gestão da Comunicação Organizacional Conhecendo as ferramentas e suas aplicabilidades**. Monografia (Graduação) - Universidade Federal da Paraíba Campus I João Pessoa, 2008.

CONSEA. **Princípios e diretrizes de uma política de segurança alimentar e nutricional**. Textos de referência da II Conferência Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional. Brasília: Editora Positiva, 2004. p. 4-10.

COSTA NETO, Canrobert. **Diversidade social e tecnológica em unidade de produção familiar**. Rio de Janeiro: CPDA, UFRRJ, 2004.

CUNHA, A. A. S. et al. **Agroecologia: um modo de vida sustentável - Assentamento Conquista da Liberdade – Piratini/RS**. Trabalho apresentado ao SINGA - Simpósio Internacional de Geografia Agrária. Belém, 2011.

EMBRAPA - Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária. **Marco referencial em agroecologia**. Brasília, DF: Embrapa Informação Tecnológica, 2006.

FERNANDES, Bernardo Mançano; MOLINA, Mônica C. O Campo da Educação do Campo. In: MOLINA, M. C.; JESUS, Sonia M. de (Org.). **Contribuições para construção de um Projeto de Educação do Campo Por uma Educação do Campo**. Nº 5. Brasília, DF: Articulação Nacional, 2004.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda (Org.). **Minidicionário da língua portuguesa**. 4. ed. rev. ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Autores Associados; Cortez, 1989. (Coleção polêmicas do nosso tempo; 4).

_____. **Pedagogia da autonomia**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GADOTTI, Moacir. Pedagogia da terra e cultura de sustentabilidade. **Revista Lusófana de Educação**, 2005.

_____. Moacir: Educação e Compromisso. Editora papicus, 1985

_____. ROMÃO, José E. (Org.). **Educação de jovens e adultos: correntes e tendências**. 12. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

GONH, M. da G. **Movimentos Sociais e Lutas Sociais na história do Brasil**. São Paulo: Loyola, 1995.

IBGE. **Censo Demográfico Populacional 2010**. Disponível em: <Http://Uirauna net/um>. Acesso em: 22 nov. 2015.

JALIL, Laeticia; BORDALO, Caroline A. **Participando sem medo de ser mulher: A trajetória de luta e participação das mulheres rurais no Brasil**. Trabalho apresentado no III Congresso Latino-Americano de Sociologia Rural. Porto de Galinhas, Pernambuco, Brasil, 2010. (GT 9).

LEFF, E. Agroecologia e saber ambiental. **Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável**, Porto Alegre, v. 3, n. 1. jan./mar. 2002.

LIMA, Kátia Soares. **A Agricultura Orgânica Produção no Brasil na Zona Rural do distrito de posse e perfil dos consumidores no empório orgânico**. 2010. Monografia (Pós-Graduação) - Universidade Cândido Mendes, Rio de Janeiro, 2010.

LUDKE, Menga; ANDRI, Marli E. D. A. **Pesquisa em Educação: Abordagem qualitativa**. São Paulo: EPU, 1986.

MACHADO, Luiz Carlo Pinheiro. As necessidades humanas, os sabores, a utopia: a agroecologia, os cerrados e sua proteção. In: SAUER, Sérgio; BALESTRO, V. Moisés (Org.). **Agroecologia e os desafios da transição agroecológica**. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

_____; MACHADO FILHO, L. C. C. P. **A dialética da agroecologia**. Contribuição para um mundo com alimentos sem veneno. São Paulo: Expressão Popular, 2014.

MAIA, Priscila de Oliveira; FERRANTE, Vera Lúcia Botta Silveira. PAA em Assentamentos Rurais: Novos modos de vida? **Retrato de Assentamentos** - revista do Núcleo de Pesquisa e Documentação Rural (NUPEDOR), Uniara Araraquara-SP, v. 17, n. 1, 2014.

MARTINS, José de Souza. **Os camponeses e política no Brasil**. As lutas Sociais no campo e seu lugar no processo político. Petrópolis: Vozes, 1961.

MATOS, Lucilda Maria Sousa. **Agricultura Familiar Informação para o Desenvolvimento Rural nos Municípios de Igarapé Açu e Marapanim-AM**. 2005. Dissertação - Universidade Federal do Pará, Núcleo de Estudos Integrados sobre Agricultura Familiar, 2005.

MOREIRA, Rodrigo Machado. **Da hegemonia do agronegócio à heterogeneidade restauradora da agroecologia: estratégias de fortalecimento de transição Agroecologia na agricultura familiar camponesa do Programa de Extensão Rural Agroecologia de Botucatu e Região - Progera**, São Paulo. 2011. Tese (Doutorado) - Programa de Doctorado em Agroecologia, Sociologia y Desarrollo Rural Sostenible - ISEC-ETSIAN, Universidad de Córdoba, Espanã, 2011.

MOREIRA, Emilia de Rodar. **O Espaço Natural Paraibano[s.d.]** Versão preliminar sujeito a alterações.

NASCIMENTOS, Lidiane Silva, MELO, Kynkanatto Gomes, PALHANO, Paulo Roberto Silva. **Feiras de Economia Solidaria: espaço pedagógico para construção da identidade da vida saudável**. Artigo apresentado no IV Fórum Internacional de Pedagogia Piauí-PI 2012 Brasil.

NERI, Marcelo Côrtes; MELO, Luísa Carvalhaes Coutinho; MONTE, Samanta dos Reis Sacramento (Org.). **Superação da pobreza e a nova classe média no campo**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. **Agricultura Camponesa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2001.

OLIVEIRA, Dilma de Pinto Rebouças de. **Planejamento estratégico: conceitos, metodologia e práticas**. 29. ed. São Paulo: Atlas, 2011.

OLIVEIRA, Hersilia Monteiro. **Cadengue de organização das mulheres**. Estratégia sobrevivência no Semiárido: O caso de Caraíba-Arco-Verde-PE. Recife, 2001.

ORDENEZ, Marlene; QUEVED Júlio. **História atende aos parâmetros curriculares do Ensino Médio**. São Paulo: Instituto Brasileiro de Edições Pedagógicas (IBEP), [s.d.]. (Coleção Horizontes).

PEREIRA, Antônio Alberto. **Pedagogia do Movimento Camponês na Paraíba: das ligas aos Assentamentos Rurais**. João Pessoa: Ideia, 2009.

PNAD. **Pesquisa Nacional Por Amostra de Domicílio**. 2014. Disponível em: <[Http://Uirauna.net/](http://Uirauna.net/)>. Acesso em: 22 nov. 2015.

RAMALHO, Ângela Maria Cavalcanti, FERREIRA, Sandra Sereide. As feiras agroecológicas espaço de politização para práticas de consumo e desenvolvimento sustentável. In: ENCONTROS NACIONAIS DA ANPUR. **Anais**. v. 15, 2013. Disponível em: <<http://unuhospedagem.com.br/revista/rbeur/index.php/anais/article/view/4382/0>>. Acesso em: 10 fev. 2016.

RODRIGUES, Maria de Fátima Ferreira et al. **Agricultura orgânica e feira agroecológica como estratégias de complementação de renda em assentamentos rurais da zona da mata paraibana**. Trabalho apresentado no X Encontro de Extensão. João Pessoa, 2009. Disponível em: <<http://www.prac.ufpb.br/anais/XIenexXIIenid/index.html>>. Acesso em: 10 fev. 2016.

SCHMIDT, Mário Furley. **Nova História crítica**. São Paulo: Nova Geração, 1999.

SCHOTTZ, Vanessa; CINTRÃO, Rosângela Pezza; SANTOS, Rosilene Mendes dos. Convergência entre a Política Nacional de SAN e a construção de normas sanitárias para produtos da Agricultura Familiar. **Visa em Debate**, ano 2, n. 4, p. 115-123, 2014. Disponível em: <<http://www.visaemdebate.incqs.fiocruz.br/>>. Acesso em: 01 fev. 2016.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. 23. ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2012.

_____. **Metodologia do Trabalho Científico**. 23. ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, Ivanilson Batista. **A formação da identidade camponesa: O caráter educativo da luta pela terra nos Assentamentos Amarela I e II/São Miguel de Taipu-PB**. 2011. Monografia (Graduação) - Universidade Federal da Paraíba, UFPB, João Pessoa, 2011.

SILVA, T. M. M. **A Presença das Ligas Camponesas na Região Nordeste**. Trabalho apresentado no XIX Encontro Nacional de Geografia Agrária - XIX ENGA, São Paulo: Movimentos Sociais, 2009. v. XIX.

SOUZA, Aline Ramalho Dias de. **Análise do comportamento do consumidor e do produtor/comercializador de hortifrúti orgânicos da região metropolitana de Belo Horizonte, MG.** 2011. Dissertação. Faculdade de Ciências Empresariais da Universidade FUMEC, 2011.

STAMATO, Beatriz. **Pedagogia fome versus alimentos:** contribuições para novo projeto educacional de Ciências Agrárias no Brasil a partir do programa de formação cursos técnicos de ATER em Botucatu / SP e grau em Agroecologia. 2012. Tese (Doutorado Curriculum Programa Inovación e Pratica Socioeducativa) - Educación Faculdade, Universidade de Córdoba, na Espanha, 2012.

STEDILE, João Pedro (Org.). **A questão agrária no Brasil:** o debate tradicional-1500-1960. São Paulo: Expressão popular, 2005.

STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (Org.). **Dicionário Paulo Freire.** 2. ed. rev. ampl. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

VIEIRA, Josefa Francisca da Silva. **Educação do Campo na Escola Municipal Santa Lúcia (Araçagi-PB):** entre desafios e possibilidades. Monografia (pós-graduação) - Universidade Federal da Paraíba – UFPB, Bananeiras – PB, 2015.

WANDEIRLY, Maria Nazaré B. **A ruralidade no Brasil moderno.** Por um pacto social pelo desenvolvimento rural? Uma nueva ruralidade em América Latina? Buenos Aires: CLACSO, 2001.

_____. **A Valorização da agricultura familiar e a reivindicação da ruralidade no Brasil.** Desenvolvimento e meio ambiente: a reconstrução da ruralidade e a relação sociedade natureza. Curitiba: Editora da UFPR, 2000.

APÊNDICES

APÊNDICE A - Questionário sobre o levantamento do perfil dos feirantes da Feira Agroecológica do Bairro dos Bancários em João Pessoa.



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS E AMBIENTAIS
CAMPUS II-LAGOA SECA-PB
ESPECIALIZAÇÃO EM AGROECOLOGIA E EXTENÇÃO RURAL.

Prezado (A) Feirante

Solicitamos sua colaboração no sentido de responder as questões abaixo relacionadas, de modo a contribuir com a pesquisa. As respostas deste questionário serão utilizadas como dados e estudos da monografia da estudante Josefa Francisca da Silva Vieira.

Questionário-Feira Agroecológica _____

Data ___/___/_____

Nome Completo _____

1º Você é natural de onde?

2º Quantos anos você tem?

3º Você recebe algum benefício do governo federal?

4º Qual seu nível de escolaridade?

5º Quantos filhos você tem?

6º Quem é o titular da terra?

7º Qual o tamanho do lote?

8º Você usa algum defensivo natural?

9º O que diferencia esta feira das feiras tradicionais?

10º Você participa de outra feira agroecológica? Qual?

OBRIGADA!!!

APÊNDICE B - Questionário sobre o levantamento do perfil dos consumidores da Feira Agroecológica do Bairro dos Bancários em João Pessoa.



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAIBA
CENTRO DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS E AMBIENTAIS
CAMPUS II-LAGOA SECA-PB
ESPECIALIZAÇÃO EM AGROECOLOGIA E EXTENSÃO RURAL

Prezado Consumidor

Solicitamos sua colaboração no sentido de responder as questões abaixo relacionadas, de modo a contribuir com a pesquisa. As respostas deste questionário serão utilizadas como dados e estudos da monografia da estudante Josefa Francisca da Silva Vieira.

Questionário do Perfil dos consumidores de produtos hortifrutigranjeiros da Feira Orgânica da Agricultura Familiar da Praça do “Equilíbrio do Ser” Bairro dos Bancários- JP.

QUESTIONÁRIO

1. Naturalidade:

2. Bairro:

3. Sexo:

() Masculino () Feminino

4. Idade:

() Até 20 anos () 21 a 30 anos () 31 a 40 anos

() 41 a 50 anos () 51 a 60 anos () acima de 61 anos

5. Renda Familiar:

() 0 a 2 salários-mínimos () 3 a 5 salários-mínimos

() 6 a 10 salários-mínimos () Acima de 10 salários-mínimos

6. Escolaridade:

Ensino Fundamental Ensino Médio

Ensino Superior Pós- Graduação outros _____

7. O que levou você a consumir os produtos orgânicos?

Melhor preço Os produtos sem agrotóxicos

Atendimento aos clientes A qualidade dos produtos

8. Você consome produtos só desta feira?

Sim Não

9. Qual a principal dificuldade para consumir os produtos orgânicos?

Preço Variedade Quantidade

Declaro que li e entendi as perguntas deste questionário e sou voluntário (a) para responder essas perguntas e fazer parte desta pesquisa.

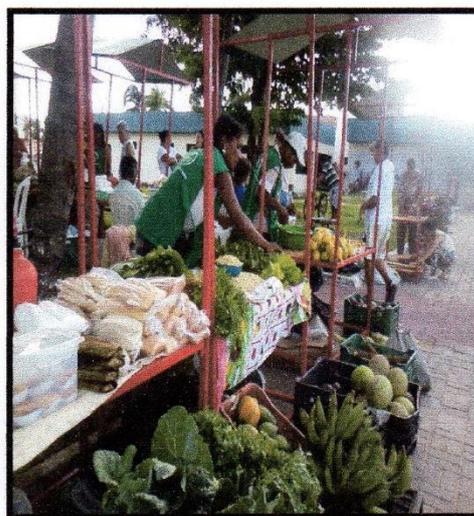
Nome _____

Pesquisadora _____

APÊNDICE B - Figura do Boletim Informativo

BOLETIM INFORMATIVO SOBRE A FEIRA AGROECOLÓGICA DO
BAIRRO DOS BANCÁRIOS -JOÃO PESSOA

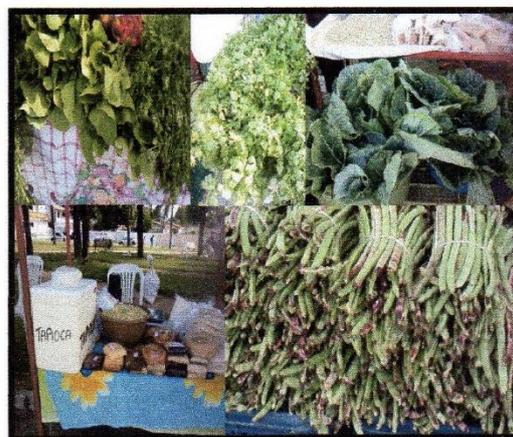
João Pessoa, Setembro de 2015



A feira Agroecológica, localizada no Bairro dos Bancários em João Pessoa, é fruto do trabalho dos agricultores e agricultoras da Reforma Agrária da Paraíba dos Assentamentos Marina Alhandra, Capim de Cheiro Caaporã - PB. Ela é realizada no dia de quarta-feira, sendo no período quinzenal, no horário das 7h00 as 14h00.

A feira foi idealizada por uma integração da Comissão Pastoral da Terra (CPT) e representantes da Clínica “Equilíbrio do Ser”. A mesma teve seu início em agosto de 2014, conforme um dos organizadores, a partir de um convite de um funcionário da Clínica Equilíbrio do Ser no Bairro dos Bancários na Capital João Pessoa-PB. Segundo um dos coordenadores, a coordenadora da CPT, recebeu o convite deste funcionário para organizar uma feira no referido local, então foi realizada uma reunião com a coordenação da CPT, os agricultores e um representante da Prefeitura Municipal de João Pessoa.

Ela é composta por 10 feirantes, eles produzem e comercializam diversos produtos, entre eles podemos destacar os seguintes: feijão verde, abacaxi, mamão, banana, macaxeira, inhame, melancia, manga, ovos de galinha, pão de macaxeira, coco verde, couve, coentro, cebolinha, alface, cenoura, berinjela, bolos, polpas de frutas, goma, beiju, todos são produzidos sem o uso de agrotóxicos.



BOLETIM INFORMATIVO SOBRE A FEIRA AGROECOLOGICA DO BAIRRO DOS BANCÁRIOS -JOÃO PESSOA

João Pessoa, Setembro de 2015

Em um diálogo com a feirante Luciana de xxx anos do Assentamento Capim de Cheiro localizado no município Caaporã, ela afirma que sua vida mudou 100%, através das suas vendas na feiras,foi possível comprar alguns eletrodomésticos,como por exemplo a sua geladeira.

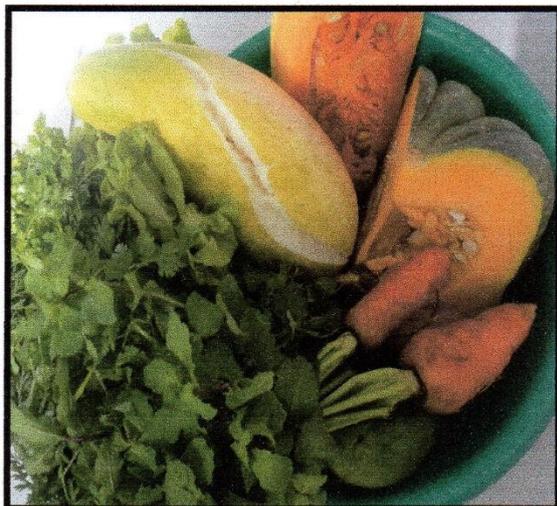
Trabalhar na perspectiva da transição agroecológica nas áreas de Assentamentos da Reforma Agraria é muito importante, pois motiva os camponeses a desenvolver práticas educativas para ampliar a sustentabilidade socioeconômica, ambiental e cultural.

Os feirantes recebem apoio da CPT, Coletivo de Permacultura do Equilíbrio do Ser, tem um papel fundamental, pois orientam e acompanham o funcionamento da feira junto aos produtores.

Portanto a diversidade de produtos presentes na feira agroecologica contribui para a segurança alimentar e qualidade de vida das famílias que consomem os produtos agroecologicos e também para o equilíbrio dos agroecossistemas, esses produtos comercializados na feira do Bairro dos Bancários são oriundos da agricultura familiar camponesa.



*“se o campo não planta a
cidade não janta”.*



Realização:

Permanecer
Coletivo de Permacultura
do Equilíbrio do Ser



APÊNDICE C e D- Figura das fichas do café e do sorteio do balaio da festa de 1 ano de feira

**Ficha do Café da Manhã
30/09/2015**



**Ficha do sorteio do balaio
30/09/2015**



APÊNDICE D - Declaração para realizar a pesquisa na Feira Agroecologica



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS E AMBIENTAIS
CAMPUS II-LAGOA SECA
ESPECIALIZAÇÃO EM AGROECOLOGIA

Aluna: Josefa Francisca da Silva Vieira

Autorização

Eu WASHINGTON Di CARLO A. SANTOS,
 Organizador da Feira Agroecologica, localizada no bairro BANDEIRAS,
 em João Pessoa PB. Autorizo a estagiaria **JOSEFA FRANCISCA DA SILVA VIEIRA**, realizar a pesquisa na referida para o trabalho de conclusão do curso de Especialização em Agroecologia da turma Margarida Maria Alves da Universidade Estadual da Paraíba. Também autorizo o uso do arquivo e das fotos da feira em sua pesquisa.

Washington A. Santos

Organizador da Feira Agroecologica

Josefa Francisca da S. Vieira

Estagiaria

João Pessoa 21/11/2014

APÊNDICE E- Foto das barracas que compõem a Feira Agroecológica do bairro dos Bancários-Joao Pessoa-PB em 2016.



ANEXOS

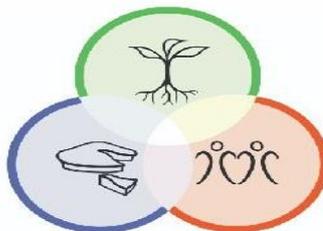
ANEXO A - Panfleto da Feira

Feira do Equilíbrio do Ser



Direto do Produtor
Para sua Mesa

Quarta-Feira (Toda 2ª e 4ª semana do mês)
Das 09:00 as 16:00
(Bairro Bancários- Ao lado da Auto-Escola Livramento)

- Produtos Orgânicos- Alimentação
Natural- BrechóRealização:

Permanecer
Coletivo de Permacultura
do Equilíbrio do Ser



ANEXO B - Registro do *banner* da Feira Agroecológica

FEIRA ORGÂNICA DA AGRICULTURA FAMILIAR EQUÍLIBRIO DO SER

A Feira Orgânica da Agricultura Familiar surgiu no início de agosto de 2014, a partir de um diálogo com os terapeutas do Centro de Práticas Integrativas e Complementares Equilíbrio do Ser, pacientes e agricultores (as).

A ideia do espaço é realizar comercialização e proporcionar uma melhor qualidade de vida aos pacientes, moradores do local e os agricultores da Agricultura Familiar, ampliando o consumo de alimentos saudáveis e melhorando a qualidade de vida.



**A FEIRA ACONTECE QUINZENALMENTE
NAS QUARTAS - FEIRAS DAS 07 às 14 hs**

Realização:



PermaneSER
Coletivo de Permacultura do Equilíbrio do Ser



Apoio: SEDES



ANEXO C - Documento informativo sobre a Feira

INSERIR O NOME DA SUPERINTENDÊNCIA CORRESPONDENTE



João Pessoa, 29 de abril de 2015.

Feira da reforma agrária conquista clientela na Zona Sul de João Pessoa (PB)

Quem passa pela Avenida Sérgio Guerra – a principal via do bairro dos Bancários, na zona sul de João Pessoa – se surpreende com a qualidade dos alimentos de uma feira agroecológica que, há cerca de seis meses, comercializa a produção de agricultores dos assentamentos da reforma agrária Capim de Cheiro, em Caaporã e dos acampamentos Ponta de Gramame, na zona rural de João Pessoa, e Marinas do Abiaí, em Pitimbu. A feira acontece a cada 15 dias, sempre às quartas-feiras, das 7h às 14h, na praça onde funciona o Centro de Práticas Integrativas em Saúde (Cepics) Equilíbrio do Ser, da Prefeitura da capital.

Entre os 50 tipos de produtos comercializados por cerca de 15 feirantes em barracas cobertas com lona verde estão verduras, hortaliças, frutas, raízes, bolos, pães e peças de artesanato.

Clientes de todas as idades já descobriram a feira e aproveitam a interação com os assentados e acampados feirantes para aprenderem mais sobre a reforma agrária e fazerem novas amizades, como as amigas Gilvanete Dantas, 62 anos, e Joivanete Alves, de 65 anos, que se conheceram enquanto escolhiam os alimentos que levariam para casa.

A professora aposentada Gilvanete só tem elogios à feira. “Aqui é como se fosse a extensão do sítio do meu pai. Toda vez que venho faço questão de visitar todos as barracas. O carisma dos feirantes motiva a gente a comprar”, disse.

“Ficamos amigas e estamos combinando visitar juntas o pessoal do Acampamento Marinas do Abiaí. O povo de lá é muito agradável”, afirmou Joivanete, que já conheceu pessoalmente as hortas mantidas pelas famílias do acampamento e pretende, na próxima visita, levar a amiga Gilvanete.

O marido de Joivanete, o aposentado Severino das Chagas, de 66 anos, costuma acompanhar a esposa nos dias de feira. “Gosto dessas feiras porque é tudo produto de qualidade, sem agrotóxicos”, disse.

A aposentada Adélia Albuquerque, de 81 anos, é outra cliente assídua da feira dos Bancários. Com sacolas cheias de cebolinha, coentro, tomate cereja, manga, macaxeira, inhame, pão e bolo, ela e a neta Patrícia Albuquerque, 43 anos, elogiaram a organização e a qualidade dos produtos comercializados por assentados da reforma agrária e pelos agricultores acampados. “Aqui é ótimo. Os feirantes são muito atenciosos. Já frequentamos outra feira agroecológica, mas prefiro esta porque é mais tranquila”, disse Dona Adélia.

Para a agricultora Lucélia Ferreira da Costa, 33 anos, do Assentamento Capim de Cheiro, que também comercializa sua produção na feira livre de Goiana, município pernambucano localizado na divisa com o estado da Paraíba, os clientes da feira dos Bancários, um bairro de classe média localizado próximo às duas principais universidades da capital, são especiais. “Aqui os clientes são muito legais. A gente faz novas amizades e aumenta a renda da família. Eu praticamente não volto com nenhum produto para casa”, disse Lucélia, que vende na feira feijão verde, couve, tomates cereja e cajá, rúcula, berinjela,

Assessoria de Comunicação Social – Incra-PB
 Jaimaci Martins (8121-3864) jaimaci.martins@jpa.incra.gov.br
 kalyandra Vaz (8610-1118) kalyandra.vaz@jpa.incra.gov.br/
 Ascom: 3049-9259
 www.incra.gov.br imprensa@incra.gov.br

Ministério do
 Desenvolvimento Agrário

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
 PÁTRIA EDUCADORA

INSERIR O NOME DA SUPERINTENDÊNCIA CORRESPONDENTE



coentro, alface e cebolinha, além de banana, mamão, jaca, acerola, fruta-pão e coco verde.

Quem também comercializa seus produtos na feira é a agricultora Alexandra Lima, 40 anos, do Assentamento Padre Gino, em Sapé. A assentada, que também vende seus produtos na feira da reforma agrária que funciona às sextas-feiras no Campus da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) em João Pessoa, produz pães de sabores variados, como macaxeira, batata-doce, jerimum e integral, além de manteiga e maionese de soja. As receitas foram aperfeiçoadas com um curso promovido pelo Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai).

“O bairro dos Bancários é muito interessante para abrigar nossa feira porque aqui vivem muitas pessoas que se interessam por produtos orgânicos, por uma alimentação mais natural”, disse Alexandra, ressaltando que o fato de a feira funcionar em frente ao Equilíbrio do Ser contribui para o grande número de clientes.

O Equilíbrio do Ser é mantido pela Prefeitura de João Pessoa e oferece aos usuários atendimentos individuais e práticas coletivas em medicina tradicional chinesa, acupuntura, craniopuntura, auriculoterapia, ventosa, moxabustão, tai chi chuan, homeopatia, fitoterapia, terapia floral, reiki, entre outras terapias.

Feira no Ponto de Cem Réis

Alguns dos feirantes da feira do bairro dos Bancários também participam da feira realizada toda primeira terça-feira do mês no Ponto de Cem Réis – uma praça no centro de João Pessoa. A feira, criada no final de 2013, é promovida pela Comissão Pastoral da Terra (CPT), com apoio da Superintendência Regional do Incra na Paraíba (Incra/PB) e da P.M de J.Pessoa.

PppppppPrefeitura de João Pessoa.

Assessoria de Comunicação Social – Incra-PB

Jaimaci Martins (8121-3864) jaimaci.martins@jpa.incra.gov.br

kalyandra Vaz (8610-1118) kalyandra.vaz@jpa.incra.gov.br/

Ascom: 3049-9259

www.incra.gov.br imprensa@incra.gov.br

Ministério do
Desenvolvimento Agrário



ANEXO D- Documento informativo sobre a oficina

QUARTA TEM!

14/10



OFICINA DE COMPOSTAGEM

9h na Feira do Equilíbrio do Ser
venha aprender a transformar
os restos de cozinha
em um ato de cidadania